

Impressão

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

A

UMA EDIÇÃO COMENTADA

DOS

LUSÍADAS



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1915

Sala	3
Gab.	32
Est.	20
Tab.	24
N.º	24

DR. J. M. RODRIGUES - ALGUMAS OBSERVAÇÕES A UMA EDIÇÃO COMENTADA DOS LUSÍADAS - 1915

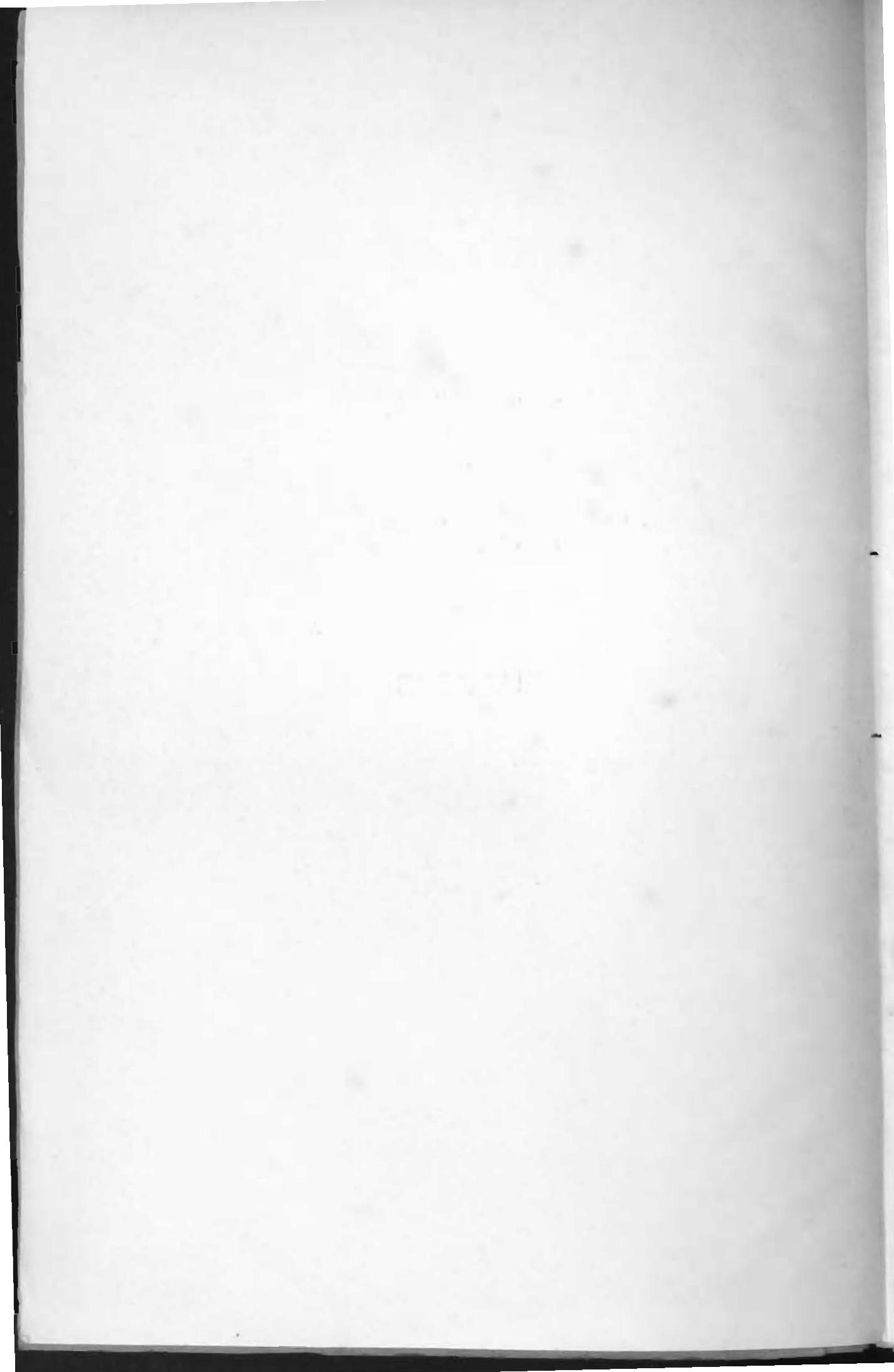
ALGUMAS OBSERVAÇÕES

^

UMA EDIÇÃO COMENTADA

DOS

LUSÍADAS



DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

A

UMA EDIÇÃO COMENTADA

DOS

LUSÍADAS



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1915

Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*

Vol. II-IV

Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas¹

I

1. Comentário à palavra «Rodamonte» de I, 11, 7: «Rodamonte (forma popular, devida a dissimilação, de «Rodomonte») é personagem do *Orlando innamorato* de Boiardo (+ 1494)».

«Rodamonte» não é uma forma popular de «Rodomonte»; é um nome inventado pelo conde de Scandiano, Matteo Maria Boiardo, autor do *Orlando Innamorato*. E «Rodomonte» não é anterior, é posterior a «Rodamonte»: é uma modificação feita pelo autor do *Orlando Furioso*, Lodovico Ariosto (1474-1533), no nome cuja paternidade pertence a Boiardo².

Trata-se de um facto bem conhecido na história da literatura italiana. «Rodamonte, diz G. Stiavelli, è personaggio inventato di sana pianta dal Boiardo. Narrasi che il conte Matteo Maria, trovato ch'ebbe questo nome, dopo un pensar lungo e faticoso, fece sonare a festa tutte le campane di Scandiano, il paesetto suo, in segno di gran jubilo. «E non è Rodamonte, che è rimasto vivo, è Rodomonte!» (il Rodomonte dell'Ariosto) dice il De Sanctis; e qui dice vero purtroppo!»³.

Por seu lado, em uma das notas ao *Orlando Furioso* escreve G. Casella: «*Rodomonte*. È un nome di personaggio inventato dal

¹ LUIS DE CAMÕES. *Os Lusíadas commentados por Augusto Epiphany da Silva Dias*. Porto, Magalhães & Moniz, 1910; dois tomos.

² Outra modificação da palavra é o «Roramonte» de Francisco de Moraes, na *Cronica de Palmeirim de Inglaterra*, cap. 30, etc. Camões preferiu a forma primitiva, tal como Boiardo a inventara.

³ *Conte Matteo Maria Boiardo da Scandiano, Orlando Innamorato con commento di G. Stiavelli e illustrazioni artistiche di Leonida Edcl.* Roma, 1894. Pag. 279-280.

Boiardo; ed è fama che se ne compiacesse tanto che per questo trovato fece sonare a festa le campane del suo castello di Scandiano. Egli però, a dir vero, lo scrive Rodamonte, ed è l'Ariosto che lo ridusse alla forma ora comunemente usata»¹.

2. Comentário a I, 51, 1-2: «A nympha Callisto, que teve amores com o rei dos deoses, foi metamorphoseada em ursa (em grego: arctos) por Juno, e depois, juntamente com Arcade (*Arkas*), fructo d'aquelles amores, collocada no ceo, onde Callisto é a constellação da Ursa Maior, e Arcade a da Ursa Menor (v. Ov., *Fast.* II, 155-192: *Met.* II, 409-531)».

Ovidio não diz, como a citação faz supor, que Arcade fosse transformado na constellação da Ursa Menor.

Se nas *Metamorfoses* se limita à informação de que Júpiter fez de Calisto e do filho constellações proximas, *vicina sidera*², nos *Fastos* é bem explicito a respeito do nome de cada uma delas:

Signa propinqua micant. Prior est, quam dicimus Arcton,
Arctophylax formam terga sequentis habet.

(II, 189-190).

Ora Arctophylax, a *guarda da ursa*, a constellação em que foi transformado Arcade, filho de Júpiter e de Calisto³, nada tem com a Ursa Menor: é o Bootes ou Arcturo, a que Camões junta respectivamente os epitetos de *gelado* (III, 71, 7) e *congelado* (I, 21, 6).

¹ L'Orlando Furioso di Lodovico Ariosto con note e discorso proemiale di Giacinto Casella. Firenze, 1905. Pag. 254.

A propósito de Agramante (*Furioso* 1, 6), observa Casella: «È un bel nome da epopea trovato dal Boiardo, gran trovatore, come notò il Baretti, di nome poetici». Sobre o merecimento poético do conde de Scandiano e sobre as relações entre os dous poemas — o *Orlando Innamorato* e o *Furioso* — veja-se a valiosa obra de Pio Rajna, *Le fonti dell'Orlando Furioso*. Firenze, 1900, pag. 40 e segg.

² Juno tinha metamorphoseado Calisto em ursa e Arcade, que andava á caça, preparava-se para a matar, mas a isso obstou

... Omnipotens, pariterque ipsosque nefasque
Sustulit, et celeri raptos per inania vento
Imposuit caelo, vicinaque sidera fecit.

(II, 505-507).

³ «Das Sternbild Arkturos oder Arctophylax gilt für Arkas, der zugleich mit seiner in die Bärin verwandelten Mutter Kallisto an den Himmel versetzt wurde». Roscher, *Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, I, 555-556. Leipzig, 1884-1886.

«BOOTES (Arctophylax), ein Sternbild der nördlichen Halbkugel in der Nähe des grossen Bären, bestehend aus einem Stern erster Grösse (Arkturos), vier Sternen dritter, neun Sternen vierter und ebensoviel fünfter Grösse... Nach Suidas und Servius würde gelegentlich auch das ganze Sternbild mit Arkturos bezeichnet»¹.

Na Ursa Menor não foi transformado Arcade, o filho da ninfa Calisto, mas sim Cinosura², uma das duas amas que criaram Júpiter no monte Ida, em Creta. «Die kleine Bärin befindet sich in der Nähe der grossen. Der äusserste Stern derselben im Schwanze, der Polarstern, heisst Kynosura, wie auch das ganze Gestirn gennant wird; die idäische Nymphe Kynosura, Amme des Zeus, war von diesem als Bärin an den Himmel versetzt»³.

3. Do comentário a II, 55, 5-6⁴: «Houve lapso de memoria em Camões, quando representou Jupiter empregando neste momento o verbo «mostrar» no preterito. Outro tanto aconteceu a Tito Livio, que depois de dizer, com respeito ao anno de Roma de 544, que a tomada de Agrigento pelo consul Levino se deu *jam magna parte anni circumacta* (XXVI, 40), ao historiar os acontecimentos militares da Hespanha no mesmo anno, representa Publio Scipião referindo-se, em uma allocução proferida no principio da primavera (*principio veris*), á tomada d'aquella cidade da Sicilia como a facto já realizado: *in Sicilia Syracusae, Agrigentum captum* (XXVI, 41)».

Não ha neste passo de Tito Livio nenhum lapso de memoria.

A tomada de Agrigento foi no ano de Roma de 544 e os acontecimentos militares de Hespanha, narrados em seguida, deram-se, não no mesmo ano, como afirma o comentário, mas no de 545.

Podia porisso o historiador romano fazer dizer a P. Scipião, no

¹ Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie für klassische Altertumswissenschaft*, V, 717-718. Stuttgart, 1889.

² Cf. *Lusiadas*, X, 88, 3, e 125, 3.

³ Roscher, *Lexikon* cit., I, 555. A outra ama, Hélice, foi transformada na Ursa Maior. Era esta a lenda de Creta, que Ovidio põe aqui de parte, para dar preferênciã a Homero, que ainda não reconhece como constelação a Ursa Menor, mas só a Maior. Veja-se Buchholz, *Die homerischen Realien*, Leipzig, 1871. Tomo I, 1.^a parte, pag. 38-39.

⁴ Júpiter diz a Venus, quando Vasco da Gama vai a caminho da Índia:

... Nunca se verá tam forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreals ondas ao Estreito
Que mostrou o agravado Lusitano.

principio da primavera de 545: *in Sicilia Syracusae, Agrigentum captum*, pois se tratava de factos que se haviam dado em anos anteriores.

A passagem aduzida não permite hesitações.

Com efeito, depois de concluir por estas palavras — *Et, quod ad Siciliam attinet, eo anno debellatum est* — a narrativa do que se passou na Sicilia no ano de 544, Tito Lívio prossegue (XXVI, 41): «In Hispania principio veris P. Scipio, navibus deductis evocatisque edicto Tarraconem sociorum auxiliis, classem onerariasque ostium inde Iberi fluminis petere jubet».

Ora, neste autor, as palavras *principio veris*, sem a indicação clara e precisa de que se tratava da primavera do mesmo ano cujos acontecimentos acabavam de ser referidos, são concludentes a respeito do ano, em que se passaram os factos cuja narração vai seguir-se.

O *principio veris* é o começo da primavera de 545.

Se o ano a que pertence esta primavera fosse ainda o de 544, Tito Lívio ter-se-ia servido de uma fórmula correspondente ás que se leem, por exemplo, em XXVII, 17, e em XXVIII, 5 e 9: «*Aestatis eius principio, qua haec agebantur; Principio aestatis eius, qua haec sunt gesta; Extremo aestatis eius, qua haec in Graecia gesta sunt*».

E ninguém tem dúvidas a respeito do ano em que devem collocar-se os feitos militares — coroados pela tomada de Cartagena —, que Tito Lívio narra em XXVI, 41-51, isto é, no trecho que começa pelas palavras *In Hispania principio veris*.

Basta citar Th. Mommsen, *Römische Geschichte* (10.^a edição, Berlim, 1907), que, depois de ter mencionado a entrega de Agrigento no ano de 544 (I, 623), escreve dez paginas adiante: «Plötzlich im Frühjahr 545 (é o *principio veris* de Tito Lívio), ehe noch die feindlichen Heere sich in Bewegung setzten, brach Scipio gegen diese Stadt (Neukarthago)».

Deve ainda notar-se que a data destes acontecimentos militares na Hespanha — 545 e não 544 — é bem conhecida pela importância que eles tiveram na segunda guerra púnica. «Von dem tollkühnen aber glücklich gelungenen Handstreich, durch den der junge P. Scipio den Untergang seines Vaters und Oheims rächend im J. 545 = 209 v. Chr. die Stadt (*Carthago nova*) erobert, datirte der Umschwung im Erfolg der römischen Waffen gegen Karthago» †.

† Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie*, VI, 1621.

4. Do comentário a III, 1, 5-6 ¹. «As nymphas Clycie (*Clytie*) e Leucóthoe (ou antes «Leucóthee» ²) foram também amadas de Apollo (Ov., *Met.* IV, 194-270; F S ³)».

A Leucotóe (Leucótoe) dêste passo dos *Lusiadas* nada tem com a filha de Cadmo, Ino, que, depois de transformada em divindade ⁴, ficou tendo o nome de Leucótea ou Leucótee ⁵.

É certo que esta alguma vez aparece com o nome de Leucótoe, mas a Leucótoe do poeta é que não pode dizer-se que é «antes Leucótea», pois foi sempre chamada Leucótoe.

É assim que no *Lexikon* de Roscher, ao artigo *Leucothea*, — *thee*, se segue outro — *Leucothoe* —, em que se mostra que êste nome foi dado a) a Leucótea, b) a uma Nereida, e c) à filha de Órcamo, amada de Apolo.

E no artigo *Leucothea* tinha-se observado que esta é chamada Leucótoe por Propércio 3, 21 (3, 26), 10, e 3, 24 (3, 28), 20, e por Higino.

Mas o que aí se não diz é que a Leucótoe a que se refere Camões fosse também chamada ou se devesse chamar Leucótea.

Em um comentário áqueles dois autores é que viria a propósito dizer-se: «Leucóthoe ou antes Leucóthea»; nós *Lusiadas* está o nome que deve estar ⁶.

¹ Invocando Calíope, Camões deseja-lhe que Apolo a não abandone por outros amores:

Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe
Te negue o amor devido, como soe.

² Nas erratas emenda-se para *Leucothea* e no registo philologico (II, 340) explica-se a mudança de acento, que faz rimar *Leucothoe* com *soe*.

³ Isto é: Faria e Sousa.

⁴ Cf. *Lusiadas*, VI, 23. Na passagem das *Metamorfoses*, que se cita no comentário, trata-se de Leucótoe, filha de Órcamo e de Eurinome, e amada de Apolo. Da transformação da filha de Cadmo na deusa Leucótee se ocupa Ovídio em outro lugar das *Metamorfoses*, em IV, 416 e segg. Cf. *Fastos*, VI, 485 e segg.

⁵ As duas desinências representam formas dialectais gregas.

⁶ No comentário a VI, 22, 5-6, torna a dizer-se: «Tendo na mente o lugar de Ovídio em que o Sol se dá a conhecer a Leucothea por estas palavras: *Ille ego sum... | omnia qui video, per quem videt omnia tellus, | mundi oculus* (*Met.* IV, 226-228).»

Ora abra-se qualquer edição das *Metamorfoses* e ver-se-á que desde o verso 194 até 255 do l. IV se fala de Leucótoe e não de Leucótea, que de comum só tem o primeiro elemento componente da palavra. *Incenso branco* significa, parece, a primeira palavra e *deusa branca* quer dizer a segunda. Veja-se Roscher, *Lexikon* citado.

Eis os dois passos das *Elegias*, em que Propércio chama Leucótoe á deusa

5. Comentário a III, 7, 7¹: «Troia triumphante] lembra o *superbum Ilium* da *Eneida* (III, 2-3)».

A *Troia triunfante* de Camões é a *Troia vittrice* desta estância do *Orlando Furioso*:

Omero Agamemnòn vittorioso,
E fe' i Troian parer vili et inertì;
E che Penelopea fida al suo sposo
Dai Prochi mille oltraggi avea sofferti.
E se tu vuoi che'l ver non ti sia ascoso,
Tutta al contrario l'istoria converti:
Che i Greci rotti, e che Troia vittrice,
E che Penelopea fu meretrice.

(XXXV, 27).

Explicando o verso 7.^o, diz Casella: «L'opinione bizzarra che i Troiani fossero vincitori, e i Greci vinti, fu sostenuta da Dione Grisostomo in una delle sue *Orazioni*».

Esta mesma opinião a encontrou também Camões desenvolvidamente exposta nas *Enneades* de Sábélico².

marítima Leucótea:

Quam timui, ne forte tuum mare nomen haberet,
Atque tua labens navita fleret aqua!
Quae tum ego Neptuno, quae tum cum Castore fratri.
Quaeque tibi excepi tum, dea Leucothoe!
(III, 21 (26), 7-10).
Hanc miser implorat navita Leucothoen.
(III, 21 (28), 20).

Alii omnes *Leucothean* vocant — observa um comentador de Propércio (*Passeratii Commentarii in... Catullum, ... Tibullum et... Propertium. Parisiis, 1608. Pag. 353*).

Higino diz em um lugar: «At Ino cum Melicerte filio suo in mare se praecipitavit. Quam Liber Leucotheam voluit appellari: nos autem Matutam dicimus» (*Fabularum liber, Lugduni, 1608, n.º 2, fl. 2 v*). Mas em outro lugar, a respeito do naufrágio em que Leucótea (e não Leucótoe) socorreu Ulisses: «Leucothoe, quam nos matrem Matutam dicimus, quae in mari exigit aevum» (*Ibid., n.º 125*).

É nestes autores, e não nos *Lusiadas*, que ha confusão.

¹ Segundo este passo dos *Lusiadas*, separam a Europa da Ásia o rio Tánais (Don) e o mar que

Viu dos Gr:gos o irado senhorio
Onde agora de Troia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante.

² «(Dion) Iliensibus persuadere conatus est, ne Ilium quidem a Graecis excisum, nec Helenam Menelao unquam nupsisse, sed Paridi, quam quam multi ex terra Graecia procarentur et cum his Menelaus, ... indignitate rei, quod pere-

É certo que em outros lugares dos *Lusiadas* (III, 57, 3-4; VI, 19, 8; VIII, 5, 3) se alude expressamente à destruição de Tróia pelos gregos. Mas isto não obsta a que no poema se encontre também o paradoxo de Dião Crisóstomo.

Um contemporâneo de Camões, Jorge Ferreira de Vasconcelos, procedeu do mesmo modo no *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*. Assim, no capítulo VIII lê-se: «Acabado ho qual (banquete),... moveose pratica em que vieram a dar na antiga Troya. E el rey Sagramor louvou muyto a cavalaria dos Troyanos, que se sustentaram com muytas vitorias dez annos de cerco, de tantos e tam poderosos principes e capitães Gregos: sem por fim poderem tomarlhe a cidade, salvo per trayção». No capítulo XX reaparece a mesma ideia: «Tem os fados seus lemites nas cousas; pera se destroyr Troya era necessário ser presente Achilles que matasse Hector». Mas no capítulo XXIV Guaristenes diz a Florisbel: «Amado filho, vos tereys tal aviso em acometer os immigos que trabalheys tomar a parte mas alta do campo, porque indo contra elles os diviseys primeyro que elles a vos. Ca os Gregos foram vencidos porque os Troyanos tinham ho lugar mais alto»¹.

A *Tróia triunfante* de III, 7, 7, é, portanto, a Tróia que os gregos não puderam tomar, e não o *Ilium* da *Eneida*, que, apesar de *superbum*, foi entrado e incendiado por aqueles:

..... cecidit... superbum
Ilium et omnis humo fumat Neptunia Troia.
(III, 2-3).

6. Do comentário a III, 16, 6-8²: «A lenda a que o Poeta allude, acha-se em Diodoro Siculo (V, 35, § 2)... Nic. C. do Amaral,

grinus homo Graeciae primoribus praelatus in matrimonium esset, Atridarum impulsu Graeci Priamo bellum intulerint... Quum multo maior hominum et rerum iactura esset a Graecis facta quam a Phrygibus, foedus utrinque ictum... In foedere est discrete positum ut Graeci Priami genere Phrygiam obtinente nunquam bello Asiam repeterent... Foedereque in has condiciones icto, Graeci ob rem male gestam, seditione primo agitati, diuersi domum concesserunt». *M. Antonii Coccii Sabellici Opera omnia, Basileae, 1560, t. I, col. 137-138.*

¹ *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*. Na edição de 1867, pag. 30, 115 e 147.

² Mencionando os Pireneus, diz o poeta que

..... segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

na *Cronologia* (publicada em 1554), também diz, com o autor grego: *...Quum enim pastores forte fortuna ignem in vastam montis syluam injicerent, ita continuis diebus exarsit incendium ut puri argenti rivuli vi magni caloris effluerint* (pag. 94). Diodoro não falla de rios de ouro; porventura Camões leu na versão latina (ou em Amaral), por equívoco *auri* em vez de *puri*.

Nos *Paralipomenon Hispaniae libri x* de João de Gerona, escritor contemporâneo dos reis católicos, Fernando e Isabel ¹, a lenda do incêndio dos Pireneos, reproduzida de Diodoro Sículo, já vem acrescentada com a referencia ao ouro. «Hi montes (Pyrenaei) usque in hodiernum suam appellationem retinuerunt. De istorū tamen montium nomine diuersi diuersa sentiunt... Diodorus vero libro quarto ait, quod cum mons ipse plenus esset maximis arboribus, plurimisque pastoribus propter greges qui inibi pascuntur, accidit vt die quadam appposito igne monti, quum ventus validus excreuisset, ignis vrens glebas ipsius montis coegit aurum atque argentum colligendum, reliquam ipsorum montium partem incenderunt, & ab ardente pyra (quae est lignorum congeries ardens) Pyrenaei montes appellati sunt».

7. Comentário a III, 63, 5 ²: «Reaes=grandiosos, como *regalis* e *regius*».

Arcos riais, aqui, são os arcos mandados construir por el-rei D. João III.

Na *Historia da antiguidade da cidade Évora* de André de Resende ³ leu o poeta: «Item mandou Sertorio cercar ha cidade de cātaria laurada... & assi fez trazer ha agua da Prata a ho portição en ho mais alto da cidade, dōde se repartia per has regiões della: quomo eu declarei en hũa apologia ou resposta que cōtra ho bispo de Viseu screui: que estoruaua a el Rei nosso senhor tornar a trazer

¹ A obra do bispo de Gerona é dedicada aos reis católicos e encontra-se reproduzida na colecção *Hispaniae illustratae... scriptores varii. Francofurti MDCIII*, t. I. Esta passagem vem a pag. 25. A 1.^a edição é de 1545.

² Falando de Évora, diz Camões:

Onde ora as aguas nítidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos riais, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente.

³ A primeira edição foi publicada em Évora, no ano de 1553. A passagem transcrita vem no cap. III. Encontra-se também o opúsculo traduzido em latim na obra *De antiquitatibus Lusitaniae* do mesmo autor, t. I, pag. 295-352, da edição de Coimbra (1790).

ha dicta agua, dizêdo lhe que nem ha agua ca viera jamais, nem podia vijnr nem Sertorio aqui steuera, nem ha obra era Romana: cõtra o que eu a su alteza tinha persuadido».

Mais de trinta anos antes de publicados os *Lusiadas*, enaltecia tambem o afamado latinista e poeta Jorge Coelho o *insigne monumento, a obra, de D. João III*.

Em um epigrama diz ele :

Quis populo tandem ductum instauravit aquarum?
Fluminis et celsum continuavit iter?
Sunt haec Joannis monumenta insignia regis.
.....
Quod nomen lymphae? Dicta est Argentea vulgo.

E em outro :

Miraris nitido sublimes aggere ductus,
Et medio illabi flumina viva foro.
Divus Joannes regnator nominis hujus
Tertius invicto pectore fecit opus ¹.

8. Comentário a IV, 25, 6 ²: «As quinias (= os escudos de que se falla em III, 53-54) e castellos (em numero de sete) das armas de Portugal».

Nos quatro sêlos de D. João I, que se acham reproduzidos na *Historia genealogica da casa real portuguesa*, t. 4.^o, sob os n.^{os} 40 a 43 (cf. pag. 31-32), o número dos castellos é respectivamente de 10, 8, 8 e 14.

É sabido que, antes de se fixar em 7, este número foi muito variavel. Dos dous sêlos de D. Afonso III, que na mesma obra se encontram (n.^{os} 19 e 20), um traz 9 e outro 8. Os dous de D. Dinis (n.^{os} 22 e 23) teem 12. ³ Dos três de D. Afonso IV um apresenta 12 e nos outros, embora deteriorados, havia com certeza mais de 7. Doze aparecem tambem nos de D. Pedro I e D. Fernando. De D. Duarte ha um com 6 e outro com 10.

¹ Publicados em Coimbra, em 1540, os dois epigramas foram reimpressos com outras poesias do filho de Nicolau Coelho e secretário do cardial D. Henrique, no *Corpus poetarum lusitanorum* do padre Reis, VII, 327-328, Lisboa, 1748.

² Depois de se referir às alas direita e esquerda dos portugueses em Aljubarrota, prossegue o poeta :

Logo na retaguarda não se esconde
Das quinias e castellos o pendão
Com Joane etc.

³ Vejam-se tambem nesta *Revista* os interessantes artigos do sr. dr. Garcia de Vasconcelos, subordinados ao título *Um documento precioso* (I, 362, e II, 254).

Não pode portanto afirmar-se que eram em número de 7 os castelos do pendão rial, arvorado em Aljubarrota por D. João I.

9. Comentário à palavra *Massylia* de IV, 36, 8 ¹: «Os Massylos eram um povo da Numidia. Os poetas latinos empregavam o adjectivo *Massylus* como equivalente de «Africano» (da Africa septentrional). (No mesmo sentido geral diz Sannazzaro *Massyla... rura* no *De partu Virg.* III).

É verdade que às vezes, nos poetas latinos, especialmente em Silio Itálico ², aparece a palavra *Massylus* em sentido geral, abrangendo mais povos que os massilios propriamente ditos.

Mas isto dá-se também com outros nomes gentilicos.

Assim, se aquele escriptor designa às vezes o exército cartaginês por *Massyla gens* (II, 108, etc.), para o mesmo fim se serve também das expressões *Garamantica pubes*, *Garamantica signa* (I, 142; IV, 447; etc.), *Maurusia pubes* (XI, 414; cf. *Maurusia taxus*, IV, 569; *Maurusia arundo*, X, 402), *Marmaricas vires* (VIII, 216), *Nomades* (XI, 31).

Isto, porém, não obsta, é claro, a que tais adjectivos gentilicos sejam igualmente empregados por Silio Itálico na acepção própria.

É o que acontece com *Massyli*, por exemplo em III, 282 ³, em IX, 223 ⁴, em XVI, 171, 184, 235, etc. ⁵.

¹ Nesta estância, como se vê pela que se lhe segue, *Massylia* é a região onde fica Ceuta, pois os bramidos da leoa, a quem «o pastor de Massília» furtou os filhos, atroam e abalam os montes *Sete Irmãos*.

Em V, 6, dá o poeta o nome de *Massylia* à *esteril costa*,

Onde seu gado os Azenegues pastam.

Ora sobre a situação geográfica desta gente diz João de Barros: «Passado o rio que se ora chama Sanagá, o qual divide a terra dos Mouros Azenegues dos primeiros negros de Guiné» etc. (*Década I*, 1, 9).

² Autor, como se sabe, dos *Punicorum libri XVII*, poema que Camões conhecia. O assunto é a segunda guerra púnica.

³ Enumerando os elementos componentes do exército com que Anibal invadiu a Itália, diz o poeta latino, depois de especificar os moradores de Cartago, de Útica e de outras cidades, os das margens do Lixus, os etíopes, os núbios, etc.:

Quin et Massyli fulgentia signa tulere.

⁴ Disposição das tropas de Anibal na batalha de Canas:

Barbaricus laevo stetit ad certamina cornu
Bellator Nasamon, unaque immanior artus
Marmarides, tum Maurus atrox, Garamasque Macesque,
Et Massylae acies, et ferro vivere laetum
Vulgus Adyrmachidae pariter

⁵ Aqui Silio Itálico, afastando-se do que sabemos por outras fontes, designa-

É no sentido próprio ou no geral que Camões emprega a palavra *Massilia*, tanto em IV, 36, 8, como em V, 6, 1?

Por Sílio Itálico vemos que é no sentido próprio, como aliás era de presumir.

Com efeito, para o autor dos *Punicorum libri* os massilios habitavam nos confins da terra, lá para onde ficava o jardim das Hespéridas ¹, e o reino de Sifax estendia-se até o Atlântico.

Quin et Massyli fulgentia signa tulere,
Hesperidum veniens lucis domus ultima terrae.
Praefuit intortos demissus vertice crines
Bocchus atrox, qui sacratas in litore silvas,
Atque inter frondes revirescere viderat aurum.
(III, 282-286).

Massylis regnator erat ditissimus oris,
Nec nudus virtute, Syphax: quo jura petebant
Innumerae gentes, extremaque litore Tethys.
(XVI, 171-174).

Em resumo: o poeta romano deslocou os massilos para oeste da Numídia, fazendo-os chegar até a costa do Atlântico, e Camões seguiu esta opinião, que aliás carece de base histórica.

Não é também no sentido geral, como supõe o comentário, mas sim no próprio, que Sannazzaro emprega a palavra *Massyla* no *De Partu Virginis*, III, 188.

Fala-se aí, com efeito, de dois pastores que em Belém cantam ao desafio perante o berço de Jesus recém-nascido, um dos quais,

damente por Tito Lívio (l. XXIV, XXX, etc.), dá Sifax como rei dos massilos:

Massylis regnator erat ditissimus oris,
Nec nudus virtute, Syphax.....

O rei dos massilios (ou massilos) era Masinissa. Sifax era-o dos masesilios, que ficavam a oeste daqueles (T. Lívio, l. XXVIII, 17).

¹ Sílio Itálico deixou-se influenciar por esta passagem de Vergílio:

Oceani finem iuxta solemque cadentem
Ultimus Aethiopum locus est, ubi maximus Atlas
Axem umero torquet stellis ardentibus aptum:
Hinc mihi Massylae gentis monstrata sacerdos,
Hesperidum templi custos, epulasque draconi
Quae dabat et sacros servabat in arbore ramos
Spargens humida mella soporiferumque papaver.
(*Eneida*, IV, 480-486).

E Vergílio, relacionando os massilos com as Hespéridas, tinha na mente uma passagem dos *Argonautica* de Apolónio de Rodas (l. IV, v. 1232 e segg.).

riquíssimo, é Egon, que possui pastagens na Getúlia, rebanhos nos campos massilos, e domínios nas margens do Bágrada, do Tritão e do Cínifo, isto é, nas actuais Argélia, Tunisia e Tripolitana.

Tum puero adstantes Lycidas et maximus Aegon,
Aegon, Getulis centum cui pascua campis,
Centeni per rura greges Massyla vagantur:
Ipse caput late, qua Bagrada, qua vagus errat
Triton, Cinyphiae qua devolvuntur arenae,
Ingens agricolis, ingens pastoribus Aegon.

Os *rura Massyla* contrapõem-se aqui a outras regiões próximas: *Massylus* não é, portanto, o equivalente de «Africano (da Africa septentrional)».

Ainda em outro lugar do poemeto de Sannazzaro se encontra a mesma palavra, empregada também na acepção própria. É quando se fala do recenseamento mandado fazer por Augusto.

Parte alia vastas circumvocat Africa vires;
Getuli, Maurique duces rimantur opaci
Atlantis nemora et dispersa mapalia silvis.
Scribitur et vacuis ut quisque inventus arenis
Seu pastor, seu subcinctis venator in armis
Observans saevos latebrosa ad tesqua leones.
Massylum quicumque domos, quicumque repostos
Hesperidum lucos munitaque montibus arva
Incolit et ramis nativum decutit aurum:
..... Qua devictae Carthaginis arces
Procubuere.....
Jamque Macas idem ardor habet; venere volentes
Barcaeï; venere suis Nasamones ab arvis.¹

(II, 204-223).

Em conclusão: nem Camões, nem Sannazzaro empregam, êste o adjectivo *Massylus*, aquêle o nome proprio *Massilia*, no sentido geral, mas sim no restrito.

10. Do comentário a V, 11²: «A lenda das Gorgonas, filhas

¹ Note-se que nesta passagem, e naturalmente também na anterior, o poeta italiano não desloca os massilos, como o fez Sílio Itálico.

² Vasco da Gama diz ao rei de Melinde:

As Dórcadas passamos, povoadas
Das irmãs que outro tempo ali viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas três de um só olho se serviam.

de Phorcys, que se serviam, cada uma por sua vez, de um só olho que tinham em commum, é contada por Ovidio nas *Met.*, IV, 771-802».

A lenda, como a conta Ovidio, difere em um ponto essencial da que se encontra nos *Lusiadas*.

Nestes, as Górgonas são todas três cegas. Nas *Metamorfoses* só o são duas, as que guardavam a entrada da selva, eriçada de penhascos, em que habitava Medusa, a Górgona propriamente dita.

Se Perseu se apoderou do olho de que aquelas se serviam, quando uma o ia a passar a outra, a Medusa pôde cortar-lhe a cabeça, porque ela se achava profundamente adormecida.

Narrat Agenorides gelido sub Atlante iacentem
Esse locum solidae tutum munimine molis,
Cuius in introitu geminas habitasse sorores
Phorcidas, unius partitas luminis usum:
Id se sollerti furtim, dum traditur, astu
Subposita cepisse manu; perque abdita longe
Deviaque et silvis horrentia saxa fragosis
Gorgoneas tetigisse domus.....
.....
Dumque gravis somnus colúbrasque ipsamque tenebat,
Eripuisse caput collo.

E sabe-se a razão por que Ovidio não apresenta Medusa como privada da vista.

É que uma das características desta, na literatura grega, era precisamente o olhar terrível. Γοργῶ βλοσυρῶπις, δεινὸν δερκομένη, se lhe chama na *Iliada*, XI, 36-37. E as numerosas representações artísticas que dela nos restam a figuram sempre com olhos ¹.

Neste ponto recorreu, portanto, Camões a outra fonte. E esta foi a obra de Boccaccio sobre a *genealogia dos deuses* ², onde se diz: «Medusa, Stennio & Euryale Phorci filiae, & ex monstro marino susceptae fuere... Hae quidem Gorgones appellatae fuere &, uetere testante fama, inter omnes tres unum tantum oculum habuere, quo utebantur uicissim».

¹ Veja-se o *Lexikon* de Roscher, no artigo *Gorgones und Gorgo*.

² Joannis Bocatii *Ἡερὶ γενεαλογίας Deorum libri quindecim cum annotationibus Jacobi Micylli*. Basileae, 1532, pag. 413.

11. A estância 95 do canto V é assim reproduzida:

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia certo, que he mentira
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

Que querem dizer os dous últimos versos, assim pontuados, e que relação teem com os dois imediatamente anteriores?

Não o explica o comentário, que ao mesmo tempo faz presumir a falta de conhecimento directo do epigrama de Marcial, citado a propósito dos versos 5-6 ¹.

Com effeito, a nota aos versos 7-8 começa por estas palavras: «Fulvia casou em terceiras nupcias com Marco Antonio, o triumvíro. Pondo Cam. Marco Antonio ao lado de Augusto e referindo-se os seis versos de Augusto contidos no citado epigrama aos amores escandalosos de Antonio com Gláphyra, pode considerar-se certo que o poeta hauriu esta noticia naquelle epigrama».

Ora «os seis versos de Augusto» não se referem aos amores escandalosos de Antonio com Gláfira; referem-se à escandalosa pretenção de Lívia, que, apesar de casada com António, queria tomar amores com Octaviano, despeitada por causa das relações que aquelle tinha com Gláfira ².

A esta se alude apenas no primeiro verso: Lá porque Antonio tem relações com Gláfira, tambem Fúlvia as quer ter comigo, etc. Antes a guerra! conclue o futuro imperador.

É porisso que, segundo Camões, Fúlvia pôde dizer, por experiência própria, se Octávio fazia ou não versos doutos e venustos.

Os quatro últimos versos da estância devem, portanto, ser assim pontuados:

Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos e venustos:
Não dirá Fulvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

¹ «D'este impéador—que *poëticam summam attigit* (Suet. Oct. 85)—Marcial, segundo nota F S., cita seis versos, e referindo-se a elles diz: *Absolvis lepidos... libellos* (XI, 20).»

² Tudo isto é expresso nos termos mais crus e aduzido por Marcial, para se justificar, com o exemplo de tão elevada personagem, da arguição de fazer versos obscenos.

Continua o comentário: «Não é porém liquido, se a Glaphyra dos versos de Augusto é a mulher de Archelao — summo sacerdote da deusa de Comana —, dama de quem Antonio, quando esteve no Oriente, recebeu favores, aos quaes correspondeu dando ao filho de Glaphyra o reino da Cappadocia, ou se aquelle nome é um pseudonymo, em lugar, talvez, de Cytheris, actriz de mimos, tambem amante de Antonio».

Mas porque é que a Gláfira dos versos de Augusto ha de ser um pseudónimo, se houve realmente uma Gláfira com quem António manteve relações amorosas?

A difficuldade só pode provir de se supôr que Camões quis dizer que António deixou Fúlvia por Gláfira, por esta ser poetisa. Mas, como fica dito, não é nem pode ser êste o sentido de V, 95, 7-8.

De resto, não ha dúvida nenhuma que a Gláfira do epigrama de Marcial é a *hetera* de Arquelao, sumo sacerdote da deusa de Comana. Eis o que a respeito dela se lê na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa-Kroll: «*Glaphyra*. Hetäre des Archelaos von Komana; ... gebiert ihm den Sisimes. Später wird G. die Geliebte des Antonius, der den Sisimes als Archelaos zum König von Kappadokien erhebt. Diodor XLIX, 23. Appian. bell. civ. V, 7. Martial. XI, 20». (T. XIII, 1381. Cf., a respeito do epigrama, *ibid.*, 283-284).

12. Em quanto Vasco da Gama estava em terra, em Calecut,

O Catural, no cargo diligente,
De seu rei tinha já por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.
(VII, 66, 5-8).

Informa-se por isso com o mouro Monçaide, que o aconselha a ir ver a frota dos recém-chegados (VII, 72). Partem ambos, acompanhados de naires, e

À capitaina sobem, forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.
(73, 8-7).

Aí se acham pintados nas bandeiras os feitos bélicos dos portugueses,

..... pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
Atento nela os olhos apacenta.
(74, 6-8).

E para satisfazer a sua bem natural curiosidade e colher as informações que precisava de dar a seu rei (VII, 66, 5-8), o gentio

Pelo que vê, pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicurea, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara á gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

(VII, 75).

Quem é o *gentio* de que aqui se fala?
Não ha, nem pode haver dúvida, que é o catual e não o mouro Monçaide.

Mas, se alguma hesitação fosse permitida até à estância 77, esta fá-la-ia logo desaparecer.

Com efeito, depois de ter dito na estância 76,

Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve,

continua o poeta, na estância seguinte :

Alça-se em pé, co elle o Gama junto,
Coelho da outra parte e o Mauritano.

Aqui temos o *gentio*, que é o sujeito de *Alça-se*, contraposto ao *mauritano*.

Leia-se agora o comentário a VII, 75, 7-8: «Como é sabido, a religião mahometana prohibe beber vinho. comer] em sentido geral, por «beber», se é que não houve antes aqui descuido do Poeta. Sobre o «Gentio», v. o com. a VI, 1». E neste diz-se: «O rei de Melinde era mahometano; mas o termo «pagão» na linguagem vulgar equivalia a «não christão».

Se na idade-média o termo *pagão* se applicava muitas vezes aos maometanos, não se pode dizer o mesmo a respeito da palavra *gentio*. Pelo menos não conheço caso nenhum.

Mas, ainda que Camões pudesse chamar *gentio* ao mouro Monçaide, não é nestas estâncias que elle o faz. Aqui o gentio é, sem sombra de dúvida, o catual, e não o mouro.

Que Paulo de Gama ofereceu ao gentio, ao catual, não só de beber, mas tambem de comer, é o que a estância 75 significa, quando diz que aquele pediu ao catual *se assentasse, para experimentar o*

deleite que tanto amam os epicuristas, deleite que não se restringe ao beber, mas abrange também, e principalmente, o comer ¹.

Os dois últimos versos da estância 75, aplicados a um gentio de casta superior, também não oferecem dificuldade de espécie nenhuma. «(Os Nayres), diz Duarte Barbosa, nom comem nem bebem senam em casa de Nayres» ². Nem tão pouco lhes era permitido comer no mar: «E pera q̄ Pedralvarez mādasse a terra quem negociasse ā carrega das naos, mādou (el Rey de Cochim) em arrefēs dous Naires principais, com cōdição q̄ se auião de reuezar cō outros dous que ficarião em quanto aqueles fossem comer, porque não podiam comer no mar». (Castanheda, l. I, cap. 40. Cf. *ibid.*, cap. 35).

13. Em VIII, 11, 1-2, lê-se:

Este é o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma.

Comentário a *todo Portugal*: «As conquistas de D. Afonso I estenderam-se effectivamente, embora não fossem definitivas, ao reino do Algarve».

D. Afonso Henriques, como é sabido, não conquistou terra nenhuma no reino do Algarve. Foi depois da morte dele que D. Sancho I tomou Silves e algumas terras próximas, que em breve tornaram ao domínio dos mouros.

Recapitulando as *cavalarías* do fundador da monarquia, diz Duarte Galvão, que foi a fonte do poeta para a história daquele reinado: «Lugares & fortellezas a mouros tomou muitas. Primeiraméte na estremadura, sanctaren, & lixboa & todallas outras villas & fortellezas della, des coimbra atee lixboa. Alenteio tomou cezimbra, palmella, alcaçer, Euora, eluas, moura, serpa, beia & outras fortellezas» ³.

Segundo o mesmo cronista, D. Afonso Henriques só foi ao Algarve para ver se encontrava o corpo de S. Vicente, no cabo que

¹ Lá diz Horácio:

Me pinguem et nitidum bene curata cute vises,
Cum ridere voles, Epicuri de grege porcum.
(*Epistulae*, I, 4, 15-16).

² Veja-se adiante o n.º 16, pag. 26.

³ Transcrevo do códice n.º 345 das *Crónicas de leitura nova* do Arquivo Nacional. Cf. a edição da *Bibliotheca de classicos portugueses*. Lisboa, 1906. Pag. 167.

dêste santo recebeu o nome; mas para isso teve de fazer uma trégua com os mouros ¹.

O *Portugal* de VIII, 11, 2, é, portanto, o Portugal que se contrapõe a Algarve, por exemplo, no titulo, definitivamente tomado por D. Afonso III, de *rei de Portugal e do Algarve*.

14. Em VIII, 35, diz Paulo da Gama ao catual:

Olha que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem;
Porêm logo sentiram com seus danos
Que não só se defendem, mas ofendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.

Principia o comentário pela transcrição de uma passagem de Fernão Lopes, que é dada como fonte desta estância. «Das cousas, que passavom os dAlmadãa [cercada pelas tropas do rei de Castella] por mimgua dagua» (F. Lopes, *D. João I*, I, 136, no summario). «... Depois que esta agua mingou, trabalharomsse daver agua do mar, e de tinas, que tiinham postas na rribeira pera apanharem agua doce, e deciam per a barroca per hũm caminho, que fezerom, a tomar daquella agoa; ... E os Castellaãos como o souberom, poserom guarda neella. E os da villa himdo ala acharom os Castellaãos que a guardavom; e elles nom eram mais que dez e sete, e dos emmiigos eram bem çemto, que jaziam escomdidos amtre os penedos; e pellejando sobella agua forom mortos tres Portugueses, e os quatorze mui mal feridos de seetas e de dardos» (id. *ibid.* 136).

É óbvio que êste lugar de Fernão Lopes não pode ser a fonte do poeta.

A não ser, com efeito, o número dos portugueses — dezassete —, de que aliás foram mortos três, ficando os outros muito mal feridos, tudo o mais diverge do que diz a estância.

É que o feito, que ela tão merecida e entusiasticamente comemora, nada tem de comum com o que é narrado no texto de Fernão Lopes, transcrito no comentário.

¹ «El Rey dom affonso... teue conselho cõ os seus e q̃ maneira poderiam auer (ho corpo de san uicente). E acordaram que fizessem tregoa com os mouros por tempo certo. Ellas feitas, el Rey dom affonso partiu de coimbra pera aquelle logar» etc. (Cap. XX).

A fonte é também este escritor, mas na 2.^a parte da *Cronica de D. João I*, cap. 108.

Tem este por epigrafe: «Como El Rey cercou a Villalobos, e se Martim Vazquez da Cunha defendeo aos Castellãos»¹.

Eis o que aí leu Camões: «... Em esto mandou El Rey á erua, & por guarda dos que a ella hiom, Martim Vazquez da Cunha, & seus Irmãos & outros fidalgos, com certas gentes, & partindo do arrayal as azemolas, & muytos dos que hiom por guarda dellas, ficarom detraz por aquécimento Martim Vazquez, & Gyl Vazquez, & Lopo Vazquez seus Irmãos, & Mamborni, & Lourenço Martinz do Auelar, & Johão Portella & doutros caualeiros & escudeiros, atá dezoito; hiam falando muito de seu vagar, fazendo aquelle dia muy gram neuoeiro, & a manhaã nom bem descuberta, e sem parando mentes, q̄ terra leuauom, per azo daquelle aspero (a) ar: errarom o caminho, & sendo ja hũa grande legoa do arrayal, forom dar consigo na Ribeira que vem de Mayorgas, hũ jaziõ quatrocentas lanças de Castellãos², & muitos homens de pé antre huns vlmos, que allí aviom (b), hũ dormirom essa noite, de que erõ capitaens D. Fradique Duque de Benauente Irmão bastardo Del Rei: & Aluoro Pirez de Osouro, & Ruy Ponce de Leõ, & outros: & quando os virom tam junto consigo, conhecendo que erom Portugueses, começaram de brãdar *Mata, mata: Castilla, Castilla*. E elles vendose em tal cajom postos, começaram de dizer a altas vozes *Sam Jorge, Sam Jorge; Portugal, Portugal*. E muito trigosos se desviarom logo a hum piqueno & baixo logar amontoado, que era hi perto³, que parecia em outro tempo ser feito à mão em que os antigos segundo fama, faziom sacrificios a seus Deuses: ca naquella terra nom ha outras serras, nem montes, a que se acolher podessem (c): & descaualgarom á pressa todos, & pozerõ as bestas arredor de si atadas humas com as outras; & elles em meyo com as lanças nas mãos, & as costas huns contra outros, dizendo logo antre sy, como compria q̄ hum delles fosse logo tostemête dar nouas ao arrayal: q̄ lhe acorressem, & cada hũ se escusaua de tal ida, mostrando q̄ o fazia por melhor. Entom disse hum escudeiro q̄

¹ Trata-se da incursão feita em terras do reino de Castela por D. João I e pelo sógro — o duque de Lencastre.

Transcrêvo o texto da edição de 1644. No manuscrito n.º 2010 do Arquivo Nacional, as palavras que aqui vão seguidas das letras (a), (b) e (c), lêem-se respectivamente: *espesso, auia, poderem*.

² São os *quatrocentos Castelhanos* de Camões, que põe de parte os *muitos homens de pé*, pois não intervieram directamente na luta.

³ Neste outeiro *subidos*, diz Camões.

chamauom Diogo Pipa do Auelar: que viuia cõ Martim Vazquez, qual era mais honrosa cousa, & de contar por façanha: ajudalos a defender assi como estauom, ou passar por antre tantos imigos Castellãos, & ir dar nouas ao arrayal? E todos disserom, que mór cousa era auenturarse a passar por antre tantos imigos. *Pois* (disse elle) *eu quero ser esse*. Entõ caualgou per antre aquelles que o matar desejaouom, & però lhe fossem muitas lanças remeçadas, nenhũa foi, que lhe empècesse: & quando vinhom a elle de hũa parte e doutra pera o auerem de leuar de encontro, estendeose ao longo da besta, & assi prazia a Deus, que lhe escapaua, de guisa que passou em saluo por todos elles; & foy dar nouas ao arrayal. Os Castellãos cercarom¹ entom os dezasete, que ficavom², sobindo pela ladeira daquelle cabeço³, & remeçandolhe muitas lanças, assi das que traziom, como das que tomauom aos homens de pé, do grande rumo, que jazia perto delles: & nom lhe chegauom, porque remeçauam de fundo pera cima; outros nom se ouzauom tanto de chegar, porque os Portugueses das lanças, que lhe enuiaouom, tornauomnas a remeçar: & porque era sopé a fũdo, & os de cauallo muyto bastos, quantas arremeçauom nõ cahiom em vam, brãdando altas vozes Martim Vazquez quando os Castellãos vinhom a elles, & os arremeçauom: *Cunha, Cunha: quẽ na ouuer de leuar salgada a ha de leuar*. E assi se defendião; matando seus imigos⁴ com as lanças que lhe emprestauom, com que os de matar ouuessem: e os caualos feridos topauom huns nos outros, matando taes, que escaparom se lhe aquello nom fora: e morrerom bem corenta escudeiros Castellaõs e muytos cauallos. Dos portugueses nom foy nenhum ferido, nẽ morto saluo Mamborni, q̃ sahindo fora por tomar das lanças pera remeçar foi lhe remeçada hũa lança por Martim Gonçaluez de Ataide, que andaua em Castella, . . . & entresolhou a lança por hũas folhas, q̃ trazia, & ouue hũa ferida, de que a poucos dias morreo. Chegarõ as nouas ao arrayal & foi dito ao Condestabre, & sahio á pressa com gentes, pera lhes acorrer, & indose ja o neuoeiro alçando por o dia, que era ja crecido, ouuerom os Castellãos vista do acorro, & começarom se de partir, & hiom dizendo: Doje mais nom cumpre que se leom as proezas de Tristão & de Lançarote: mas falemos no esforço de Martim Vazquez da Cunha, que com dezasete homẽs darmas se defendeo a quatrocentas lâças, que eramos, por tamanho espaço em tam fraco lugar⁵. A

¹ Isto é: em derredor pelos tomar se estendem, como se lê na estância.

² Olha que dezasete Lusitanos — começa a oitava.

³ É outra vez o outeiro a que os portugueses tinham subido.

⁴ Não só se defendem, mas ofendem, reproduz o poeta.

⁵ Digno feito de ser no mundo eterno, observa Camões.

qual cousa nenhum entendimento de homens esquiue crer, que foi assi, nem presuma, que contamos esto por louvar aos Portugueses, e desfazimento de seus contrairos, mas porque certamente assi aconteceu defeito».

Vê-se como a estância traduz bem a dramática narrativa do cronista.

Com relação ao outeiro do 2.^o verso, diz o comentário: «neste outeiro] i. é, no do castello de Almada, na margem esquerda do Tejo, defronte de Lisboa».

Mas os *deçassete* de Almada fôram atacados na *ribeira*, aonde *deciam per a barroca*. E se foram mortos tres portugueses e os quatorze mui mal feridos, como é que êles, no dizer do poeta, *não só se defendem, mas ofendem?*

Comentário aos *quatrocentos* da estância: «Se Camões diz «quatrocentos», estando na *Cronica* «bem çemto», é que ou elle não leu bem o que estava no codice, ou effectivamente o codice de que se serviu, tinha «quatro centos».

O comentário, como se vê, dispensa quaisquer observações.

15. Em IX, 34, alude o poeta a casos de *amor nefando*, em pessoas de elevada jerarquia:

E tambem nos herois de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli e Cinirea,
Um mancebo de Assiria, um de Judea.

São quatro os exemplos de amor nefando: 1.^o) Biblis, apaixonada pelo irmão; 2.^o) Mirra, filha de Ciniras, pelo pai; 4.^o) um filho de David, por uma irmã.

¿ Qual é o terceiro?

A simetria, aqui sob a forma de quiasmo, supõe o *amor nefando* de um filho pela própria mãe.

¿ Ora quem é o *mancebo de Assiria*?

Mesmo independentemente do conhecimento da fonte do poeta, podemos dizer que é o filho de Semíramis.

Basta, para disso nos convencermos, lêr o final de VII, 53.

A *tão bela como incontiente rainha da Assiria*, figurada nos portais da cêrca do palácio em que vivia o Samorim,

Ali tem junto ao lado nunca frio
Esculpido o feroz gímte ardente,
Com quem teria o filho competencia.

E o poeta exclama:

Amor nefando, bruta incontencia!

A paixão de Antioco, filho de Seleuco, rei da Síria, pela madrasta, que o pai lhe cedeu, não a qualificaria Camões, em vista das circunstâncias que se davam, de *amor nefando*, nem portanto a equipararia aos *exemplos* que aponta.

Como se infere do *Auto del-rei Seleuco*, o nosso poeta avaliava este facto com critério semelhante ao de Petrarca, no *Trionfo d'amore*, cap. II, 94 e segg.

I' vidi un da man manca fuor di strada,
A guisa di chi brami e trovì cosa
Onde poi vergognoso e lieto vada,
Donar altrui la sua diletta sposa:
O sommo amor, o nova cortesia!
.....
Questa, mia prima, sua donna fu poi;
Che per scamparlo d'amorosa morte
Gli diedi; e'l don fu licito fra noi¹.

Mas a fonte do poeta tira todas as dúvidas, se ainda as pudesse haver.

Foi no *De claris Mulieribus* de Boccaccio que Camões viu referido o nefando amor de Ninias (ou Nino, como elle lhe chama) e de sua mãe Semiramis. «Ceterum haec omnia (alude-se ás proezas desta), ne dum in foemina sed in quocunque uiro strenuo mirabilia, atque laudabilia, & perpetua memoria celebranda, una obscoena mulier foedauit illecebra. Nam cum inter caetera, quasi assidua libidinis prurigine ureretur infelix, plurium se miscuisse concubitu creditum est, & inter moechos (bestiale quod potius quam humanum) filius Ninus numeratur, unus praestantissimae formae iuuenis: qui uti mutasset cum matre sexum, in thalamis marcebat ocio, ubi haec aduersus hostes sudabat in armis»².

Em seguida Boccaccio menciona também a opinião de Justino³. «Alij tamen scribunt quod cum in desiderium incidisset filij, eumque iam aetate prouectum⁴ in suos prouocasset amplexus, ab eodem cum annis iam duobus & triginta regnasset occisam».

¹ Notem-se estas palavras de Petrarca, que excluem o *amor nefando*.

² *Ioannis Boccacii de Certaldo insigne opus De Claris Mulieribus. Bernae Helvet. MDXXXIX. Fl. 2 v.*

³ É esta divergência de opiniões que o poeta traduz pelo *teria* de VII, 53, 7.

⁴ O autor da tradução castelhana, publicada em Sevilha em 1528 (*Libro de Juã bocacio que tracta delas illustres Mugerres*) leu *proiecta*. E não é este o único ponto em que deixa a desejar o texto da edição de Berne. Eis a tradução castelhana de todo este período: «Empero otros scriuen: que como se ouiesse enamorado de su hijo & siendo ya de edad prouecta se ouiesse echado con el, despues de auer reynado treynta y dos años la mato» (fl. vij).

Agora o comentário a êste passo dos *Lusiadas*: «O «mancebo de Assyria» é Antiocho, rei da Syria — confundida com a Assyria bastas vezes nos escriptores antigos, por ex., em Cicero que, no *De finibus* II, § 106, diz: *ille rex Syriae*, falando de Sardanapallo —. Antiocho apaixonou-se por Estratonice, sua madrasta (Val. Max. V, 7; é este o assumpto da comedia de Camões intitulada «El-Rei Seleuco»): F S pensa que tambem poderá ser Ninyas, filho de Semiramis, rainha da Assyria, mas Justino (já cit. no com. a VII, 53) diz: *Ad postremum cum concubitum filii petisset ab eodem interfecta est*; conseguintemente o caso não podia servir ao poeta para exemplo de amores pecaminosos da parte de mancebos».

Não é também necessário observar que a passagem de Justino, citada como comentário a VII, 53, 7,

Com quem teria o filho competencia,

não explica êste verso, que só se compreende pelo que diz Boccaccio no *De claris Mulieribus*.

16. No *Instituto* correspondente ao ano de 1906 escrevi o seguinte* (pag. 55-57): «Narrando as épicas proezas do grão Pacheco, Achilles lusitano, diz o poeta:

Chamará o Samorim mais gente noua,
Virão Reis de Bipur & de Tanor.
Das serras de Narsinga, que alta proua
Estaram prometendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire em fim se moua,
Que entre Calecú jaz e Cananor¹,
Dambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios pola terra.

(X, 14).

¹ «E como amanheceo que foy domingo de ramos, abalou el rey (de Calecut) por terra com corenta & sete mil homês de peleja antre Naires & mouros, & acompanhauão aquelles reys & caimaes que ho ajudauão cõ suas pessoas & gente. s. Betacorol, rey de Tanor, com quatro mil Naires, Cacatanābari, rey de Bipur & de Cucurrão, junto da serra de Narsinga, com doze mil Naires, Cocagatocol, rey de Cotogão antre Cananor & Calicut, junto da serra, com dezoito mil Naires» etc. (Castanheda, l. I, c. LXVIII, p. cxxxi, 2.^a ediç.). Cf. J. de Barros, dec. I, l. VII, c. VII: «Fama entre os nossos era que (o Çamorij) trazia per mar & per terra quorenta mil homeês seus & destes senhores que o ajudauã, ... que elle conuocou cõtra nós... Beturacol, Rey de Tanor, Cacatunam Barij, Rey de Bespur e de Cucuram junto da serra chamada Gate, Cõta Agatacõl, Rey de Cotugam entre Cananor & Calecut junto de Gate» etc. (1.^a ediç. fl. 86).

Como deve interpretar-se o verso 7.^o desta estancia? *Dambas as leis inimigas* de quem é complemento gramatical? Não o pode ser senão de *guerra*; e é porisso que vários editores teem eliminado a vírgula que na edição *princeps* está depois da palavra *inimigas*¹. Queria, neste caso, o poeta dizer que *todo o naire se move para a guerra dos mouros e gentios*, pois, como se vê pelo v. 8, são essas as duas leis inimigas. O sentido, porém, ficaria, pelo menos, ambiguo. São os mouros e os gentios que se guerreiam mutuamente, ou trata-se da luta de *ambas estas leis* coligadas, contra o inimigo comum, contra os portuguezes? A ambiguidade desaparece, admitindo-se que no verso 7.^o, por êrro de imprensa², se lê *Dambas*, em vez de *E ambas*:

Fará que todo o Naire em fim se moua,
Que entre Calecù jaz & Cananor,
E ambas as leis inimigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios pola terra³.

E a esta passagem, assim entendida, podem servir de comentário os seguintes lugares de J. de Barros: «E como com a nossa entrada na India estes Mouros tam poderosos perdiam o tracto das especearias & commercio q̄ lhe daua este gram poder: todos conjuraram em nossa destruição, & pera isso conuocauam as adjudas do gentio da terra, como fizeram per mão do grande Çamorij de Calcut». «El Rey de Cochij... andaua hum pouco desconfiado de poder resistir a tamanho exercito, por se dizer que (o Çamorij) trazia per mar e per terra repartidos cincoenta mil homeês: huús que auiam de vir combater a nossa fortaleza com muyta artelharia que ouerã dos mouros de Mecha, & os outros auiam de vir per terra cometer o vao, & mais que tinha conuocado todos principaes do Malabar contrelle»⁴.

E não deixa de ser interessante que, embora a correcção do v. 7, que eu saiba, não tenha sido proposta, comtudo alguns tradutores do poema — e dos mais autorizados — a presuppõem.

Pugnabunt geminae qui legis scita sequuntur,
Terrâ gentiles, vicino ast aequore Mauri.

(MACEDO-VIALE).

¹ Basta citar as edições de Hamburgo, da Bibliotheca Portuguesa (Lisboa, 1852) e de Reinhardstoettner (Strassburg, 1874).

² Encontra-se logo no 1.^o verso um desses êrros: *Reis Bipur*.

³ Eis como Faria e Sousa resume os 4 versos, como elles se encontram em todas as edições de que tenho conhecimento: «Al fin harã que se mueva todo Nayre que entre Calecut i Cananor yaze: de ambas las enemigas leyes, para la guerra; por el mar Moros, por la tierra Gentiles» (*Lusiadas*, etc., IV, 325).

⁴ Dec. I, l. vi, c. 1; l. vii, c. v (fl. 63 v. e 83 da 1.^a edição).

Feindlich im Glauben, zieh'n zum Kampf sie beide,
Der Mohr zu Wasser, und zu Lande der Heide.

(W. STORCK).

Lo! at his bidding every Nair-man hies,
that dwells'twixt Calicut and Cananor,
two hostile peoples linkt at War's demand,
by sea the Moormen come, Géntooes by land.

(R. BURTON)*.

Sôbre o assunto diz o comentário: «De ambas as leis immigas] sc. a dos mouros e a dos gentios, como se explica no ultimo verso («immigas» convem a saber, do christianismo); liga-se, como complemento, a «todo o Naire» (tomado em sentido geral, por: guerreiro indiano). «pera a guerra» pertence para «se mova». O Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto* de 1906, p. 53-57), não entendendo a syntaxe d'este passo, em que ha um hyperbato semelhante a tantos dos poetas gregos e romanos, pensa que «Dambas» é erro typographico por «E ambas», e que as traducções de Macedo, Storck e Burton favorecem a sua opinião. A pretensa correcção é claramente de todo despropositada, e as traducções de que falla, de modo nenhum apadrinham o seu parecer».

Segundo o comentário, o rei de Calicut faz que se movam para a guerra contra os portuguezes *os naires de ambas as leis*, isto é, *tanto os naires gentios, como os naires mouros*, estando a palavra *naire* tomada no sentido genérico de *guerreiro indiano*, qualquer que seja a sua religião ou a sua procedência.

Escusado é dizer que nunca a palavra *naire* se tomou neste sentido, mas significou sempre uma casta indiana.

Eis como principia o respectivo artigo no clássico *Glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases* de Yule e Burnell¹: «*Nair*, s. Malayāl. *nāyar*; from same Sansk. origin as *naik*. Name of the ruling caste in Malabar».

O primeiro texto que em seguida se cita é traduzido de Varthema (1510). «The first class of Pagans in Calicut are called Brahmins. The second are *Naeri*, who are the same as the gentlefolks amongst us; and these are obliged to bear sword and shield or bows and lances». E depois transcrevem-se passagens de Duarte Barbosa, João de Barros, Garcia da Orta, Castanheda e Bocarro.

¹ Hobson-Jobson: *being a Glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases and of kindred terms; etymological, historical, geographical, and discursive. By Col. Henry Yule... and the late Arthur Coke Burnell... London, 1886.*

No seu interessantíssimo *Livro*¹, Duarte Barbosa occupa-se largamente das castas do Malabar, referindo-se muito especialmente aos naires.

São dêle estas palavras: «Nesta terra do Malabar todos se seruem de hũa lingoa que chamaom Maliama; hos Reys todos saom de hũa ley e costume, pouquo mais ou menos, mas ha da gente he muy diferente, porque aueis de saber que em todo ho Malabar ha dezoyto leys de Gentios naturaes, cada hũa apartada das outras, e tanto, que nom se toquaom hũs com hos outros, sob pena de morte ou perdimento de suas fazendas, asy que todos tem leys, costumes, e idolatrias sobre sy como irey declarando... Atras falei muytas uezes em Nayres, e porque atégora uos nom tenho dito que gentes estas saom, haueis de saber que nesta tera do Malabar ha outra ley de gente que chamaom Nayres, e antre eles saom fidalgos, nem tem outro officio senam seruirem na guera, e continuadamente per honde quer que andaom trazem suas armas;... nom pode ser Nayre senam de linhagem de Nayre, saom homeins muy limpos com sua fidalguia, nom se tocaom com nenhũa uilam, nom comem nem bebem senam em casa de Nayres, saom grandes seruidores delRey, ou dos Senhores com que uiuem... Estes Nayres uiuem sobre sy, fora de pouoaçam, apartados de outras gentes, cerquados de muy altos ualos, aly tem seus palmares, e tanques; nom se tocaom com nenhũa outra gente, nem comem senam com Nayres, nom bebem uinho, nom dormem com mulheres baixas, tudo isto sob pena de morte» (pag. 310, 325, 329).

De João de Barros basta citar estas palavras: «E como nesta cidade (de Calecut) auia grande concurso de gente de varias nações, & o gentio della muy supersticioso em se tocar com gente fora de seu sangue, principalmente os que se chamauã Brãmanes & Naires: destes dous generos de gente sendo a mais nobre da terra, viuã nella muy poucos, toda a outra pouoaçã era de Mouros & gentio mechanico» (*Década* I, 4, 7).

Não é preciso acumular mais citações e bastaria mesmo o que diz o poeta em VII, 37 e 38², para se vêr que nunca o *todo o Naire*

¹ *Livro de Duarte Barbosa na Colecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas...*, publicada pela Academia Real das Sciencias. Tomo II, pag. 231 e segg. Lisboa, 1812.

² Dous modos há de gente: porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

Pera os Naires é certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte
Que quando algum se toca por ventura
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

de X, 14, 5, poderia significar *todo o guerreiro indiano, quer mouro, quer gentio*. De ambas as leis inimigas não pode ligar-se como complemento a *todo o Naire*.

Se é ou não necessária a correção que propús, decida-o o leitor.

Se as traduções que citei apadrinham ou não esta correção, pode dizê-lo quem conhecer as linguas em que elas estão feitas.

E como só a inglesa abrange toda a passagem, reproduzirei também os 4 versos da latina e da alemã.

Princeps hic pariter Naires in bella vocabit
Quot Calecutum, Cananor quot suspicit omnes:
Pugnabunt geminae qui legis scita sequuntur,
Terrâ gentiles, vicino ast aequore Mauri.

Auch lässt der Nairesstam mit Schild' und Speere
Von Calecut bis Cananor die Flur;
Feindlich im Glauben, zieh'n zum Kampf sie beide,
Der Mohr zu Wasser, und zu Land der Heide.

17. No comentário a X, 64, 5-8, cita-se uma passagem de Castanheda, supondo-se que há nela um erro, que é indicado pelo advérbio *sic*. «Quando os reis de Calecut se coroavam em «hum pagode que está em terras de Repelim», «era costume irêlhe os outros reis do Malabar fazer reverencia, como seus sojeitos que erão dali por diante» (Cast. VIII, 126). O que era neste tempo rei de Calecut, quis ter esta consagração para receber homenagem do rei de Cochim «e tambem pera que se tivesse tempo passar [*sic*] dali a Cochim e destruilla (id., *ibid.*)».

O *sic* não tem razão de ser, pois *passar* corresponde, neste lugar, a *passasse*. No mesmo caso está o *destruilla* = *a destruisse*.

E não foi só aqui que Castanheda empregou a forma derivada do conjuntivo do imperfeito latino, em vez da qual hoje só usamos a que provém do mais-que-perfeito.

Assim, por exemplo, no l. IV, cap. 13, escreveu êle: «Tinhão despejada (a cidade) de suas fazendas, *pera que* se ho governador a êtrasse as *terê* em saluo». No l. V, cap. 79: «Determinou el rey dom Manuel... de mandar fazer hũa fortaleza na ilha de sam Lourenço, ... *pera que* as naos de carga da especiaria indo pera a India *fazerê* ali agoada & *irê* por fora da ilha». E no l. VI, cap. 84: «E porq̄ ainda ho governador tinha nisto duuida por saber quão incōstâtes eles erão nã quis mādard receber os paraós se nã por sua pessoa, *pera q̄* se fosse mētira *começar* logo a guerra».

Esta forma verbal é ainda freqüente nos melhores escritores dos

séculos xv e xvi. «(El-Rei Dom Fernando) emviou Gomçallo Vaasquez Dazevedo, seu grande privado, *que se fosse pera elles, e seer*¹ de companhia em aquella obra»². «O que disto mais sentia assi (ElRey D. Denis) era *que* o Iffante sabendo que estas falsidades assi se deziã nã as *estranhar & castigar* com grandes penas e muyta aspereza»³. «Como estes Baduijs tinham conhecimento de hũ certo temporal que às vezes aly sobreuem dêram auiso aos nõssos: aos quaes parecendo ser isto môdo de os lançar daly, por se dizer que auiam de passar per aquella costa certas náos de Ormuz, leixáram se estar: *te que* a custa de seu dãno *verem* que os mouros lhe diziam verdade»⁴. «Vejo vos tam manencorio que nam sey se vos otorgue o que pedis: doutra parte temo *que* inda que concedesse nesse casamento do soldã, minha neta Polinarda nam *ser* contente»⁵.

Omitirei outros exemplos, para citar o primeiro texto datado que já se pode dizer escrito em português, e em que o representante do conjuntivo do imperfeito latino aparece quatro vezes, precedido da conjunção *que*, uma vez expressa e três subintendida.

Êsse texto é, como se sabe, uma *carta de divisão dos bens paternos* entre quatro irmãos, datada da era de 1230 (ano de 1192).

Aí se lê: «Hec est notitia de partiçon e de deuison que fazemos antre nos dos herdamentus e dus coutus. . . que forum de nossu padre e de nossa madre. en esta maneira *que* Rodrigo sanchiz *ficar* por sa partiçon na quinta do couto de viiturio. . . Váasco Sanchiz *ficar* por sa partiçon na onrra dulueira. . . Méên sanchiz *ficar* por sa partiçon na onrra de carapezus. . . Eluira sanchiz *ficar* por sa partiçon nos herdamentos de Centegaus»⁶.

¹ É o latim *sederet*. Êste verbo, como se sabe, deu algumas formas ao nosso verbo *ser*, entre elas o infinito do presente — *seer* — *ser*, e êste conjuntivo do imperfeito — *seer* —. No latim, a estrutura morfológica do infinito do presente e a do conjuntivo do imperfeito, no seu aspecto externo, só diferem em que êste tem desinências e aquêle não. Isto em todos os verbos.

² Fernão Lopes, *Chronica do Senhor Rei D. Fernando*, na *Collecção de livros inéditos de historia portuguesa* . . ., publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, mdcccxvi. Tom. IV, pag. 390.

³ *Cronica del Rey Dom Denis*, . . . composta per Ruy de pina. Cap. xxi, fl. xcviij, no Arquivo Nacional. É o n.º 50 das *Crônicas de leitura nova*. Cf. a edição de 1729, cap. 20, pag. 70-71.

⁴ J. de Barros, *Década I*, l. 7, c. 2 (fl. 79 v. da 1.ª edição, Lisboa, 1552).

⁵ Francisco de Moraes, *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, cap. 93, t. 2.º, pag. 136, da edição de 1786.

⁶ *Documentos de Vairão* por Pedro d'Azevedo, pag. xi. Porto, 1912. Cf. João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e críticas*, t. I, pag. 384-385, 2.ª edição, Lisboa, 1860.

E que, embora passe como doutrina assente, em filologia românica, que o conjuntivo do imperfeito latino desapareceu sem deixar vestígios, salvo em um dialecto do sardo — o logodurês¹ —, o que é certo é que até o século xvi se usou no português de um tempo derivado daquêle, em orações conjuncionais, que excluem o verbo no modo infinito, como as que ficam citadas.

Mas, se hoje, nestas orações, já se não emprega o tempo derivado do imperfeito, mas sim o que provém do mais-que-perfeito; se já ninguêem diz, como, por exemplo, J. de Barros, *té que verem*, mas *té (até) que vissem*; se já também caíram em desuso as frases do tipo *não faltou quem o dizer*², para serem substituídas pelas do tipo *não faltou quem o dissesse*; — ainda pertencem à linguagem clássica e à popular estas e outras análogas: *não lhe faltou que dizer*; *não sabia que fazer*³, em que os verbos *dizer* e *fazer* não são infinitos, mas conjuntivos do imperfeito⁴, que podem ser substituídos pelos do mais-que-perfeito: *não lhe faltou que dissesse*, *não sabia que fizesse*.

¹ «L'imparfait du subjonctif latin n'a été conservé qu'en logodourien; presque partout ailleurs *cantarem* a disparu devant *cantavissem*, tout en lui laissant ses fonctions. Le plus-que-parfait du subjonctif latin s'emploie de bonne heure (déjà dans le *Bellum Africanum*) à la place de l'imparfait du même mode, et cet emploi particulier se retrouve dans les langues romanes occidentales, tandis que le roumain attribue à ce temps la fonction du plus-que-parfait de l'indicatif». Kr. Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*, t. I, pag. 147. Copenhague, 1903. Cf. Meyer-Lübcke, *Grammatik der Romanischen Sprachen*, II, § 264, e Dr. Leite de Vasconcelos, *Estudos de philologia mirandesa*, I, 397, nota. Lisboa, 1900.

² «Mas a esto não minguava quem rresposder muitas rrazões». Fernão Lopes, *Cronica de D. João I*, 1.ª parte, cap. 178. (Pag. 335 da edição do *Archivo Historico Português*).

³ Alguns exemplos dos *Sermões* do padre António Vieira, t. I, edição de 1854. «Os... que não tem forças nem armas com que se *defender*, morrem como ovelhas» (pag. 6). «Não só ha que *notar*, diz o santo, e que *reprehender* nos peixes, senão tambem que *imitar* e *louvar*» (pag. 33). «Todos tem muito que *aprender*» (pag. 63). «Faltava-lhe com que *restituir*» (pag. 64; cf. p. 65, 66, 67).

⁴ É também assim que, a meu vêr, se devem explicar as frases dos seguintes tipos, comuns às línguas românicas: *Que faire? Je ne sais que faire; Je n'ai que faire*.

Em todas elas o *faire* é conjuntivo do imperfeito, atrofiado e tornado porisso aparentemente igual ao infinito do presente.

Aquelas frases proveem das latinas: *Quid facerem? Nesciebam quid facerem; Non (nihil) habebam quod facerem*. Com a perda da desinência desapareceu também a noção de que nelas o *facerem* era um imperfeito, um pretérito, e ao mesmo tempo tornou-se o seu uso extensivo a todas as pessoas de ambos os números.

Nesta parte da península, o conjuntivo do imperfeito latino, que tantas vezes aparece nos documentos escritos em latim medieval, como se pode verificar, por exemplo, nos *Portugaliae monumenta historica*, deu origem ao infinito pessoal. O

Eis uma passagem do *Palmeirim de Inglaterra* (cap. 31), em que as duas formas verbais aparecem quasi a seguir: «O saluaje d'espantado nã sabia que *dissesse*. E na verdade, se a rezam ou entendimento nã fora nelle tam grosseiro, bẽ achara que *dizer* e de que se *espantar*».

Em conclusão: o texto de Castanheda dispensa o *sic*, pois foi assim que ãle o escreveu, servindo-se de uma forma verbal ainda em pleno uso no seu tempo.

II

18. Em I, 12, 1-4, diz Camões, dirigindo-se a D. Sebastião:

Por êstes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítera par'eles só cobiço.

A construção corrente seria: *Por estes vos darei um Nuno, um Egas e um D. Fuas, que fizeram ao rei e ao reino tal serviço, que etc.*

Max o poeta usa aqui de uma intercalação, de que encontrou exemplos típicos no *Orlando Furioso*.

Ezellino, immanissimo tiranno,
Che fia creduto figlio del Demonio,
Farà, troncando i sudditi, tal danno,
E distruggendo il bel paese ausonio,
Che pietosi appo lui stati saranno
Mario, Silla, Nero, Cajo ed Antonio.

(III, 33, 1-6).

I relevati fianchi e le belle anche,
E netto più che specchio il ventre piano,
Pareano fatti, e quelle cosce bianche,
Da Fidìa a torno o da più dotta mano.

(XI, 69, 1-4).

facere, *faceres*, etc., latino ficou reduzido ao simples *fazer*, em nós tínhamos que *fazer*, etc., para se transformar nas formas pessoais infinitivas em *ao fazermos isto*, etc. E compreende-se bem como era fácil uma evolução neste sentido das frases latinas do tipo *curabam faceres*.

Dêstes assuntos me ocupo com mais desenvolvimento em uma comunicação que apresentei à Academia das Ciências de Lisboa.

O comentário limita-se a dizer: «que] é particula consecutiva correspondente á ideia de «taes» que se subintende».

O *que* é correlativo a *tal serviço*, como se *Um Egas e um Dom Fuas* se seguissem imediatamente a *um Nuno fero* e o verbo *fez* estivesse, portanto, no plural.

O *tal* do 2.^o verso não pode deixar de ter por correlativo o *que* do 3.^o, nem o *par'eles* do 4.^o deixar de compreender também o *Nuno fero*.

Todos três fizeram tais serviços, que é também para os celebrar a todos êles que Camões deseja a cítera de Homero.

A intercalação de *Um Egas e um Dom Fuas* no passo dos *Lusíadas* não é mais violenta do que as que se encontram nas duas estâncias do *Orlando Furioso*.

19. Em I, 18, Camões diz a D. Sebastião:

Mas em quanto êste tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento...

Qual é o tempo que passa lento? É *êste* que agora decorre e em que D. Sebastião *ainda não* rege o seu povo.

Como explicar então o 2.^o verso, que supõe expresso no 1.^o este pensamento: *Mas em quanto não chega o tempo, que tanto tarda?*

É que há aqui a contaminação entre dois conceitos: a) Em quanto passa lento *êste* tempo, em que ainda não regeis os povos; b) Em quanto não chega o tempo de regerdes os povos.

O *tempo* do primeiro conceito é o *presente*; o do segundo, o *futuro*. No primeiro há um elemento positivo (*passa*) e um negativo (*não regeis*); no segundo existem os mesmos elementos, mas trocados, isto é, o positivo *passa* é agora o negativo (*não chega*) e o negativo *não regeis* mudou-se para o positivo *regerdes*.

Como se deu a contaminação?

Ao elemento positivo do 1.^o conceito, em que o sujeito é o *tempo presente*, junta Camões o elemento, também positivo, do segundo, em que a palavra *tempo* designa, não o *presente*, mas o *futuro*. Por outras palavras: o poeta uniu os elementos extremos dos dois conceitos, os elementos positivos, resultando daqui uma frase cujo sentido só pela natureza do assunto se determina.

A cláusula: *Em quanto passa lento este tempo de regerdes os povos* parece significar: *Em quanto passa lento este tempo em que estais regendo os povos*.

Mas, como é óbvio, Camões não podia dizer tal cousa.

Recapitulando: em vez de exprimir integralmente ambos ou qualquer dos dois conceitos: a) *em quanto passa lento este tempo, em que ainda não regeis o vosso povo*, e b) *em quanto não chega o tempo de regerdes o vosso povo*¹, o poeta, como que para mostrar a ansiedade com que é esperado o tempo em que D. Sebastião há de governar, passa do princípio do primeiro ao fim do segundo, fundindo assim o *presente* com o *futuro*, certo de que não pode haver dúvida a respeito do seu pensamento.

O comentário explica: «passa lento] equivale a: vem lentamente, tarda a chegar».

Mas o sujeito de *passa lento é este tempo*, é o *presente*, e o de *tarda a chegar é o tempo de regerdes*, é o *futuro*.

Não há, portanto, equivalência.

Quem *tarda a chegar* não é «este tempo que passa lento» (*este* tarda a passar, não tarda a chegar); é *aquele* tempo, que ainda há de vir, «de regerdes os povos, que o desejam».

Os dois conceitos que ficam enunciados sob as letras *a* e *b* são equivalentes, mas para isso é necessário que sejam integralmente formulados.

Ora não é isto o que se dá em I, 18, 1-2, em que a metade de um está juxtaposta à metade de outro.

Com a substituição de *passa lento* por *tarda a chegar*, ficaria só conceito *b*. E reciprocamente teríamos apenas o conceito *a*, mudando a frase *De regerdes* para *Em que não regeis*.

Mas o que se não pode dizer é que haja equivalência, quer entre estas duas frases, quer entre *passa lento* e *tarda a chegar*.

Outro caso análogo de contaminação temo-lo em VII, 27, em que Monçaide oferece a sua casa ao português desembarcado em Calecut, até que chegasse ao Samorim a nova da vinda de Vasco da Gama:

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se quera,
Na sua pobre casa repousasse.

Mas, se em I, 18, 1-2, a contaminação se dá entre duas durações sucessivas — a que está decorrendo, em que D. Sebastião ainda não rege o seu povo, e a que se lhe há-de seguir, em que ele o há-de reger —, em VII, 27, 1-2, dá-se entre a duração que vai decorrendo — o tempo que leva a nova a chegar ao Samorim — e o termo dessa duração, isto é, a chegada da nova.

¹ Ou mais resumidamente: *Em quanto passa lento este tempo e não chega o de regerdes etc.*

Do conceito positivo — *em tanto que a nova ia* — e do negativo — *em tanto que a nova não chegava* — resultou, pela contaminação, pela fusão dos dois, a fórmula — *em tanto que a nova lhe chegava*.

O comentário limita-se a dizer: «em tanto que] = em quanto não».

Mas é claro que estas duas locuções não são equivalentes, não se podem ligar pelo símbolo da igualdade. *Em tanto que* não é o mesmo que *Em tanto que não*, ainda que o *em tanto* se substitua por *em quanto*.

O que precisa de explicação é o facto de o poeta poder dizer — *em tanto que a nova lhe chegasse* —, em vez de — *em tanto que a nova lhe não chegasse* —.

20. Em I, 25, 7-8, Júpiter declara que a *gente de Luso*

... sempre em fim com fama e gloria
Teve os troféus pendentes da vitória.

Do comentário a este último verso: «O epitheto «pendentes» está dado poeticamente aos tropheos, d'onde pendem os despojos dos inimigos: «trofeos, que erão arvores, desgalhados os ramos, e penduradas d'elles as armas, e despojos dos inimigos» (Vieira, *Serm. XI* pag. 12)».

Troféus, neste passo dos *Lusiadas*, são os despojos dos inimigos e não os troncos onde eles primitivamente se penduravam.

Daí o epitheto *pendentes*, inapplicavel aos troncos, que não estavam pendurados de cousa nenhuma.

Com esta mesma significação de *despojos* emprega o poeta a palavra, por exemplo, em III, 53:

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os troféus e presa rica¹.

E Vieira recordava-se talvez dos *troféus pendentes* dos *Lusiadas*, quando da quinta de Vila Franca, nas proximidades de Coimbra, escrevia ao padre Luís de Sá: «As outras cruzes teem um só titulo de tres linguas; mas esta nossa daqui por diante terá dois; pois merece este estar pendente do mesmo braço direito della, não só como satisfação, mas como trophéo daquella injuria»².

¹ São as «grandes prezas de ouro e prata, presoneiros e gados tomados na batalha», de que fala Duarte Galvão (*Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques*, edição de 1906, pág. 76).

² *Carta ao padre fr. Luis de Sá, acompanhada de uns versos latinos* (T. III, pág. 21-22, Lisboa, 1854). Estes versos encontram-se nas *Obras varias*, t. II,

O troféu na acepção primitiva é, neste caso, o braço direito da cruz; mas os versos que d'ele merecem estar pendentes são também um troféu.

No próprio sermão citado no comentário há também esta passagem: «Está adornada a imagem de S. Catharina com os tres instrumentos ou tropheos da sua victoria — uma palma, uma espada, uma roda»¹.

21. Em I, 42, 3-6, escreveu o poeta, relatando a viagem de Vasco da Gama:

Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço...

Comentário ao verso 4.º: «da banda do Austro] = no hemispherio austral. o Oriente] aqui, em particular, a Africa oriental».

A frase da *banda do Austro e do Oriente* é um latinismo, para designar o ponto colateral que fica entre aquêles dois pontos cardiais, isto é, o sudeste.

Era a sudeste do continente africano, no canal de Moçambique, que os portuguezes iam navegando,

Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.
(43, 7-8).

Basta abrir os *Commentarii de bello Gallico* de Cesar, para, logo no cap. 1.º, se encontrarem estas passagens: «Belgae... spectant in septentrionem et orientem solem. Aquitania... spectat inter occasum solis et septentriones»².

pág. 163 (Lisboa, 1857), e tem por epigrafe: *Eidem (Fr. Aloysio de Sä), trilingui sermone quaerenti, cur in Villa Franca positae cruci Monda dextrum brachium abstulerit.*

¹ *Sermões*, t. IX, pág. 267 (Lisboa, 1856). Cf. *ibid.*, t. II, pág. 244: «Levante Padua glorioso mausuléu ás sagradas reliquias de Antonio, e veja-se esculpida nas quatro fachadas delle a obediencia dos quatro elementos sujeitos a seu imperio... Pendurem-se nas pyramides por tropheos, os despojos innumeraveis da sua beneficencia». Na passagem citada no comentário, Vieira refere-se a uma vitória alcançada por Abraão e observa que êste, «conforme o uso daquelle tempo, pudera levantar tropheos, que eram arvores» etc.

² Explicando estas últimas palavras, diz o comentador F. Kraner: «ist gerichtet nach der Seite, Himmelsgegend, welche ist zwischen — d. h. hat eine nordwestliche Lage. Alle diese Lagebestimmungen giebt Caesar vom Standpunkte der Provinz aus». *Commentarii... Erklärt von Friedrich Kraner. Berlin, 1890.*

Os gregos também se exprimiam da mesma maneira. Assim, Estrabão, para

22. A propósito de I, 57, 5-6,

Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,

observa o comentário: «Quando a duas partes da oração de regência diferente (v. g. cuidar em algo, notar algo) se liga, menos correctamente, uma mesma determinação, pela segunda palavra é que se costuma regular a construção; neste passo Cam. regulou-a pelo primeiro verbo».

No português, não pode dizer-se de uma maneira genérica que seja menos correcto ligar a mesma determinação a dois verbos de regência diferente, visto que não faltam exemplos nos melhores escritores.

Bastará citar fr. Luis de Sousa e o padre Vieira. Escreveu o primeiro: «Assi começou a fazer em publico e em particular tudo o que devia a quem era, . . . sem *pretender* nem *tratar* mais que *do* bem publico»¹. E Vieira: «Eu (diz Christo) escolhi-vos para a mão direita, e vós por vosso juizo. . . *pedis* e *fazeis instancias pela* mão esquerda»². «Ouçamos o evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me *levou* e *trouxe de* tão longe»³.

Mas em I, 57, 5-6, não se dá o caso que o comentário supõe, de haver dois verbos de regência diferente, com a mesma determinação.

Os versos 5 e 6 estão, como se vê, intimamente ligados com os dois que se lhe seguem,

E como os que na errada seita creram
Tanto por todo o mundo se estenderam,

e cada um dos dois verbos do 5.º verso tem a sua determinação especial: *Cuida na gente e na maneira e nota como*.

É uma construção análoga a esta de Vieira: «Adão na terra tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos, não coube nem se contentou com um imperio tão vasto, e em uma corte tão deliciosa como o paraiso»⁴. Isto é: *não coube em uma côrte e não se contentou com um império*.

dizer, por exemplo, que a Turdetânia era limitada a noroeste pelo Guadiana, serve-se de palavras cuja translação literal é, em latim: «Hanc versus occasum et septentrionem determinat Anas fluvius». *Strabonis Geographica. Graece cum versione reficta. . . Parisiis, 1853, t. I, pág. 116.*

¹ *Historia de S. Domingos*, I parte, l. II, cap. 19.

² *Sermões*, t. I, pág. 243 (edição de 1854).

³ *Ibid.*, pág. 249.

⁴ *Sermões*, t. I, pág. 337-338 (edição de 1854).

A única diferença está em que, nos *Lusiadas*, os dois verbos teem cada um o seu complemento, na mesma ordem por que eles se encontram, e em Vieira há um quiasmo, ligando-se o primeiro verbo com o segundo complemento e o primeiro complemento com o segundo verbo.

23. Comentário a I, 69, 5 (*Nas mostras e no gesto o não mostrou*): «A repetição de palavras etymologicamente affins — «mostras» (= manifestações exteriores), «mostrou» — tem por fim assignalar bem a hypocrisia do xeque de Moçambique».

Não há aqui nenhum fim especial, pois se trata apenas de uma particularidade estilística, muito em voga no tempo do poeta. «Ao qual (cabo) elle chamou Cabo Verde por causa da *mostra* & parecer com que então se *mostrou*»¹. «Todas suas *mostras* e vestidos *mostrauã* que sua pena... nã se curaua com ver alegrias alheas»².

24. A propósito de I, 91, 5 (*Já a ilha e todo o mais desemparrando*) nota o comentário: «o mais] está substantivamente, e assim ligasse-lhe o adjectivo «todo» (se não ha, o que me parece mais provavel, erro typographico em vez de «tudo»; cf. I 3, 7; 97, 6; II 102, 2)».

Não há motivo para supôr a existência de erro tipográfico em *todo*.

No *Palmeirim de Inglaterra* leu Camões, por exemplo: «Os seus tornaram cobrar *todo* o que do campo tinham perdido» (cap. 12). «*Todo* isto fazia a vitoria tam triste, que nam auia quem a desejasse» (cap. 169). E em Castanheda: «Queria... favorecelo em *todo* o que podesse» (L. 11, cap. 53). E em J. de Barros: («Em Sião) ninguem tem hum palmo de terra, que seja propria, toda he (delRei)... Assi neste Reyno de Sião *todo* he Reguêgo» (*Década* 111, 2, 5). E em Duarte Galvão: «De *todo* o que assi lhe deu fez condado» (*Crónica de D. Afonso Henriques*, cap. I).

Em I, 91, 5, *todo* não é um adjectivo, como supõe o comentário. É a mesma forma neutra ou substantiva que se encontra nas passagens que ficam citadas.

Só depois do século XVI é que *todo* passou a usar-se exclusiva-

¹ J. de Barros, *Década* I, 1, 9.

² F. de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*, cap. 153. Cf. nesta mesma obra: «Parece-me que esse vosso parecer» (cap. 92). «Como cousas pouco costumadas trazem por costume» (cap. 94), etc. Veja-se sobre o assunto Leo Spitzer, *Die Wortbildung als stilistisches Mittel*. Halle a. S., 1910. Pág. 47 e segg.

mente como adjectivo, deixando assim de fazer concorrência á forma *tudo*¹.

25. Na *Década* I, 4, 5, escreveu João de Barros: «O xeque (de Moçambique)... logo ao seguinte dia cõ algũas desculpas mandou pedir a Vasco da Gamma paz & concordia. E quanto aos pilotos,... ã lugar delles (mandaua) outro,... homẽ que o auia de seruir melhor, por ser mais exercitado naquelle caminho da India... Vasco da Gamma vendo que o tempo nã era pera muitas replicas, & maes lhe conuinha o piloto ã outra algũa emenda delles, cõ palauras conformes ao caso acceptou o piloto... Partiu, leuando consigo maes verdadeiramente hũ mortal imigo que piloto».

É esta a fonte das estâncias 94 e 95 do canto I, a primeira das quais começa:

Pazes cometer manda arrependido
O regedor daquela inica terra,

e a segunda prosegue:

O capitão, que já lhe então conuinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

João de Barros diz que Vasco da Gama, a quem muito *conuinha*² o piloto, o *aceitou com palavras conformes ao caso*.

É o que o poeta repete nos dois versos:

Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalho.

Em vez, porém, de exprimir êste último pensamento na voz activa — *agasalhou-o alegremente* —, como o pedia a seqüência natural da narração, Camões dá preferência à voz passiva, havendo assim um salto, conhecido em estilística pelo nome de *mudança de sujeito*.

¹ Em outras línguas românicas, como se sabe, há só uma forma para o masculino singular e para o neutro. Sem sairmos de Portugal, temos no mirandês *tódo*, que exerce as duas funções. Veja-se o Dr. Leite de Vasconcelos, *Estudos de philologia mirandesa*, t. I, pág. 360.

² O verbo lá está no 1.º verso da estância 95.

A construção é, portanto, esta: *O capitão... recebendo o piloto*¹, este *foi d'ele alegremente agasalhado*.

E não faltam exemplos desta mudança em alguns dos autores portugueses lidos pelo poeta.

Assim na *Cronica del-rei D. Fernando* escreveu Fernão Lopes: «Quando elRei Dom Hemrrique soube como o Primçipe com suas gentes passaram os portos de Roçavalles per grado delRei de Navarra, e como se partira da çidade de Pampollona e se fezera premder per arte, ajuntou suas companhas»² etc. O sujeito de *se partira e se fezera premder* parece que é o *Primçipe*, mas pelo contexto vê-se que é *elRei de Navarra*, devendo, porisso, antes de *se partira*, subintender-se o pronome *este*, que hoje não deixaria de estar expresso.

E no *Palmeirim de Inglaterra* lê-se: «Entã (D. Duardos) contou tudo o que passara cõ Argonida, da maneira que fora ter a sua ilha e o modo que teue pera haver d'elle aquelles filhos» (c. 48). Claro é que o sujeito de *teue* não é o mesmo de *fõra ter*, mas o subintendido *ela*.

É óbvio que estas mudanças de sujeito³, que hoje se evitam, só se poderiam usar quando o contexto ou a natureza do assunto não deixassem lugar a qualquer equívoco.

Assim, nos *Lusiadas* I, 95, é Vasco da Gama, que está com pressa de partir, quem agasalha alegremente o piloto que lhe mandam e de que tanto precisa, e não é o piloto que o agasalha o êle.

¹ Estas orações de participio imperfeito, com o sujeito antes do participio, são usuais no século XVI e encontram-se ainda em outros lugares dos *Lusiadas*. Basta citar um exemplo:

Os portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o catual ao capitão:
Tempo cedo virá etc.

(VII, 55, 1-3).

² *Chronica do senhor rei D. Fernando*, cap. V, na *Collecção de livros ineditos... publicados de ordem da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1816*. Tomo IV, pág. 135.

³ Não é preciso observar que não é só na nossa lingua que elas se encontram. No latim, por exemplo, e a respeito de Plauto, observa W. M. Lindsay: «To the carelessness of every-day speech we may refer irregularities of construction like the following: Change of Subject, e. g. Capt. 206 nunc senex est in tostrina, nunc iam cultros attinet, Stich. 5 de nostris factis noscimus, quarum viri hinc absunt, quorumque nos negotiis absentum... sollicitae... sumus semper, Amph. 566, 587, Rud. 291. » (*Syntax of Plautus, Oxford, 1907*. Pág. 8). E no comentário ao passo dos *Captivi*: «Change of Subject, *senex est... adinet* (sc. Philocrates), is common enough in the colloquial diction of Plautus, e. g. *Trin.* 1049... Cf. *Mon* 454; *Trin.* 597, 813». (*The Captivi of Plautus. London, 1900*. Pág. 189).

O comentário diz: «A grammatica exige que seja «O capitão» sujeito de «foi agasalhado»¹; mas se fôr tomado no seu sentido usual (dê: ser acolhido, ser recebido, como em VI, 25), tem este verbo de referir-se ao piloto e não ao capitão, e porisso o morgado de Mattheus pôs entre parenteses o 6.º verso, sendo nesta parte seguido, entre outros por S. Lencastre — já Macedo escrevêra *comiter excepto navisque viaeque magistro* —. Semelhante interpretação porém torna desageitadissima² a construcção do período e ociosa a observação contida naquelle verso³. Creio, pois, que ha-de entender-se que o Poeta empregou o verbo «agasalhar» no sentido geral (de que todavia não conheço outro exemplo) de «encarar e tratar, de tal ou tal modo, a pessoa com quem nos avistamos». E cumpre notar que V. da Gama tendo mandado pedir um piloto (I 85)⁴, não havia de recebê-lo com má sombra; ao passo que não é superfluo memorar o Poeta, que o piloto, que vinha com muito más tenções, se mostrou contente, para assim justificar a confiança que nelle teve V. da Gama (I 96, 5-8) e todas as mais pessoas que iam na armada (I 97, 7-8)⁵.

Outro caso de mudança do sujeito temo-lo em VI, 14:

Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas cousas; mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado
Das ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino da agua o rei do vinho.

¹ No século XVI ainda a gramática não exigia isto, pois em certos casos se permitia a mudança de sujeito.

² Segundo o critério actual, que não é, neste e noutros casos, o mesmo por que se regulavam os nossos melhores escritores do século XVI.

³ Não é ociosa a observação, como o mostra a narrativa do poeta e a respectiva fonte. Vasco da Gama estava ansioso por continuar a viagem e já tinha perdido a esperança de obter em Moçambique o indispensável piloto. Recebeu por isso com alegria o que lhe vinha, contra a sua expectativa, ou, como diz Barros, *aceitou-o com palavras conformes ao caso*.

⁴ As cousas, como as narra J. de Barros, não se passaram precisamente assim. Dos dois pilotos que Vasco da Gama obtivera por intermédio do xequê e que já estavam ajustados, o que se achava a bordo tinha fugido a nado, sendo morto por essa ocasião, e o que estava em terra dizia-se que se havia ausentado para o sertão. Como Vasco da Gama os reclamava, o xequê mandou-lhe outro, que *foi aceito com palavras conformes ao caso, que foi alegremente agasalhado*.

⁵ Camões limita-se a reproduzir, precisando-a, a observação feita por J. de Barros.

O sujeito de *recebe*, como se vê pelo assunto, não é Lieu, mas sim Neptuno, representado pelo pronome *este*, que se subintende.

O comentário é omissivo a respeito deste passo.

Ainda outro caso se encontra em I, 82, 1-4:

Tanto que estas palavras acabou
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho.

Como o contexto o mostra, sem sombra de dúvida, o sujeito de *lançou* não é o mesmo que o de *acabou*.

O comentário exprime-se nestes termos: «O Mouro nos tais casos sábio e velho» parece não poder ser senão o «Mouro em Moçambique conhecido, velho, sábio, e co Xequê mui valido» da est. 77. ... Sendo assim «o Mouro» o sujeito de «acabou», tem de subentender-se (como diz FS.) «o xequê» para sujeito da oração principal que se segue. Semelhante mudança repentina de sujeito, dura sem dúvida, não ocorre só neste passo dos *Lusiadas* (v. R. Ph. em «Sujeito») e não deixa de ter casos paralelos nos escriptores latinos¹.

Repare-se no *crescendo*: *parece, sendo assim, não ocorre só.*

Cumpra também notar que no *Registo philologico* nada se diz sobre o assunto, não havendo mesmo artigo nenhum subordinado à palavra *Sujeito*.

26. Em II, 32, 5-6, põe Camões estas palavras na boca de Vasco da Gama:

Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina.

A locução adverbial *de verdade* modifica o adjectivo *seguro* e equivale a *verdadeiramente, realmente, a valer*.

Nêste sentido a encontrou Camões várias vezes. «Durou este combate, que sse começou como descarnho, e se acabou de verdade, ataa çerca do sol posto» (F. Lopes, *Cronica de D. João I*, 1.^a parte, c. 167). «Outras (achauã) que de verdade seus amores nã parecã fingidos» (*Palmeirim*, cap. 142). «Apertarão com os immigos tão de verdade que os fizerão retirar» (Castanheda, *Historia do descobrimento*, l. III, c. 42).

¹ Citam-se em seguida dois passos de Tito Livio, XXIV, 18, e XLV, 10.

O comentário põe a locução entre virgulas e explica: «de verdade] = onde haja verdade».

27. Os contemporâneos do poeta empregavam o verbo *errar* umas vezes sem complemento (cf. *Lusiadas*, II, 6, 3; III, 9, 6; etc.), outras com o complemento directo, na significação de *não encontrar*, *não acertar com*, e outras ainda com o indirecto, equivalendo a *cometer erro*, *cometer falta contra*.

Na segunda acepção diz, por exemplo, Castanheda: «(O Catural) lhe disse que era já muyto tarde, & como fizesse escuro que os poderia errar» (L. I, c. 21). E na terceira, lê-se, por exemplo, no *Palmeirim*: «Dizer donde nos poderã achar, nenhũa de nos o fara, pois nisso errariamos a quẽ nos o defende» (cap. 43). «Floramã inda entam não queria errar ao amor d'Altea» (cap. 55).

Nestes dois passos a preposição *a* podia ser substituída por *contra*, como acontece nos *Lusiadas*, III, 31, 7:

E não vê a soberba¹ o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

A mesma substituição se poderia fazer em II, 39, 6:

Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse,
Faça-se como Baco determina.

Em *te errasse*, o pronome está em dativo, e não em acusativo, como é fácil de vêr. *Te errasse* não quer dizer: *te não encontrasse*, mas sim: *comettesse erro contra ti*.

O comentário explica: «errar (alguem)» por «offender» é corrente no português antigo; v. o *Dicc.* de Moraes.

O Dicionário de Moraes (edição de 1858) estabelece bem nitidamente e fundamenta com textos a distinção entre *errar alguem*, isto é, não dar com êle, desencontrar-se dêle, e *errar a alguem*, isto é, offendê-lo, faltar aos deveres para com êle.

27. Nos melhores escritores portuguezes, por onde lia, encontrou Camões com muita frequência o participio imperfeito servindo de

¹ A palavra *soberba* aqui, como se vê pelo contexto, é um adjectivo, que designa a mãe de D. Afonso Henriques. O comentário observa: «É difficil decidir se neste lugar «soberba» é adjectivo ou o substantivo abstracto empregado em vez da expressão concreta».

Se alguma dúvida pudesse haver, o verso 8 desvanecê-la-ia completamente.

verbo em orações principais e em correspondência portanto com verbos no modo finito.

Eis alguns exemplos. «Semelhavellmente, viinham outros de rrefresco, que estavam atras pera isto prestes; e assi lhes aviinha como aos primeiros; e Nuno Alvarez com os seus sobrelles *matando*, de guisa que prougue a Deos de os Castellãos seerem desbaratados»¹. «E por aazo destas mortes, e outras muytas que teemdes ouvido, era elRei Dom Pedro (de Castella) tam mal quiste de todos, e *avendo* delle tamanho medo, que por ligeira cousa se partiam delle, e se hiam a Aragon pera o conde D. Hemrrique»². «Hūs mouros questauão é Arquico moradores de Maçuá *pesando-lhe* desta amizade q̄ nosso senhor ordenaua antre ho governador & ho Barnegais, porq̄ sabião q̄ auião de ser lâçados da terra: & por isso persuadirão ao Barnegais q̄ não fosse falar ao governador»³. «Hū dos que vinhão nele saluou os nossos em lingua Portugues, & *preguntando* que buscauão naquela terra. Ao que os nossos responderão»⁴ etc. «E em quanto não fez tēpo pera Tristão d'Acunha se partir, se armou hũa fusta que de câ do Reyno se leuou a madeira laurada: & porq̄ falecião muitas peças, cortarãose hũa soma de maceiras da anáfega pera liames, por ali auer muita copia dellas. *Vindo* o tempo da mōção com que Tristão d'Acunha podia nauegar, que era a dez de Agosto, & partiose Affonso d'Albuquerque per a costa de Arabia dali outros dez dias»⁵. «E (Melique Az) era tão sagaz & artificiozo em seu viuer, que á sua propria custa per terra se seguraua delRey (de Cambaya), & pelo mar *mostrando* temor de nós á custa delle, tendo sempre pera isso prestes muitos nauios de remo»⁶. «O caualleiro da fortuna, que a dor de tã gram desventura sentia dentro n'alma, e *vendo* que o outro nam acabara aquella auentura, a teue em mais do que te entã cuydaua... E *chegando se* mais a elle por ver se de todo era morto, e tiroulhe hū pano de seda com que o rosto estaua cuberto»⁷. «El rey *resistindolhe* animosamente, & como era já velho & as forças não lhe ajudauã ho animo, ali foy morto antre

¹ F. Lopes, *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, cap. 95. Edição do *Archivo Historico Português*.

² Id., *Crónica de D. Pedro I*, cap. 25, na *Collecção de ineditos publicados de ordem da Academia*, t. IV, pág. 68-69.

³ Castanheda, l. V, cap. 27.

⁴ Id., *ibid.*, cap. 29.

⁵ Barros, *Década II*, 1, 3.

⁶ Id., *ibid.*, 2, 9.

⁷ *Palmeirim de Inglaterra*, cap. 40.

seus vassallos»¹. «(O centauro) estaua sem poder bolirse da espadao muyto mal tratado, mas com esforço. Do que ho Caualeyro se agastou muyto polo mao meyo que ali tinha de ho curar, & *bradando* a Calidio que sabia de solorgia per pratica de Tiresia & vinha apercebido. Chegou Fimbrisa à elle: dandolhe graças & louvores... Calidio tratou de remedear ho Centauro ho melhor que soube e pode»².

Não é, pois, de estranhar que nos *Lusiadas* se encontre uma ou outra vez esta construção.

Um caso temo-lo em II, 27:

Assi como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agua incautamente,
Daqui e dali *saltando*, — o charco soa —,
Por fugir do perigo que se sente,
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe aparecem:

Assi fogem os Mouros etc.

A oração *As rãs daqui e dali saltando* (= *saltam*) está coordenada à de *aparecem* (v. 8.^o), como as suas congéneres, nos exemplos que ficam transcritos, se acham também ligadas com outras orações de verbo no modo finito, que as precedem ou se lhes seguem.

O comentário diz: «As rãs] é o sujeito do part. absoluto «saltando»; v. o com. a I 86, 6». E neste lugar: «No português antigo não existia a regra de não se collocar o sujeito antes do participio nas construcções correspondentes aos ablativos absolutos latinos».

Mas, na comparação que faz o poeta, a palavra *saltando* exprime a ideia fundamental, correspondente à do *fogem* do 1.^o verso da estância seguinte.

Não pode, porisso, formar uma simples oração participio, que se limitaria a enunciar uma circunstância.

O *E* do verso 7.^o tem de ligar, não dois participios absolutos — *saltando* e *acolhendo-se*, mas duas orações principais — *saltando* e *sós as cabeças lhe aparecem*³.

¹ Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das proezas da segunda Tauola redonda*, cap. 19.

² Id., *ibid.*, cap. 38.

³ São as construcções do tipo: *et tum agens et in posterum instituit celebrari*. Esta frase, pertencente a S. Gregório de Tours, escritor do século vi, é citada por Leo Spitzer, na *Zeitschrift für romanische Philologie* de 1911, pág. 268. Mas o *nominativus absolutus*, de que aqui temos um exemplo, é muito mais antigo no

Se assim não fosse, a comparação ficaria reduzida a isto: Assim como as rãs, saltando na água, ficam só com a cabeça de fora, assim fogem os mouros.

Que as palavras — *o charco soa* — devem formar um parêntesis mostra-o o verso 6.º, que imediatamente se liga com a primeira parte do verso 5.º

Note-se ainda que, se as palavras *Daqui e dali saltando* não formassem uma oração principal, coordenada à de *aparecem*, seria necessário considerar o *soa* do 5.º verso como coordenado ao *aparecem* do 8.º

Ora a isto se opõe a seqüência lógica das ideias.

Mas se o -participio *saltando* equívale a *saltam*, e a oração *o charco soa* forma um parêntesis, todas as dificuldades desaparecem.

É também por este processo que, a meu vêr, se deve explicar a falta de nexó entre as estâncias 16 e 17 do canto IX, que na edição comentada que estou apreciando, são reproduzidas pela maneira seguinte:

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Pera onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas e reposta
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos,

O prazer de chegar á patria cara
A seus penates caros e parentes
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes,
Vir a lograr o premio que ganhára
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.

As duas primeiras edições dos *Lusiadas*¹ e muitas das posteriores terminam a estância 16 por um ponto final.

latim, como o mostra Baehrens na *Glotta*, vol. 4.º, fasc. 3.º (pág. 266-270). Eis, com o participio imperfeito, uma passagem de Quinto Cúrcio (VIII, 2, 5): «*Ille humi prostraverat corpus gemitu eiulatuque miserabili tota personans regia* (personante teem indevidamente emendado os editores desde Modius, 1579). Com o participio perfeito, cita Baehrens casos de outros escritores. Esta construção também aparece nos clássicos gregos. Veja-se, por exemplo, Aristófanes, *Nuvens*, v. 409.

¹ O comentário, aliás tão minucioso na espécie, não nota esta circunstância.

Sendo assim, deve ela conter pelo menos uma oração principal.

¿Qual é? Na falta de verbo em um dos modos habitualmente empregados nestas orações, pode se-lo um dos três participios imperfeitos que na estância se encontram.

E a relação entre as ideias nela expressas mostra que este papel deve ser desempenhado pelo *cometendo* do verso 7.^o

O comentário subordina a estância 16 à 17, com uma só oração principal, no penúltimo verso da segunda. Mas a isto se opõe o conteúdo duma e doutra. Basta lê-las com atenção, para se vêr que devem estar separadas por um ponto final.

28. Em II, 48, 1-2, Júpiter diz a Venus:

Vereis a terra que a agua lhe tolhia
Que inda ha-de ser um porto mui decente.

A construção normal seria: *Vereis que a terra, que a agua lhe tolhia, inda ha de ser* etc. Isto é: o sujeito da oração integrante — *terra* — passou como complemento directo para a oração principal.

É o que se chama uma prolepse, de que não faltam outros exemplos, quer nos *Lusiadas*, quer nos escritos dos contemporâneos do poeta ¹.

Assim, quasi em seguida, na estância 50, 1-2, continua Júpiter:

Vereis a inexpugnabil Diu forte
Que dous cercos terá.....

Isto é: *Vereis que... Diu... dous cercos terá.*

É fácil distinguir estas orações das relativas.

Nos dois passos citados, Júpiter não diz que Venus verá Moçambique (é essa a terra a que se alude em II, 48, 1-2), ou que verá Diu, mas sim que verá Moçambique tornada um pôrto mui decente, e que verá Diu ser duas vezes cercada. Por outros termos: o complemento directo não é um simples substantivo, mas uma oração integrante.

¹ «Ordenou logo este nouo calyfa hum seu parente... que. . fosse sobre o calyfa de Damasco» (Barros, *Década*, I, 1, 1). «Jorge de melo pereyra não partio por ter muytos doentes & recear os leuantes que cursassem já» (Castanheda, I, II, cap. 71). «Cada hũ pode julgar o pranto, que tal seria» (*Palmeirim*, c. 167). No latim é também esta construção muito freqüente. «Te faciam ut scias» (Plauto, *Asinaria*, 28). «Inpulum uide quantum valet» (Terencio, *Phormio*, 986). E no latim da Vulgata: «Et vidit Deus lucem quod esset bona» (*Genesis*, I, 4).

A diferença entre as duas espécies de proposições pode exemplificar-se, comparando as passagens citadas (II, 48, 1-2, e 50, 1-2) com as que se encontram no canto X, est. 92 e seguintes, e de que basta transcrever esta:

Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama¹.
(X, 95, 7-8).

No comentário a II, 48, 1-2, lê-se: «Em «que inda ha de ser» há uma oração relativa que substitue um infinitivo (assim como se diz em francês: *je la vois qui chancelle*, vejo-a vacillar; v. a *Gram. franc.* de von Hafe e Epiphanyo Dias, § 385, b). A mesma syntaxe occorre em II, 50, 1-2 (onde «Vereis... Dio forte, que dous cercos terá» corresponde a «E vereis o mar Roxo... tornar-se-lhe amarello»), em VI, 47, 7-8, e em VIII 28, 5-6».

Em II, 48, 1-2, não há uma oração relativa que substitue um infinitivo; há uma oração integrante de *que*, que, como é natural, pode ser substituída por um infinitivo.

É o que também acontece nos outros lugares citados pelo comentário. Em VI, 47, 7-8,

A filha viu, que tanto o peito doña
Do forte rei, que por molher a toma,

a construção corrente seria: *Viu que a filha tanto o peito doma* ou *Viu a filha tanto o peito domar*.

E em VIII, 28, 5-6,

Não no vês, tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança,

é o mesmo que: *Não vês que ele reprende*, ou: *Não no vês reprender*.

Em conclusão: nas construções do tipo *Vereis Moçambique que inda ha-de ser um porto mui decente*, a oração de *que* pode ser integrante ou relativa, segundo o pensamento que se quer exprimir. É integrante, por exemplo, em II, 48, 1-2, e relativa em X, 95, 7-8.

A construção francesa que se cita, e na qual o *qui chancelle* é uma oração relativa predicativa, nada tem que ver gramaticalmente com a construção portuguesa de que se trata.

¹ Aqui é Tetis que aponta para um globo, em cujo centro está figurada a terra.

29. Em II, 102-103, o rei de Melinde, falando com Vasco da Gama, declara-lhe que já conhece por fama os portugueses,

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos¹ que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do reino onde as Hespéridas viveram.

(103, 1-4).

Em *se soa os grandes feitos* ha uma construção igual a esta: «O que vêdo os immigos se lhes quebrou muyto os corações, parecêdo-lhes que vinha soccorro aos nossos» (Castanheda, *Historia* etc., l. III, c. 70). Isto é, temos aqui o verbo na terceira pessoa do singular com o sujeito no plural², o que é muito freqüente nos nossos melhores escritores até o tempo de Camões.

Eis alguns exemplos. «Em fim da mesa *foi apresentado* ao comde e aos outros senhores mujtos panos de sirgo» (F. Lopes, *Cronica de D. Fernando*, cap. 129^o).

«A Iffanta se carpia;
Seus cabellos, fios d'ouro,
Arrancava e destruia;
Seus olhos maravilhosos
Fontes d'agua parecia.

.....

¹ Observação do comentário: «B. Feio, a ed. de Biel e G. de Amorim trazem «dos grandes feitos», o que não é syntaxe corrente. D. Car. M. de Vasconcellos, tambem para salvar a grammatica, supprimiu a virgula depois de «diz», dando a «como» significação causal; mas é evidente que o rei não disse a V. da Gama os feitos dos Portugueses, senão que de taes feitos corria a fama por toda a Africa».

Com estas últimas palavras confronte-se o que eu tinha escrito no *Instituto* de 1907, vol. 54, pág. 713, nota: «Suppõe-se geralmente que a expressão *grandes feitos* do 2.^o verso é complemento directo de *diz*, interpretação que o contexto não permite. O rei de Melinde não diz os *grandes feitos* que os portugueses fizeram em Marrocos;... o que elle diz é como esses feitos *são soados* em Africa».

² Considerando-se o verbo *soar* como transitivo, o sujeito seria o *se*, transformado de partícula apassivativa em pronome indefinido, como nestas passagens: «E ã çuez se carrega estas mercadorias ã nauios pequenos ã se chamão gelbas» (Castanheda, l. II, cap. 75). «Ora que elle fosse o que primeiro pos os pés na praya, ora algum outro que não veyo a nossa noticia, por em tão grande reuolta se não poder notar os passos de cada um, ... sabemos» etc. (Barros, *Década* II, 3, 1). «De tã poucos dias nam se esperaua tamanhas obras» (Morais, *Palmeirim*, cap. 33). «E como ambas estas nações tinham communicação com os hollandezes, e viviam de seus commercios, já se vê os damnos que desta união se podiam temer» (Vieira, *Cartas*, I, pág. 90-91, edição de 1854).

Em terra ficou enterrado,
Porque assi mandado havia,
Conhecendo que era terra
A mundanal senhoria,
Disse que os vãos thesouros
À morte não ¹ pertenciam.

(Gil Vicente, *Romance à morte d'el-rei D. Manuel*).

«A causa q̄ dizem porq̄ este capitão veyo a ser maes poderoso que os outros: foi porque lhe *coube* em sorte estas terras dos portos de mar» (Barros, *Década* II, 6, 2). «Tal he a simpreza humana, que nem as penas de cada dia a *faç* provida, antes *incita* a mayores erros» (J. Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das proeças da segunda Tauola redonda*, c. 5.^o). «Nã he pouco d'estimar as conuersações virtuosas e de homẽs sabios» (Fr. de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*, cap. 33).

Encontrando-se nestes e em outros escritores, que o poeta conhecia ², dezenas e dezenas de casos em que o verbo na terceira pessoa do singular tem o sujeito no plural, não é de estranhar que elle escrevesse *se soa os grandes feitos*, em vez de *se soam* etc.

Explicação do comentário: «Em «se soa... os grandes feitos» por «se soão» (cf. a justa gloria Dos proprios feitos, quando são soados (V 92); Vossos feitos... | São no mundo tão soados [Cam., redond. «Conde, cujo illustre peito»]) há rigorosamente incorrecção de concor-

¹ Deverá lêr-se: *só*?

² E não foi só nos nacionais. Assim, no *Orlando Furioso* leu êle:

L'accese in tal furor, che non difese
Vostri inimici argini o mura o fosse.
(XLII, 3, 5-6.)

Comentando estes versos, diz Casella: «Questo modo di accordare il verbo al singolare c'ha uno o più soggetti al plurale è contro grammatica; ma l'uso parlato, e anche quello degli scrittori l'ammette» (*L'Orlando Furioso... Con note... di G. Casella. Firenze, 1905*).

No *Orlando Innamorato* há também êste verso (L. I, canto I, est. 42):

Quattro giganti sempre la guardava,

que Berni retocou por esta forma:

Un de' giganti avea que la guardava.

Em Vieira encontram-se ainda vestígios desta construção. «Vossa reverencia tenha a larga vida que lhe desejo para lograr muitos annos... similhantes festas, de que a mim por tantos titulos *compete* sómente as despedidas». (*Cartas*, t. III, pág. 75 (edição de 1854).

dancia; mas Cam. pensou que poderia dizer assim, como se em vez de «os grandes feitos que fizerão», estivesse «o terem feito grandes feitos». Irregularidade semelhante ha em «Nom te abastava trinta mil mouros que me, per força de baptismo, tiraste...» (*Vida de Santa Pelagia, na Rev. Lusitana, X, pag. 186*).

O que Camões pensou foi que podia empregar o singular pelo plural, para o que lhe não faltavam bons modêlos.

E não é este o único exemplo que temos nos *Lusiadas*.

Assim, em III, 61, 5-8, lê-se:

Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

É claro que quem lava são as águas e não o tom. Isto é: o sujeito de lava é águas.

O comentário diz: «No ultimo verso esperava-se achar «lavão» tendo por sujeito «agoas»; mas attendendo a que «o tom das frescas agoas» equivale a «as frescas agoas resonantes» (cf. VII 20), Cam. tomou a liberdade de dar ao verbo por sujeito «o tom» e de dizer «lava».

A liberdade que Camões tomou, seguindo o exemplo de tantos escritores, de que elle tinha aturada leitura, foi a de pôr o verbo no singular, embora o sujeito estivesse no plural¹.

30. Em II, 111, 3-4, pergunta o rei de Melinde:

... Quem ha que por fama não conhece
As obras portuguesas singulares?

E em III, 105, 7-5, a rainha de Castela diz ao pai, o nosso D. Afonso IV:

Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.

¹ O comentário a V, 25, 7, corrige *aproveita* para *aproveitam* na seguinte passagem de Barros (*Década I, 4, 2*): «Como do vso do astrolabio pera aquelle mister da nauegação, auia po' u' co tempo que os mareantes deste reyno se aproueitaua m'...» Cumpre saber que João de Barros é precisamente um dos nossos escritores que mais exemplos nos fornece desta particularidade.

Adoptado o critério do comentário, muito haveria que emendar em J. de Barros e em outros escritores.

Comentário ao primeiro passo: «conhece] em vez de «conheça» por causa da rima». E ao segundo: «soccorres] é indicativo, irregularmente, em lugar do conjunctivo, por necessidade da rima, da mesma maneira que em II, 111, 3».

Mas, sem estar obrigado à rima, escreveu Francisco de Moraes: «Na casa auia quem o sabia bem fazer» (*Palmeirim*, cap. 87)». «Co'isto pode ser que tereys algũ fauor» (*Ibid.*, cap. 142). E João de Barros: «(Lôge Atar) temendo tambẽ que a dor de todos lhe podia naquelle tẽpo ir à mão, tomou outro caminho» (*Década II*, 2, 4). E Vieira: «Quanto temo que se nos apparelha um tremendo açoute, e que havemos de sentir primeiro os rigores da divina justiça de que cheguem as promessas da sua misericórdia!» (*Cartas*, t. I, pag. 23).

31. Em III, 77, 3-4, lê-se:

Já vem do promontorio de Ampelusa
E do Tinge, que assento foi de Anteo.

Comentário a propósito do *Tinge*: «*Tingis (Tingi Tinge)* é o nome latino da moderna Tanger. Sendo «Tinge» nome de cidade, Cam. certamente não disse «do Tinge». Esta cidade dizia-se haver sido fundada por Anteo (Pomp. Mela, I § 26)».

Não é necessária a correção, pois em mais de um lugar de Sabélico encontrou Camões expressa a opinião de que a cidade de Tingis foi fundada, não por Anteu, mas por Sifax, filho de Hércules e de Tingena, viuva de Anteu. «Apud Tingenitas uetus fama fuit, post Anthaei interitum, Tingenam eius coniugem ab Hercule compressam, atque ex eo congressu Syphacem genitum; qui ipsis deinde locis late regnum adeptus, urbem de matris nomine Tingenam condidit» (*Enneadis I liber VI*, col. 108. Cf. *En. VI, l. III*)¹.

O *Tinge, que assento foi de Anteu*, é mencionado nesta estância juntamente com o Atlas (v. 1-2), com o promontório de Ampelusa (v. 3) e com o Ábila (v. 5); deve portanto ser também um monte ou, pelo menos, uma região montanhosa. É o sítio onde viveu o marido de Tingena e onde depois foi edificada a cidade que desta recebeu o nome.

Em III, 77, 4, não há, pois, uma correção a fazer; o que há é uma prolepse.

¹ A fonte de Sabélico é esta passagem de Plutarco, na *Vida de Sertório*: «Les habitants de Tingis prétendent qu'après la mort d'Antée, sa femme Tingès ayant eu commerce avec Hercule, en eut un fils, nommée Sophax, qui regna dans le pays, et bâtit une ville qu'il appela Tingis, du nom de sa mère». *Les vies des hommes illustres par Plutarque, traduites en français par Ricard*. Paris, 1854. T. II, pag. 48.

32. Em III, 143, 5-8, pondera o poeta:

Desculpado por certo está Fernando
Pera quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

Isto é: D. Fernando será certamente desculpado por aqueles que, por experiência própria, sabem o que é o amôr; mas esses mesmos não seriam tão benevolos com êle, se o julgassem em quanto tinham ainda livre a fantasia. Vê-se, portanto, qual é o sujeito de *julgaria*: é o mesmo de *tem experiencia*, mas em uma situação diferente, enunciada no verso 7.^o

O comentário diz: «julgaria] sc. eu».

33. Sobranceiro ao estreito de Gibraltar e quasi a meio da respectiva costa africana, ergue-se um pico de 856 metros de altitude, bifurcado no vértice e coberto de névoa durante os meses em que ali sopram os levantes ¹.

É o Atlas de Homero ² e de Heródoto ³, o *djebel Muça* dos árabes, o ponto culminante da serra da Ximeira dos espanhóis, da serra de *S. Gens* dos portugueses, contemporâneos de Azurara ⁴, da serra dos *Monos* de Manuel Pimentel ⁵, e o *Mont aux Singes* ou *Apes Hill* das *Instruções nauticas* francesas e norte-americanas ⁶.

¹ Veja-se a valiosa obra de Victor Bérard, *Les phéniciens et l'Odyssee*, I, 246 e segg. (Paris, Hachette, 1902).

² *Odisseia*, I, 52 e segg. A bifurcação do pico explica o plural κίονας do épico grego, como o mostra Bérard.

³ *Historias*, IV, 184. «A travers la Libye... Hérodote trace un Rempart des Sables jalonné, de dix en dix jours de route, par une butte de sel;... la dernière de ces buttes près des Colonnes d'Hercule est attenante à l'Atlas, montagne étroite et toute ronde, si haute que l'on ne saurait en voir les sommets. Cet Atlas, que jamais, été comme hiver, les nuages ne decouvrent, les indigènes l'appellent la Colonne du Ciel». Bérard, *ibid*, pág. 243.

⁴ «Antre os lugares, que os Mouros tinham ácerca da Cidade de Cepta assi eram dous Valles, ... os quaes se departem com hũa faldra daquella *Serra da Ximeira*, a que ora chamam a Serra de Sam Gêens». *Cronica do Conde D. Pedro*, cap. 24. Lisboa, 1792.

⁵ «Trez leguas e meia a Leste da Ilha de Tarifa está o *Cabo Cabrita*, ou *Punta del Carnero*, que he a ponta de Ponente da grande bahia de Gibraltar. Defronte na costa da Barbaria lhe fica a Serra dos Monos». *Arte de navegar*, pág. 537. Lisboa, 1819.

⁶ Bérard, *loc. cit.*, transcreve passagens e reproduz estampas de umas e de outras *Instruções*. Veja-se também o roteiro da marinha inglesa — *The Mediterranean Pilot* —, t. I, pág. 52 e segg. Londres, 1885.

Quando os primitivos navegadores fenícios, trazidos pelos levantes, começaram a frequentar estas paragens, não podia deixar de lhes chamar a atenção o elevado pico, em cuja extremidade superior, envolvida em nuvens, parecia pousar o céu.

E como eles se achavam nos confins do ocidente, julgaram ter à vista uma das quatro colunas em que, segundo as doutrinas cosmográficas dos egípcios, se apoiava o céu, e puseram-lhe o nome de *Ábila*, o *monte alto*, parece ¹.

Atrás dos fenícios vieram os gregos, que perfilharam a crença daquêles a respeito da função exercida pelo *Ábila* e lhe chamaram, na sua própria língua, o *Atlas* (ou *Atlante*), como quem diz: o que *suporta* o céu ².

E o elevado monte em que o céu se apoiava passou a ter uma história, inventada pela brilhante fantasia helénica.

Era um titán, sôbre cujos ombros ou cabeça pousava o céu e que um belo dia Perseu transformou em monte, servindo-se para isso da cabeça de Medusa ³.

Quando, porém, fenícios e grêgos começaram a percorrer as costas occidentais da Europa e da África setentrional, notaram, ao voltar para o Mediterrâneo com o auxilio dos ponentes, que o pico que dantes lhes aparecia sempre envolvido em nuvens, se destacava agora nitidamente na limpidez atmosférica e que a abóbada celeste se achava dêle muito afastada.

Foi preciso, porisso, procurar em outro sitio a coluna do céu, que devia existir no extremo ocidente.

Por fim os geógrafos fixaram o *Atlas* na cordilheira que hoje é conhecida por êste nome ⁴.

Apesar disso, ainda na antiguidade clássica houve quem se conservasse fiel à primitiva localização do monte africano.

¹ «Abilam vocant | Gens Punicorum, mons quod altus barbaro est, | Id est latino». Festus Avienus, *Ora maritima*, 345-347. Edição de Holder, *Risfi Festi Avieni Carmina, Ad Aeni Pontem*, 1887.

² «Le personnage d'Atlas n'est qu'un nom commun personnifié. Dans la langue des Ioniens, atlas, ἄτλας, est le portant: τλάω, porter» (Bérard, *loc. cit.*, pág. 244). «Atlas, der gewaltige Träger (τλάω), trägt selbst, d. h. mit seinem eigenen Leibe, die Säulen, welche den Himmel über der Erde stützen». Roscher, *Ausf. Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, I, 705.

³ Cf. Ovídio, *Metamorfoses*, IV, 627 e segg.

⁴ Para Estrabão (l. XVI) ainda o *Atlas* começa no cabo Cotis (Espartel), atravessando a Mauritânia em direção às Sirtes. «Mons qui a Cotibus usque in Syrtes per mediam Mauritaniam tendit». *Rerum geographicarum libri. Amstelodami*, 1707.

Basta citar o cordubense Lucano, cujo poema Camões conhecia bem ¹.

Eis o que êle diz, falando dos vastos dominios de Juba:

..... Non fusior ulli
Terra fuit domino: qua sunt longissima regna,
Cardine ab occiduo vicinus Gadibus Atlas
Terminat.....

(*Pharsalia*, IV, 670-673).

Aqui temos o Atlas vizinho de Gades (Cadix), o que levou um comentador a observar, sem razão: «(Gades) opponit poëta Atlanti, sed quam recte, consules geographos, excusabisque poëtis *quidlibet audendi esse potestatem*» ².

E em outro lugar (I, 554-555), o poeta latino, exprimindo-se ainda com mais precisão, opõe o Atlas ao Calpe, dizendo que o mar passa entre ambos:

..... Tethys maioribus undis
Hesperiam Calpen, summumque implevit Atlanta ³.

O Ábila dos fenícios tambem houve quem o mudasse, mas para muito mais perto e por outros motivos.

Entre as façanhas de Hércules figura, como se sabe, o ter pôsto o Mediterrâneo em comunicação com o Atlantico, erigindo à entrada oriental do novo estreito duas colunas, dois montes, um do lado da Europa e outro na costa africana ⁴.

O primeiro é o Calpe (Gibraltar) e sôbre isso não há hesitações.

Mas, olhando para uma carta do estreito, vê-se que em frente do Calpe fica, não o antigo Ábila-Atlas, mas a pequena península de Almina, cujo ponto culminante é o monte do *Facho*, o *Hacho* dos espanhóis ⁵.

¹ Cf., por exemplo, *Pharsalia*, II, 583-594, e *Lusiadas*, III, 71-73.

² Veja-se a edição de Schrevelio, *cum notis variorum*, Leide, 1669.

³ Comentário da edição citada: «*Altius inundavit Oceanus occidentalis inter Calpen Hispaniae terminum Gibraltar & Abylam extremum Mauritaniae montem, pro quo videtur poëta possuisse Atlanta minorem, scil. Errif, prope Herculis columnas*». O Atlas de Lucano fica algumas léguas a noroeste do Rif.

⁴ Ponho de parte a modificação da lenda que colocava as colunas em Gades ou em outros pontos. Cf. Estrabão, I. III, cap. V.

⁵ «(Ceuta) está situada en la entrada de la embocadura oriental del Estrecho de Gibraltar, en la falda O. del monte Hacho, en el corto y angosto istmo que une el Continente africano aquel elevado promontorio, teniendo al frente y à 20 kms. de distancia la plaza de Gibraltar... En la falda setentrional y occidental de la península que, compuesta de siete sucessivos cerrillos, asciende gradualmente desde

Ora, sendo os antigos conformes na afirmativa de que a coluna de Hércules africana era o Abila, nada mais natural do que a tendência para identificar êste com a península de Almina, no centro da qual sobressai o *Facho*.

Esta identificação não é, todavia, aceite por todos.

Eis o que sobre o assunto escreve Bérard: «De l'avis de tous les géographes anciens et récents, Abila est situé sur la côte africaine. Mais en quel point exactement? Anciens et modernes discutent, et la majorité n'est pas en faveur du Mont aux Singes. L'opinion courante est celle de Tissot qui... se rallie à l'opinion de Ptolémée, dit-il, en identifiant Abila au mont Akho (*aliás: Hacho*) de la presqu'île de Ceuta. Cette théorie de Tissot peut sembler plausible et même certaine, si nous regardons une carte du détroit de Gibraltar. Sur la carte, en effet, Ceuta et Gibraltar, de chaque côté de la passe, se font pendant avec une complète symétrie... Mais il n'en est ainsi que sur nos cartes... L'œil du navigateur ne voit pas les côtes de la même façon... Ceuta est basse: son mont Akho (*Hacho*) n'a guère que 200 mètres de haut... Pour un navigateur non familier, la colline de Ceuta se confond entièrement avec les contreforts du Mont aux Singes»¹.

¿Que pensava Camões sobre o assunto? ¿Identificava o Abila

el istmo hasta el citado monte del Hacho, que es el ultimo y maior de todos, aparece tendida en anfiteatro... la Ceuta moderna ó sea la de la Almina. En la cumbre del Hacho, à 194 m. sobre el nivel del mar» etc. *Diccionario encyclopedico hispano-americano*, IV, 1290. Barcelona, 1888. Cf. o nosso Fr. Luis de Sousa, *História de S. Domingos*, 2.^a parte, l. 2, c. 20. «Levantou aqui a natureza... huma montanha de terra alta e penhascosa no meio do mar, que... está, como se fosse uma cabeça humana, junta com o corpo da terra firme por meio de uma estreita ponta, ou pescoço de terra, de tal feitio, que ficando lavado das aguas de huma e outra parte, deu bastante assento pera huma grande e e fermosa povoação... Ficando a cidade senhora da montanha que dissemos (chamam lhe Almina) que lhe fica nas costas, faz rosto a toda a Berberia».

¹ *Loc. cit.*, pág. 256. Eis o que também se lê no *Mediterranean Pilot*, pág. 54-57: «*Sierra Bullones (Apes Hill)*. This celebrated mountain, called by... the ancient Romans *Abyla*, is very remarkable, and with the Rock of Gibraltar, well marks the eastern entrance to the strait... This mountain, and Gibraltar under the name of Mons Calpe, were called by the ancients the Pillars of Hercules... In clear weather when the strait is approached from the eastward the Rock is seen at a distance of 40 miles, and has a isolated appearance... The sierra Bullones (Apes hill) is seen at the same time also appearing isolated. The sierra Bullones shows in two conical peaks... Almina de Ceuta is also seen, but less elevated, thoug remarkable for the castle of Hacho that crowns it. In the thick weather wich usually accompanies easterly winds the Rock has often been mistaken for the sierra Bullones».

com o Atlas, ou distinguia-os? ; Se os distinguia, onde colocava cada um d'elles?

Conhecendo directamente a região, pela sua estada em Ceuta, o poeta dá ao Atlas a sua primitiva séde, quasi a meio da costa africana do estreito de Gibraltár, e faz do Ábila um monte diferente, o actual *Facho* ou a península de Almina.

A distincção é patente em III, 77:

Ja se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o ceu;
Já vem do promontório de Ampelusa
E do Tingé, que assento foi de Anteu;
O morador de Abila não se escusa...

E na ode I, escrita em Ceuta, Camões diz que vê o velho Atlante comover-se ao ouvir-lhe a voz:

Olha como suspíram estas ondas
E como o velho Atlante
O seu colo arrogante
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz, fraca e doente!

O Atlas está por tanto à vista de Ceuta ¹.

E o Abila, a coluna de Hércules africana, é a pequena península montanhosa, junto de cujo istmo fica Ceuta; é o monte do Facho, fronteiro ao môrro de Gibraltár.

Foi *junto da Serra de Abila* que o lendário D. Fuas Roupinho alcançou uma grande vitória sôbre as *galés da maura gente*:

. . . Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
Co fogo que acendeu junto da serra
De Abila, nas galés da maura gente.

(VIII, 17, 1-4).

E pela fonte do poeta sabemos onde ficava esta serra: «D. Fuas teve conselho do que fariam, e acordaram ser bem ir sobre o porto de Cepta, e hy acharam Fustas de Armada de Mouros, e tomaram-nas e assi outros Navios grandes com elles» ².

¹ Fica-lhe a duas léguas de distância. Veja-se Pimentel, *Arte de navegar*, pág. 584.

² Duarte Galvão, *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques*, cap. 56. Lisboa, 1906.

Vasco da Gama, falando ao Samorim, alude também por estas palavras à conquista de Ceuta por D. João I:

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.

(VIII, 71, 1-4)

E ocupando-se do mesmo assunto, diz ao rei de Melinde:

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tetis inquieta
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma. . . .

(IV, 49, 1-6)

Não há, portanto, dúvida nenhuma que, para o poeta, a *serra de Ábila*, o *monte Ábila*, é a península de Almina com o monte do Facho, que nela se levanta, e que o *morador de Ábila* é o morador desta península e especificadamente o de Ceuta.

O comentário a IV, 49, diz: «O monte Abyla] designa aqui a cordilheira que orla o lado meridional do estreito de Gibraltar».

Sendo assim, o poeta diria que D. João I tomou essa cordilheira, o que não corresponde à verdade. O que elle tomou — e é o que diz o passo dos *Lusiadas* — foi a cidade de Ceuta e a península junto de cujo istmo ela tem o seu assento. E essa península merecia uma referência especial, por causa da sua celebridade.

Com o intuito de justificar o seu asserto¹, o comentário transcreve estas palavras da *Nouvelle Géographie Universelle* de E. Reclus (XI, 668): «*En se prolongeant au nord, la chaîne bordière. . . se termine à la pointe d'Afrique par le djebel Bellionnech. . . D'un côté ce massif projette à l'est l'étroite péninsule qui s'unit par un isthme au massif insulaire de Ceuta; de l'autre il s'avance au nord pour former le promontoire du Djebel-Mouça, le pilier meridional de la Porte d'Hercule. Ce pilier, l'antique Abyla. . .*».

Como se vê, o celebre geografo francês coloca o Ábila no seu primitivo lugar, identifica-o com o *Djebel-Muçã*, com o *Monte dos Monos* das cartas nauticas, ao passo que Camões, como muitos outros, o desloca duas léguas para sudeste, para a península de Almina.

¹ Este intuito revela-se bem no facto de a transcrição se seguir imediatamente ao texto do comentário, de que está separada apenas por dois pontos.

A citação não vem, portanto, a propósito.

Mas há mais. Nela não se diz que o Ábila seja «a cordilheira que orla o lado meridional do estreito de Gibraltar». E. Reclus, nas palavras que ficam transcritas, chama ao Ábila, não uma cordilheira, mas um *pilar*, uma *coluna*. «*Ce pilier, l'antique Abyla*», diz êle. E completando a passagem: «*Ce pilier, l'antique Abyla, partagé en deux par une fissure verticale, n'est guère moins superbe que le rocher de Gibraltar et sa hauteur (856 mètres) est plus considérable*».

Continua o comentário a IV, 49: «o nobre fundamento de Ceita] equivale a: a nobre Ceita, base das conquistas portuguesas na Africa (*Libyci fundamina regni | Septam urbem*, Macedo). Com sentido analogo diz D. Pacheco: «mandou descobrir as Ilhas de Sam Thomé e Sant'Antonio e as pouorou com fundamento da nauegaçam da India»...

Suponho que a palavra *fundamento*, em IV, 49, 5, significa o mesmo que *assento*¹, como neste passo do *Palmeirim de Inglaterra*: «Entã (o caualleiro do Saluage) chegando aa porta pos as mãos nella, e pareceo lhe que outrê de dentro a sostinha; mas como porfiasse a abrilla, a velha deixou d'a soster e o recebeo, acompanhada de quatro caualleiros armados de lustrosas armas, queixando se delle a elles, que queria destruyr o seu *fundamento* de tanto tempo»².

Diz mais o comentário: «Em «o monte Abyla» e [o nobre fundamento de] Ceita» ha hendiadys, equivalendo aquella expressão a: Ceita, que está assentada nas montanhas a que pertence o Abyla».

Não há aqui hendiadys, pois Camões quer dizer que D. João I tomou a cidade de Ceuta e também o monte Ábila, isto é, a península de Almina, a qual, segundo a expressão de Fr. Luis de Sousa, «fica nas costas» da cidade.

Note-se que o comentário a IV, 49, começa por dizer que, neste passo, o Ábila é uma cordilheira — «a cordilheira que orla o lado meridional do estreito de Gibraltar» — e termina por attribuir ao poeta a asserção que o «Ábila pertence às montanhas em que Ceuta está assentada».

¿O Ábila, a coluna de Hércules africana, é uma cordilheira, ou é apenas um monte, que faz parte de uma cordilheira?

É claro que, para Camões, não é nem uma nem outra coisa: é uma

¹ Cf. por exemplo, I, 73, 1:

Do claro assento etêrio o grão Tebano etc.

² Cap. 154, pág. 268-269 (edição de 1786). Pouco antes, falando da mesma morada da velha mágica diz o *cronista*: «Ao caualleiro do Saluage lhe pareceo este *assento* a cousa mais notauel» etc. (pág. 260).

pequena península montanhosa, isolada por um istmo, baixo e estreito, das terras do continente fronteiro ¹.

A propósito de III, 77, 5 ², diz ainda o comentário: «Abyla é o nome antigo do promontório de Africa fronteiro ao Calpe».

¿Mas que promontório é este? ¿É o *Djebel-Muçã*, o monte dos *Monos*, ou a península de Almina?

A esta última é que o poeta se refere; mas o comentário, para ser consequente com a anotação a IV, 49, 5, deve identificar o Ábila com aquêl monte, ou supôr que o Atlas dos *Lusiadas* não fica sobranceiro ao estreito de Gibraltar.

A primeira hipótese é excluída pela simples leitura da estância.

O monte dos versos 1-2, o Atlas, é diferente do Ábila, mencionado no verso 5.^o. O poeta indica lugares situados na costa africana desde o cabo de Espartel até Ceuta e começa pelo Atlas, o monte mais elevado da região e o mais célebre na mitologia, depois menciona, a oeste, o Tinge e o promontório de Ampelusa e por fim especifica o Ábila, a leste.

¿Mas suporá o comentário que o Atlas do poeta não é o *Djebel-Muçã*, mas sim a cordilheira hoje conhecida por aquêl nome?

Assim parece, por esta nota a III, 73, 1: «Atlante... foi convertido por Perseo (v. *Ov. Met.* IV 626-661) na cordilheira do Atlas (ou Atlante, X 156), que deu o seu nome ao *mare Atlanticum*».

Mas o Atlas de Camões, como se vê pela estância 77 do canto III e mais determinadamente ainda pela passagem da ode I, acima transcritas, fica nas proximidades de Ceuta. É o Atlas de Homero e de Heródoto.

Para a cordilheira que depois recebeu êste nome reservaria naturalmente o poeta a designação de *Montes Claros*, frequente nos nossos escritores do século XVI. Basta transcrever estes passos do *Esmeraldo* do grande Duarte Pacheco ³: «Quem esteuer seis leguoas em mar do cabo de Gueer, e fazendo tempo craro, verá as serras dos montes

¹ Releia-se a descrição de E. Reclus. Para êle, a península de Almina, o Ábila do poeta, é um *maciço insular*, que por um istmo está unido a uma estreita península, projectada para leste pela serra de *Bulhões*. Cf. *The Mediterranean Pilot*: «The eastern slope of the Marabut mountain descends in proportion as it extends eastward, and continues narrowing until it becomes a mere tongue of low land, ; little more than a cable across, forming the isthmus of Ceuta... The peninsula being a series of seven small hills, wich ascend gradually to the largest and highest monte del Hacho» (pág. 54-55).

² Veja-se a transcrição, há pouco feita, de parte desta estância.

³ *Esmeraldo De situ orbis de Duarte Pacheco Pereira. Edição crítica anotada por Augusto Epiphanyo da Silva Dias. Lisboa, 1905.*

Craros em tam grande altura que parecem vezinhas ás nuuens... Pois prometemos escrever as cousas notavees e dinas de memoria que em Africa sam, Razam he que os montes Craros vezinhos do porto de Meca ¹ nam passem por esquecimento; porque he certo que tam fermosas terras e de tam grande altura poucas possuy ho uniuerso... Isto com outras cousas sabemos das serras dos montes Craros que nos pareceo bem escrever nesta nossa obra, e ainda hade-remos mais o que diz Plinio no seu quinto liuro «de situ orbis» e asy outros autores, os quais escreuêram auer neste sitio ho monte Atalante, tam alto, que as nuuens excede, e dizem seer hum soo monte, com muitas fabulas que d'elle contáram; mas como quer que os anti- guos escritores nam souberam esta prouincia nem a praticáram como ha nós teemos praticado, por tanto nam he marauilha cayrem em error, por que tal monte, nem de tal feiçam, em toda aquella Regiam ho nam há, soamente as grandes e muito altas serras dos montes Craros que muita parte de Africa de longuo correm, ... e estas pa- recem que deuem ser ho monte Atalante, as quaaes sam muito des- uyadas da feiçam e outras cousas que os antiguos escritores do monte Hatalante disseram» (pág. 62, 65, 66).

Afirma o comentário a III, 73, que o *mare Atlanticum* recebeu o nome da cordilheira do Atlas.

Mas o nome dado ao mar de que se trata é mais antigo do que o conhecimento daquela cordilheira, por parte da antiguidade clássica.

Heródoto, para quem o monte Atlas ainda está nas proximidades das colunas de Hércules, já chama ao mar que fica fóra destas θάλασσα ἡ Ἀτλαντὶς, o *mar atlantico* ². O nome veio, portanto, quer do primitivo monte Atlas, quer do gigante que neste foi transfor- mado.

Em resumo: para Camões o Atlas é o *Djebel-Muçã* e o Abila a península de Almina. Não tem, portanto, razão o comentário, identi- ficando o Ábila dos *Lusiadas* com o *Djebel-Muçã* ou fazendo dele uma cordilheira, e supondo que o Atlas do mesmo poema é a cordi- lheira que hoje tem êste nome.

¹ Aliás *Meça* ou *Messa*, como se pode vêr nos roteiros, nos atlas e nos livros de geografia. O editor renova no *Índice* a inexactidão que não corrigiu no texto, onde a palavra aparece umas poucas de vezes.

² L. I, cap. 202. O Dr. K. Abicht comenta: «Nach dem Atlas, der am ausser- sten Westende der damals bekannten Welt den Himmel auf seinen Schultern tragen sollte, wurde das Meer benannt, welches sich von dort aus ausserhalb der Säulen des Herakles ausdehnte». HERODOTOS. *Für den Schulgebrauch erklärt...* Leipzig, 1903. Vol. I, pág. 233.

34. Camões começa por estas palavras a narrativa do sonho em que o Ganges e o Indo aparecem a D. Manuel:

..... No tempo que a luz clara
Foge e as estrélas nitidas que saem
A repouso convidam quando caem,

Estando já deitado no áureo leito etc.

(IV, 67, 668, 1).

Quis aqui o poeta especificar alguma parte da noite ou referir-se só a esta em geral, de modo que nas palavras citadas da estância 67 há apenas uma perífrase, equivalente à locução — *de noite* — ?

É verdade que as palavras *no tempo que a luz clara foge* parecem indicar o começo da noite; por outro lado, o último verso da estância 67 alude ao cair das estrélas e portanto ao tempo que se segue à meia-noite.

Reparando, porém, com atenção, vê-se: 1.^o) que o verbo *fugir* não denota necessariamente o começo da noite, pois pode exprimir a acção durativa ¹; 2.^o) que o texto não diz que o sonho foi no tempo em que estrélas caem, isto é, marcham para o ocaso, mas sim no tempo em que

..... as estrélas nitidas que saem
A repouso convidam quando caem.

Que é o *sair* das estrélas? É a sua ascensão para o meridiano, assim como o *cair* é a sua declinação do meridiano para o poente.

Por outras palavras: *sair*, nesta passagem, tem a significação de *subir*.

Como Camões, também o Dante distingue as duas fases do movimento aparente das estrélas pelos verbos *sair* e *cair*:

Già ogni stella cade, che saliva
Quando mi mossi ².

¹ *No tempo que a luz clara foge* quer, assim, dizer: *no tempo que a luz clara anda fugida*, isto é, *está ausente*. São do comentário estas palavras: «O verbo «fugir» pode tomar-se na qualidade de verbo de estado, equivalendo por assim dizer a «estar desterrado» — Storck traduz «foge» por *entschwund* —. Assim «no tempo que [= em que] a luz foge» designa de modo geral a noite».

² *Inferno*, VII, 98-99. Comentário de B. Bianchi: «Cioè, è passata la metà della notte, . . . *Le stelle cadono*: dunque han passato il meridiano, ossia mezzanotte». *LA COMMEDIA . . . novamente riveduta nel testo e dichiarata*. Firenze, 1868. Note-se que o poeta italiano se não refere a todas as estrelas que se veem de noite. O mesmo faz Camões. Num e noutro passo se trata de estrelas *nascidas* à noite e *postas* de manhã. Outras, é claro, fôram *nascendo* pela noite adiante. Só pelas primeiras é que se pode indicar toda a noite (Camões) ou uma parte dela (Dante).

Em Petrarca e no Ariosto encontrou também o poeta, em vários lugares, o verbo *sair* (*salire*) na significação que lhe dá em IV, 67, 7. O primeiro, por exemplo, começa assim um soneto:

La bella donna che cotanto amavi,
Subitamente s'è da noi partita,
E, per quel ch'io ne sperai, al ciel *salita*.

E o segundo, em duas estâncias muito próximas do *Furioso*:

Sì ad alto il Negromante batte l'ale,
Ch'a tanta altezza a pena aquila *sale*.
(II, 49, 7-8).

E quando si voltò per lui ferire,
Da sè lontano il vide al ciel *salire*.
(II, 52, 7-8).

E o nosso Vieira disse também: «Não hei de prégar hoje ao povo;... mais alto hão de *sair* as minhas palavras»¹.

Foi, portanto, o sonho de D. Manuel no tempo em que está ausente a luz clara do sol e em que aparecem no oriente estrélas que sobem para o meridiano e descem dêste para o ocaso, isto é, foi quando essas estrelas realizam o seu movimento completo de leste para oeste.

Se Camões apenas dissesse: *foi no tempo em que as estrélas saem*, ou *foi no tempo em que as estrélas caem*, não estava determinada a parte da noite em que se realizou o sonho.

Se porém êle tivesse escrito — *foi no tempo em que as estrélas, caindo, convidam a repouso* — é manifesto que queria indicar a segunda parte da noite.

Seria o pensamento expresso por Vergílio nesta passagem da *Eneida*, II, 8-9:

..... Iam nox umida caelo
Praecipitat suadentque cadentia sidera somnos.

Mas o Rei Venturoso teve o sonho *no tempo* em que as estrélas que sobem convidam a repouso depois, quando descem.

Os últimos versos da estância 67 resumem-se portanto em duas palavras: *De noite*.

E a estância 68, que deve estar separada daquela apenas por uma vírgula, continua:

Estando já deitado no áureo leito, etc.

¹ *Sermões*, edição de 1854, tomo 1, pág. 8.

É verdade que o sonho foi já muito próximo do romper do dia. Mas isto não é a estância 67 que no-lo diz. É o contexto das seguintes.

Vejamos. De noite (estância 67), estando já D. Manuel no leito, cogitando continuamente nas obrigações de seu cargo, adormeceu cansado e começou logo a sonhar (estância 68). Termina o sonho,

Acorda Emanuel¹ com novo espanto,

e nisto amanhece (estância 75).

¿ A que horas se deitou o monarca? ¿ A que horas adormeceu?
¿ Quanto tempo esteve, antes que adormecesse,

Revolvendo contino no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação?

Nada dizendo Camões a êste respeito, podemos supôr, independentemente do final da estância 67, que o sonho se realizou na parte da noite, em que, segundo as palavras do Mantuano, *suadent cadentia sidera somnos*.

Abramos agora o comentário a IV, 67, 6-8; «Parece-me ... absolutamente fôra de duvida, que dizendo (o passo) «as estrellas nitidas que saem, | A repouso convidão quando caem» o Poeta quer designar a segunda parte da noite».

A dificuldade do *saem*, que, como fica provado, tem a significação de *sobem*, pretende resolvê-la o comentário nestes termos: «que saem] = que vão desaparecendo da vista».

Ora o que o poeta diz é uma coisa muito diferente.

¹ Observação do comentário: «Emanuel] representa o latim *Emmanuel*». A palavra não é latina, é *barbara*, e como tal a regista Neue-Wagener, *Formenlehre der Lateinischen Sprache*, 3.^a edição, I, 871.

Se o poeta a escreveu com um só *m*, imitou nisso grandes latinistas do renascimento, tanto nacionais, como estrangeiros. Destes basta citar Erasmo, *Opera omnia*, Leide, 1705, VI, 10; VII, 7; VIII, 2. Nas duas primeiras passagens dá o célebre humanista a etimologia da palavra: «Emanuel Hebraeis sonat *nobiscum Deus*». Na terceira trata-se de uma epístola dedicatória a D. João III, «*Serenissimo Lusitaniae Regi... Emanuelis filio*». Dos latinistas portugueses mencionarei, por exemplo, André de Resende (que às vezes escreveu a palavra com dois *mm*), Diogo de Teive e Damião de Goes. Vejam-se, por exemplo, do primeiro, o *Genealogicon Principis Lusitani, Bononiae*, 1540; do segundo, *Opuscula aliquot, Salmanticae*, 1558; do terceiro, *Fides, religio, moresque Aethiopum, Lovanii*, 1540. É também sabido que êste último, na *Crónica de D. Manuel*, usa da forma *Emanuel*, tanto no título, como no corpo da obra.

Admitamos, porém, por um pouco a interpretação do comentário.

Neste caso, o sonho de D. Manuel teria sido *no tempo* em que as estrelas «que vão desaparecendo da vista» a repouso convidam, *quando caem*.

Mas então o período devia terminar em *convidam*, pois a oração *quando caem* seria inteiramente descabida.

W. Storck atribue as dificuldades — a inútil poeira, diz êle — que tem levantado a interpretação dêste passo, a uma tradução pouco feliz que Camões fez do *cadentia* de Vergílio ¹.

Mas o nosso poeta, aproveitando o conceito do autor da *Eneida*, transformou-o em outra categoria gramatical.

O epíteto latino *cadentia*, equivalente a uma simples oração relativa, é agora substituído por uma oração temporal. Na *Eneida* alude-se às *estrelas que caem*; nos *Lusiadas*, às estrelas *quando caem*.

E esta modificação tornava-se necessária, porque Camões se quer referir à noite em geral, a toda a noite, e para isso recorre ao movimento aparente das estrelas: a *saída*, a subida delas para o meridiano, e o convite que fazem ao repouso, *quando caem*.

Por seu lado, o poeta latino fala da noite que se aproxima do seu termo e dos *sidera cadentia*, dos astros que vão marchando para o ocaso e que por isso induzem ao sono.

O comentário supõe também que o *quando caem* é tradução do epíteto *caedentia*. «Cam. traduzindo o *cadentia* por «quando caem», imita a construção latina em que uma oração de *cum* serve de exprimir o meio»...

Mas não é preciso recorrer a imitações latinas. O poeta precisava

¹ *Die Lusiaden*, pág. 410. Diz êle: «Wortlaut und Erklärung dieser Strophe haben viel unnützen Staubes aufgewirbelt. Einzige Ursache ist C.'s missglückte Uebersetzung des Virgil'schen (Aen. II, 9, vgl. ebend. IV, 81 u. VIII, 59) *suadentque CADENTIA* (CAMOENS: QUANDO CAEM) *sidera somnos*. Meine Auffassung habe ich durch die Uebersetzung angedeutet».

O ilustre camonista traduz:

..... als längst das Tageslicht entchwand,
Wann die Gestirne, hell und hold erblinkend,
Zu ruh'n gemahnen, allgemach versinkend,

como se o texto dissesse que a *luz do dia tinha fugido há muito* e que as *estrelas que brilhavam no ceu convidavam a repouso, descendo para o ocaso*.

A cláusula *que saem* é substituída, como se vê, por outro conceito: *que brilham*.

O comentário prefere: *que deixam de brilhar*. Ora nem uma nem outra cousa diz o poeta.

de exprimir por uma oração temporal o conceito contido no particípio latino e foi o que fez.

Em conclusão: partindo do princípio, aliás verdadeiro, de que o sonho se realizou na segunda parte da noite, o comentário quer vêr essa indicação onde ela se não acha, isto é, no final da estância 67.

É porisso que dá ao verbo *sair* uma significação que êle não tem e é também porisso que lhe «parece quasi certo que em «a luz» ha erro typographico de «a» em vez de «aa» ou «á» (da mesma maneira que em VI 72, 7), como pensou Franco Barreto». «Nesta hypothese», acrescenta, «o tempo que á luz clara foge» é a noite que se vae retirando diante do alvorecer da manhã, que lhe vae cedendo o lugar».

Mas nada justifica esta modificação do texto.

As palavras — *no tempo que¹ a luz clara foge* — exprimem, sob outro aspecto, a mesma ideia que se contém nas que immediatamente se lhes seguem: a luz do sol estava ausente e as estrelas que tinham nascido ao anoitecer percorriam a abóbada celeste, convidando ao sono, depois de já terem passado pelo meridiano.

Não era só de dia que D. Manuel pensava na obrigação, que lhe ficára de seus antepassados, de acrescentar a terra cara. Essa ideia não o abandonava um só momento.

Foi porisso que, uma vez, *uma noite* (estância 67),

Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece.

35. O comentário a V, 52, 1, faz de Thetis uma das filhas de Nereu e de Doris. «Peleo] foi casado com a nymphá Thetis, uma das 50 filhas de Nereu e de Doris».

Mas a narrativa do gigante Adamastor mostra que deve ser outra a filiação de Thetis.

¹ Em quanto á omissão da preposição *em* antes de *que*, cf. VI, 43, 1: «No tempo que do reino» etc. E não faltam exemplos nos livros que o poeta leu. Basta êste do *Palmeirim*: «Armando se o mais secretamente que pode, se partiu a oras que a escuridá da noite o podia encobrir» (cap. 5).

Com efeito, na estância 52 diz êle:

Todas as deusas desprezei do ceu,
Só por amar das aguas a princesa¹.
Um dia a vi *co as filhas de Nereu*
Saír nua na praia.

Aqui temos Thetis contraposta às filhas de Nereu.

Mas há mais. O papel que Doris desempenha no episódio dos amôres do gigante é a prova cabal de que, para Camões, ela não era a mãe de Thetis.

São típicas estas duas passagens:

Como fosse impossivel alcança-la,
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de toma-la
E a Doris este caso manifesto.
De medo a deusa então por mim lhe fala.

(V, 53).

Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite, de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica, despida.

(V, 55).

¿ Como se explica isto? É que, a par da opinião tradicional, reproduzida no comentário, havia outra que fazia Thetis filha de Chiron.

¹ Fazendo de Thetis, esposa de Peleu, a *princesa do mar*, dando-lhe, portanto, uma categoria que de direito devia pertencer a Tethys, mulher do Oceano, Camões imita Vergílio e outros poetas latinos. «Quant aux Titanides, Téthys n'est nommée (par Virgile) qu'une fois (*Georg.* I, v. 31). — D'ailleurs Virgile confond Téthys avec la Néréide Thétis (*Égl.* IV, v. 32; *tentare Thetim ratibus*). Cette confusion est fréquente dans la poésie latine. Cf. Stace, *Sily.* IV, vi, v. 18: ... *Erythrae Thetidos*; Martial, XX, xxx, v. 11; Claudien, *De Rapt. Pros.*, I, v. 148: ... *Gaetula Thetis*». De La Ville de Mirmont, *Apollonios de Rhodes et Virgile*, pág. 85, texto e nota. Paris, 1894.

Apesar da confusão gráfica dos dois nomes, que nas duas primeiras edições dos *Lusíadas* são escritos *Thetis* (Tetis, uma vez), o poeta distingue bem as duas entidades. Basta comparar V, 52, 1, com VI, 21, e IX, 85.

Mas, naturalmente para rejuvenescer a segunda, que tem de figurar na ilha dos amores, em VI, 21-22, Camões fa-la mulher de Neptuno, sem contudo privar dos seus direitos a Anfitrite. O *padre Oceano* era uma divindade já aposentada e sua mulher, a Tethys das *Georgicas* (cf. *Lusíadas*, I, 16), contentava-se com arranjar genro.

O comentário, a propósito de VI, 21, 1-2, observa: «Tethys... era esposa do Oceano, que neste lugar o poeta identifica com Neptuno». Mas o Oceano foi um dos deuses que compareceram, convocados por ordem de Neptuno (est. 16-20). E veio acompanhado dos filhos e filhas, mas sem a mulher que lhe dava a mitologia.

Eis o que o poeta leu na *Genealogia dos deuses* de Boccaccio: «De Thetide minore¹ Nerei filia et matre Achillis. Thetis minor nympharum una fuit... Peleo filio Aeaci regis nupsit... Hanc dicit Leontius Chironis fuisse filiam... Thetis nobilis fuit mulier... Et ob id Chiron pater eius uaria secum & plurima uoluit consilia, cui nam illam concederet»².

36. Em VI, 93, o piloto de Melinde diz a Vasco da Gama, ao avistar Calecut:

Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que aparece.

Comentário: «O epitheto «verdadeira» não é, como pensa Storck, para designar a «India oriental» em contraposição ás «Indias Occidentaes» ou «Novo Mundo», de que o piloto não podia ter conhecimento; mas serve de assignalar bem a ideia de que o piloto não se enganava, tendo por India a terra que descobria no horizonte».

É sabido que na idade média e ainda nos principios da idade moderna se distinguíam três Indias no oriente, embora houvesse divergências em quanto aos respectivos nomes e limites. Assim, por exemplo, na *Carta do mundo conhecido desde 1260 a 1360*, que precede o volume III do monumental trabalho de C. R. Beazley, *The Dawn of modern geography* (Oxford, 1906), a *India média* começa na Abessinia, segue pelo sul da Arabia e termina no actual Belutchistão; a *India maior* fica entre o Indo e o Ganges e a *India menor* estende-se para léste do delta deste rio³.

E em uma das suas eruditissimas notas ao *Livro de Marco Polo*, diz H. Yule: «The earliest use that I can find of the terms India Major and Minor is in the *Liber Junioris Philosophi*, ... wich is believed to be translated from a lost Greeck original of the middle of the 4th century. In this author India Minor adjoins Persia. So it does with Friar Jordanus. His India Minor appears to embrace Sind (possibly

¹ Assim chamada por causa de Tethys, a *Tethys magna*.

² *Joannis Bocatii ΠΕΡΙ ΓΕΝΕΑΛΟΓΙΑΣ Deorum*, Basiliae, 1532. L. VIII, cap. 16; L. XII, cap. 1. E não foi o escritor bisantino Leóncio o primeiro que fez de Thetis filha de Chiron, como se vê por esta nota da *Griechische Mythologie* de O. Gruppe: «... Rationalistische Erklärung bei Dictys 6, 7. Hier wie auch sonst (z. B. Lysimachus, *Frag. Histor. Graec.*, III, 338, 11) ist Thetis Chironis Tochter». Pág. 664.

³ No índice por que termina este volume lê-se, sob a palavra *India*: «... Notion of «Triple India», what included in this, and how various writers divide their «Three Indies». E na palavra *Ethiopia*: «... «Conception of an Ethiopian India in Middle Ages».

Mekran), and the western coast exclusive of Malabar. India Major extends from Malabar indefinitely eastward. His *India Tertia* is Zanjibar ... We see that there was a traditional tendency to make out *Three Indies*, but little concord as to their identity»⁴.

Ora, tanto em João de Barros, como em Castanheda, encontrou Camões reminiscencias ou alusões a esta pluralidade de Indias.

Assim, o primeiro dá esta epigrafe ao capitulo 7.º da *Década I*, l. 4: *Em que se descreve o sitio da terra a que propriamente chamamos India dentro do Gange*. E começa: «A região a que os Geographos propriamente chamão India, he a terra que jaz entre os dous illustres & celebrados rios Indo & Gange».

E Castanheda, no próprio capitulo em que refere a chegada de Vasco da Gama a Calecut, diz que esta cidade está situada na costa do Malabar, «hũa provincia da segunda India» (l. I, c. 13).

Parece-me, pois, que não pôde haver dúvida sôbre o sentido do epiteto *verdadeira*, empregado pelo poeta em VI, 93, 2. A terra que está à vista é a da India propriamente dita, da India a que rigorosamente cabe este nome.

37. Em VII, 4, diz o poeta:

Vede los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vede-lo em feias guerras occupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbissimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Comentário a êste último verso: «o jugo soberano] a obediencia ao summo Pontifice».

Da desobediência ao sumo Pontifice fala o poeta expressamente nos versos 3 e 4. Os versos seguintes aludem à guerra dos protestantes contra o imperador, contra Carlos V.

⁴ *The Book of Ser Marco Polo ... Newly translated and edited, with notes, maps ... By Colonel Henry Yule, London 1875. Tom. II, pág. 419-420. Na mesma nota se encontra esta observação: «The partition of the Indies made by King Sebastian of Portugal in 1571, when he constituted his eastern possessions into three governments, recalled the old division into Three Indies. The first, INDIA, extending from Cape Guardafui to Ceylon, stood in a general way for Polo's India Major; the second MONOMOTAPA, from Guardafui to Cape Corrientes (India Tertia of Jordanus); the third MALACCA, from Pegu to China (India Minor)».*

O *jugo soberano* de que os protestantes alemães querem sair, por meio de *feias guerras*, é o jugo imperial, e não o pontifício. Dêste já eles tinham saído, *rebelando-se contra o sucessor de Pedro e inventando novo pastor e nova seita*.

Mas não contentes com êste *cego error*, ainda andam em guerra, não contra os turcos, contra os inimigos hereditários do nome cristão, que ameaçam a Alemanha, mas contra o próprio chefe do império germânico.

Como se sabe, os protestantes, descontentes com a atitude de Carlos V na dieta de Augsburg (1530), resolveram resistir-lhe à mão armada e formaram a liga de Schmalkalden ¹, que chegou a pôr em campo um exército de mais de 40:000 homens (1546).

Este nada conseguiu, mas poucos anos depois (1551-1552) o imperador viu-se em sérios embaraços, por causa de Maurício de Saxe, que tinha feito uma aliança secreta com Henrique II de França ².

38. Tanto em João de Barros, como em Castanheda, leu Camões que o Saramá Perimal resolvera ir morrer à «casa de Meca» ³. E no primeiro encontrou também a notícia expressa de que o cõrpo de Mahomet estava em Medina. «Não seria muito cometermos a entrada do mar Roxo & tomarmos a cidade Iudá: porto muito perto per que podíamos ir a Mecha, & dahí a Medina roubar o corpo do seu propheta & o termos em nosso poder» (III, 1, 3).

Como se explica então o verso 4.^o da seguinte estância, relativa ao Saramá Perimal:

Naus arma, e nelas mete, curioso,
Mercadoria que ofereça, rica,
Pera ir nelas a ser religioso,
Onde o profeta jaz, que a lei pubrica?

(VII, 34, 1-4).

¹ «Das kaiserlich Machtgebot fand bei den lutherischen Ständen so heftigen Widerstand, dass sie zu offener Empörung überzugehen bereit waren... Schon im Dec. 1530 beriethen sie in Schmalkalden...; ja an eben diesem Orte schlossen sie am 29 März 1531 ein Schutz- und Trützbund unter sich... Die Gefahr von Seite der Türken ward immer drohender... Der Kaiser bat alle Fürsten um Beistand, auch die Verbündeten von Schmalkalden;... die Schmalkaldener sahen an dem Sultan einen willkommenen Bundesgenossen und benützten den Türkenkrieg, um den Kaiser zu trotzen». Cardinal J. Hergenröther, *Handbuch der allgemeinen Kirchengeschichte*, 2.^a edição. Friburgo (Baden), 1880. Tomo II, pág. 292.

² Id., *ibid.*, pág. 308-311.

³ Dec. I, 9, 3; *Hist. do descobr.* l. 1, cap. 13.

O comentário diz a propósito deste último verso: «É períphrase inexacta, de «Meca» (... ir morrer á casa de Mecha», em Barros); o sepulcro de Mahomet está em Medina».

Mas não há necessidade nenhuma de atribuir ao poeta uma inexactidão, em que não é natural êle incorresse.

Basta considerar como antecedente do *onde*, não precisamente a cidade de Meca, mas a região onde ela está e em que também fica Medina.

Compare-se esta passagem de Barros: «De Zidem a trinta & seis leguoas está Iudá... Da qual a Mecha, *q̄ está metida no sertão onde jaz o corpo de Mahomed*, auerá pouco maes ou menos quinze leguoas» (II, 8, 1).

Indo para Meca, o monarca indio ia para *o sertão onde jaz o corpo de Mahomed*, ia para

Onde o profeta jaz, que a lei publica.

Emprego análogo do advérbio relativo *onde* se encontra em VII, 68, 8:

Monçaide torna:
.....
Sómente sei que é gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

Onde, isto é, *lá das partes onde*. Observação do comentário: «onde] está, menos exactamente, por: junto da qual».

39. Em VIII, 24, diz Paulo da Gama, referindo-se ao cêrco de Alcácer do Sal, no tempo de D. Afonso II:

Vês vão os reis de Córdova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de espaço.

Não de espaço é o mesmo que *não devagar, depressa*. Isto é: os quatro reis mouros procuram a sua salvação *na fugida*, como Camões leu na respectiva fonte. «Vendose hos Reis mouros (s. el Rey de seuilha, el Rei de cordoua, el Rei de jaem & el Rei de badalhouçe) com suas gentes assi salteados & uencidos, nom tendo já algũa esperança em sua resistênciã nem peleja, procuraram buscar sua saluaçam na fugida, cuiõ encalço hos xpaãos matando & ferindo seguiram»¹.

No *Palmeirim* encontra-se a locução *de espaço* no mesmo sentido: «Primaliam contou muito de espaço a Flerida sua hirmaã a maneira do apousentamento» (cap. 49).

¹ Rui de Pina, *Cronica del rey dom afonsso ho segundo*, cap. VI.

Na tragicomédia *D. Duardos*, de Gil Vicente, há também este diálogo:

AMANDRIA. — Bendiga Dios el niño!

.....
El se aprovechará
Para bestia de atahona
Com retrancas.

ARTADA. — Cuan de espacio mulerá!

E as lindas redondilhas à *Luisinha das camoesas*¹ terminam por esta quadra:

Mas Luisa, mui de espaço,
Levantando a voz tão bela,
De quando em quando repete:
«Eu já tenho camoesas!»

Interpretação do comentário: «não de espaço] = seguidamente, logo um após outro».

40. No latim as palavras *alumnus*, *alumna*, teem ordinariamente a significação passiva. Mas também não faltam passagens em que se lhes dá a significação activa.

Assim, no poemeto *Ciris*, por muito tempo attribuido a Vergílio², a terra é chamada *communis alumna de todos*:

..... Nec et illa quidem communis alumna³
Omnibus injecta tellus tumulabit arena.

(V. 441-442).

E o *alumnus* da *Eneida*, XI, 31 (*caro datus ibat alumno*) era pelos antigos considerado como sinónimo de *dominus*. «*Not.* p. 243 alum-

¹ O sr. Xavier da Cunha inclina-se a crêr que o autor desta poesia foi António da Fonseca Soares, depois Fr. António das Chagas. Veja-se o magnifico trabalho *Pretidão de amor*, Lisboa, 1893, a pág. 19 e segg.

² Quem quer que seja o autor da *Ciris*, esta é considerada como escrita no tempo de Augusto. Veja-se Teuffel-Schwabe, *Geschichte der römischen Literatur*, § 230. Leipzig, 1890.

³ «*Alumnus* ... (bisweilen «Amme», wie in der *Ciris* 441: communis alumna omnibus, von der Erde)». Lindsay-Nohl, *Die Lateinische Sprache*, pág. 373. Apesar dos códices, alguns críticos mudam o caso de *alumna*, para darem à palavra significação passiva. É o que também faz o *Thesaurus linguae latinae*, collocando o verso 441 da *Ciris*, a par dos versos 224, 246, etc. O mesmo *Thesaurus*, porém, cita três casos em que a palavra *alumna* aparece *notione activa fere i. q. nutrix, patrona*. E no fim do artigo *alumnus* diz: «*Activa vi ut videtur: Corp. VIII, 14, 372 amatorii et alumno municip. sui*».

num, dominum. Vergilius lib. XI (33)... SERV. Aen. 11, 33 alumnus est qui graece τροφίμος dicitur. *Schol.* I hoc loco veteres accipiunt positum a Vergilio «alumno» pro domino. Cf. DON. Ter. Phorm. 39» (*Thesaurus linguae latinae*, v. *alumnus*).

E no *Grand Dictionnaire de la langue latine* de Freund-Theil (Paris, Didot, 1866) lê-se também: «ALUMNUS... 2.º) dans la latinité postérieure, il est employé actif; nourrissant, ou subsist, qui nourrit, qui élève, père nourricier, instituteur... De là, l'indication d'Isidore: Et qui alit et alitur alumnus dici potest, id est, et qui nutrit et qui nutritur; sed melius tamen qui nutritur. *Orig.* 10, 1».

Pelo menos pela leitura dos comentadores da *Eneida*¹ conhecia Camões a significação activa da palavra *alumnus*. E essa lhe deu em VIII, 32, 8:

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve
Ouvir quizeres como se nomeia,
Português Scipião chamar-se deve:
Mas mais de Dom Nuno Alvarez se arreja.
Ditosa patria, que tal filho teve².
Mas antes, pai; que em quanto o sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

A transição do verso 6.º não deixa dúvidas a êste respeito.

Depois de proclamar ditosa a patria que tal filho teve, o poeta

¹ No tempo do poeta havia muitas dezenas de edições da *Eneida* com o comentário dos antigos à palavra *alumno* de XI, 33. Encontra-se uma relação das edições, que o poeta podia ter lido, em Heyne, *P. Virgilius Maro varietate lectionis et perpetua annotatione illustratus*, Londini, 1821. T. I, pag. 124 e segg.

² ¿ Quem é o sujeito de *se arreja*? Suponho que êste verso se deve ligar ao seguinte e que o poeta escreveu *se arreja, Ditosa, a patria*, sendo esta palavra o sujeito. Disto me ocupei no *Instituto*, vol. 57 (1910), pág. 92.

O comentário limita-se a dizer, a propósito dos versos 3-4: «Nesta apodose ha a mesma abreviação de expressão que em I 54, 7-8».

¿ Mas como completá-la? É o que êle não diz.

Nem ha paridade com I, 54, 7-8:

E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

A interpretação dêstes dois versos não oferece dificuldade e podia dispensar a observação do comentário: «7-8. A oração final do 7.º verso, pertence, quanto ao sentido, não para a oração do 8.º verso, mas para a ideia de «dir-vos-hei».

É possível que o poeta escrevesse *Ditosa* por *Ditosa a*, e que até não acentuasse o *a* de *Ditosa*. Há muitos exemplos desta grafia nos livros do século XVI.

como que se corrige e observa que é pouco chamar-lhe filho. Pai é que deve ser o seu nome; porque a patria sempre suspirará por tal *aluno*, isto é, por tal defensor, por tal protector, por tal patrono.

O comentário diz: «*alumno*] é latinismo, por «filho»: ... *Italia alumnum suum videret* (Cic. in *Verr.* II 5, 6)».

Latinismo é; mas neste caso *aluno* tem a significação activa e equivale a *pai*.

Na significação passiva, por contraposição a *amo*¹, toma o poeta esta palavra em VIII, 13, 2:

Este que vês olhar com gesto irado
Pera o rompido aluno, mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha e torne ao campo defendido,
Torna o moço, do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho. . .

Do comentário ao 2.^o verso desta estância: «mal sofrido] i. é, impaciente de ver o desbarato; pertence evidentemente para Egas Moniz (representado pelo pronome «que»)».

O estado de alma de Egas Moniz acha-se indicado no verso 1.^o. O *mal sofrido* do verso 2.^o é D. Afonso Henriques; é o *rompido aluno*, que não quis esperar pelo aio, para travar a peleja.

Ainda do comentário ao verso 3.^o: «defendido] não pertence para «campo», como alguns suppoem, mas para o sujeito de «torne».

Mas este conceito está expresso pelo «acompanhado» do verso 5.^o.

No verso 4.^o Egas Moniz manda voltar o *aluno* para o campo em que ficou desbaratado e que o padrasto e a mãe *lhe defendem*².

Esta interpretação das duas expressões da estância 13 é confirmada pela fonte do poeta, transcrita no comentário: «Ha batalla foy graueamente peleyada, e ho Principe D. Alfonso lançado do campo³ desbaratado, e hindo elle assi huma legua de Guimarães encontrou com D. Eguas Moniz seu Ayo, que o vinha ajudar. . . e quando D. Eguas ho vio dice: *Que he esto senhor como vindes.vós assi. Respondeo ho*

¹ Cf. «O fiel Egas amo» (III, 35, 6).

² Este emprego do verbo *defender* é corrente nos escritores do século XVI. Basta citar este exemplo do *Palmeirim de Inglaterra* (cap. 40): «Nam quis Eutropea que (o caualleiro da Fortuna) entrasse no sitio defendido, te seu sobrinho e os gigantes estarẽ em desposição de batalha».

³ É o *campo defendido*, o campo que *lhe defendem*.

Príncipe... Dice então D. Eguas: Non fizestes bem nem sizo dardes batalha sem mim¹, mas tornay, e eu comvosquo» etc.².

41. A propósito de IX, 30, observa o comentário: «Claudiano, no *Epithalamio* a Honório, descreve a residência de Venus em Chypre na companhia de Cupido e dos Amores (versos 42-96). Foi este passo segundo observa F S, o que suggeriu a Cam. o pensamento fundamental da descrição contida nas est. 30 a 32, como também foi o que inspirou Angelo Poliziano na descrição do reino do Amor (nas *Stanze per la giostra*)».

O pensamento fundamental da descrição contida nas estâncias 30 a 32 do canto IX, bem como o da expedição contra o mundo rebelde (est. 25, 2-29), proveio directamente da *Oitava rima* de Boscán, que para êste poemeto se aproveitou, por sua vez, do que havia lido em Angelo Poliziano e em Bembo³.

Segundo o poeta catalão, é Venus quem manda reformadores para corrigirem êrros que vão pelo mundo, sendo duas damas barcelonenses o alvo especial da expedição.

Vuo dolor de tanta desventura
Esta reyna de todos los amores,
Y assi, porque este mal tuuiesse cura,
Por el mundo embio reformadores:
Los quales con industria y con cordura
Moderassen en parte estos errores.
.....
Y assi quiero que sean corregidos
Por vosotros los hechos desyguales,
Que contra mi se hazen y mi hijo,
De la qual causa ha mucho que m'afflijo.
.....
Assi que ver podeys quanto va en esto,
En que estas damas sean corregidas;
Y el corrigir sabed que ha de ser presto etc.⁴

¹ Isto é: fostes *mal sofrido*, em não esperardes por mim.

² Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, cap. 6. Este passo já tinha sido citado por mim e confrontado com a estância, no cap. II das *Fontes dos Lusitadas* (Instituto de 1905, vol. 52, pág. 358).

³ Menéndez y Pelayo, *Juan Boscán*, pág. 318 e segg. (Madrid, 1908). O ilustre escritor inclina-se a crêr que Boscán não recorreu ao texto de Claudiano, para falar nos *mil Cupídotos*, que rodeam *el gran Cupido*. Para mencionar aqueles bastava o que leu em Angelo Poliziano.

⁴ *Las obras de Boscán y algunas de Garcilasso de la Vega*. Anvers, 1556. Fl. 203 v. e segg. Referindo-se à *Oitava rima*, começa Menéndez y Pelayo: «Hay otro poema suyo que técnicamente aventaja (la Epístola á D. Diego de Men-

Nos *Lusiadas*, é Cupido quem prepara a expedição

Contra o mundo revelde, porque emende
Erros grandes que ha dias nele estão.

(IX, 25, 5-6).

E esses erros são em seguida enumerados, aproveitando o poeta a ocasião para, com toda a hombridade, dar conselhos a D. Sebastião e criticar os áulicos e os que dirigiam os negócios públicos.

Com o que Camões diz dos *ministros de Cupido*, dos *mininos voadores*, podem comparar-se estes versos de Boscán:

Despues que de tirar está cansado,
Desciende d'esta torre el gran Cupido,
De otros mil Cupiditos rodeado,
Que llevan d'el cada año su partido.
Estos también de amores dan cuydado,
Y saben dar la llaga en el sentido ;
Dan llagas, pero dan llagas vulgares,
Con vulgares plazerres y pesares.

Traen tambien sus arcos y saetas,
Mas traen las sin hierros desarmadas,
Y assi son sus heridas imperfetas,
Hechas en gentes baxas y cuytadas.
Destos salen concordias indiscretas,
No pensadas jamas ni concertadas.

.....

¿ Conhecia Camões as poesias que inspiraram a *Oitava rima* de Boscán? Não sei; o que é indubitável é que êle tinha aturada leitura das obras do iniciador da escola italo-hispana e disso deixou muitas provas ¹.

doza), aunque la mayor parte de sus bellezas son debidas á la imitación. Me refiero á la *Octava rima*, sin otro titulo, ó á las *octavas rimas*, como debiera decirse, puesto que las octavas no son menos de ciento treinta y cinco». (*Obr. cit.*, pág. 318-319).

¹ Foi na *Historia de Leandro y Hero* que Camões encontrou a palavra *focas*, usada no género masculino. Daí os *feitos focas* de I, 52, 4. O comentário diz: «phoca» antigamente era dos dois generos; v. o *Dicc. de Moraes*. Mas o *Dicionário* de Moraes não cita nenhum exemplo anterior á publicação dos *Lusiadas*. O único que aponta, além do que nestes se encontra, pertence ao *Naufrágio de Sepúlveda*, de Côrte-Real, cuja primeira edição é de 1594.

42. Em X, 13, referindo-se a Duarte Pacheco, canta a ninfa:

Mas já chegado aos fins orientais
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio
Desbaratará os naires infernais,
No passo Cambalão.....

Desbaratará tem dois complementos de lugar, um mais genérico — *nos braços do salgado e curvo rio*, e outro mais restrito e incluído naquêlé — *no passo Cambalão*.

É uma construção semelhante a esta de João de Barros (*D.* I, 8, 9): «*Na qual ilha* parece que algum príncipe magnífico ou zeloso do bem commum, a fim do proveito dos navegantes *no alto della* mandou fazer hum grande tanque de cantaria» etc.

Confronte-se também êste passo de Terêncio (*Phormio*, 733-734):

Quod ut facerem egestas me inpulit, quom scirem infirmas nuptias
Hasce esse, *ut id consulerem*, interea uita ut in tuto foret.

O comentário observa: «Não é claro o que o Poeta quer significar dizendo «Nos braços do salgado e curvo rio» (o que, em todo o caso, se liga ao que vae dito antes¹ e não ao que se segue). Storck pensa que é o canal (*der Sund*) entre a ilha de Cambalão e a terra firme, e compara II 14, 8, onde «o salso rio» é o canal que fica entre Mombaça e o continente africano. Em geral entende-se que é o rio de Cochim, sendo o epitheto «salgado» explicado pelas palavras de Castanheda: «hum esteiro de maré que se metia no rio de Cochim» (I, 70). Os Albuquerque, porém, ao fazerem-se de volta para Portugal, deixaram Duarte Pacheco em Cananor, e d'aqui foi que elle partiu para Cochim «onde soube do feitor que a noua da guerra del rey de Calicut [contra o de Cochim] era verdadeira» (Cast. I, 65)».

Vê-se que, segundo o comentário, Duarte Pacheco foi *deixado nos braços do salgado e curvo rio*, não se sabendo bem o que isto quer dizer, e que à explicação de que se trata do rio de Cochim se opõe o facto de os Albuquerque haverem deixado Duarte Pacheco em Cananor, donde partiu para Cochim, onde soube que era verdadeira a nova da guerra contra o rei desta cidade.

Para apreciar a última parte do comentário basta lêr a epigrafe e alguns periodos de Castanheda, I, 63.

¹ Nesta conformidade, coloca o comentário uma vírgula depois de *rio*, no fim do 4.º verso.

Diz aquela: «*De como Francisco d'albuquerque & Afonso dalbuquerque se partirão pera Portugal, & deixarão por capitão mór a Duarte pacheco em Cochim*». E o texto: «Estando as cousas nestes termos foy dado hũ recado a Francisco dalbuquerq̄... q̄ el rey de Calicut estaua determinado de tornar sobre Cochim despois de sua partida pera portugal... Francisco dalbuquerque... determinou de se partir pera Portugal, & primeyro declarar quem auia de ficar por capitão mór na India... E como ele sabia que a ficada era muyto perigosa por a muyto pouca gente que podia deixar não ousava de cometer a nenhũ dos capitães que ficasse: & por derradeyro de a offrecer a todos, & eles a não quererem a deu a Duarte pacheco que a aceitou de boa vontade. ... E (os Albuquerque) se partirão pera Cananor, onde lhes Rodrigo reynel escreueo que a noua da ida del rey de Calicut sobre Cochim era muyto certa... O q̄ os capitães môres encobrirão, porque ho não soubesse Duarte pacheco, a quem deixarão na sua nao, & mais duas carauelas, ... & hũ batel de hũa nao, & deixarãlhe nouenta homẽs... E sabendo todos ho grande poder del rey de Calicut, espantauãse de querer Duarte pacheco ficar com armada tão pequena: & dauãno ja por morto, dizendo: Perdoe Deos a Duarte pacheco, & aos que ficão coele. E ainda que o ele ouuia não deixou de ficar, mostrando que ficaua muyto contente nem nunca pedio mais gente que a que lhe deixauão. E despachado partirãse os capitães môres pera Portugal»¹.

É o que o poeta resume nos dois versos:

E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais.

É claro que o verso seguinte,

Nos braços do salgado e curvo rio

não se refere ao sitio onde Duarte Pacheco foi deixado², não se liga ao que está dito antes, como afirma o comentário, mas sim ao que se segue.

E o *salgado e curvo rio*, em que se encontra o passo de Cambalão

¹ O cap. 65 começa desta maneira: «Partido Frãisco dalbuquerq̄ pera Portugal, Duarte pacheco que ficaua por capitão mór na India, em quanto se auia de deter em Cananor pera tomar mâtimentos, foy surgir fora da ponta de Cananor» etc.

² Duarte Pacheco, embora se achasse em Cananor quando os Albuquerque dali partiram, não foi deixado em Cananor, foi deixado por capitão mór na India, com a missão especial de defender o rei de Cochim contra o de Calicut. Cf. Barros, *D. I*, 7, 5: «Com este proposito tinha acceptado ficar em sua ajudas».

e em que o destemido Pacheco desbaratou os *naïres infernais*, é o esteiro que forma a ilha de Cochim¹.

43. A propósito de X, 50, diz o comentário: «Na entrada de Fevereiro de 1517 partiu (Lopo Soares de Albergaria) «com hũa armada de trinta e seys velas» «pera ho Estreito [do mar Vermelho] a buscar a armada do Soldão» (que tinha sido aprestada, mas que não chegara a sahir) (Cast. IV, 10)».

Com esta observação final confronte-se o que diz o próprio Castanheda: «Como o Soldão tinha grande desejo de lançar os nossos fora da India, ... começou logo de mandar armar outra frota mayor que a primeyra², que foy armada em quatro annos... Armada esta frota deu ho Soldão a capitania mór a hũ Turco chamado çalmão rex ... E partio de çuez no começo Doutubro de mil & quinhentos & quinze; ... & chegou a Iudá a quatro de Novembro... Salmão & Mirocem forão sobre Adê, ... mas não a poderão tomar, & por não terem gente não quiserão passar á India & tornarãse a Camarão» (L. IV, c. 7). O cap. 10 tem por epigrafe: *De como ho governador partio pera o estreito a buscar a armada do Soldão*. A do 11 é do teor seguinte: *De como ho governador soube que çoleimão rex era senhor de Iudá: & tinha hi varadas as galés: & determinou de pelear coele*. E no 12 trata-se *De como ho governador chegou á cidade de Iudá, & a causa porque a não tomou*³.

Por aqui se vê o que deve pensar-se da asserção do comentário a respeito da armada do soldão, «que tinha sido aprestada, mas que não chegara a sair»⁴.

¹ Basta citar esta passagem de Castanheda: «Mandoulhe que fosse assentar arrayal junto de um passo, que se chama o passo do vao, por onde sabia que el rei de Calicut determinaua dentrar na ilha de Cochim. E neste passo com maré vazia da agoa pelo giolho» (I, 51).

² Do desbarato desta primeira frota fala o poeta em X, 36.

³ Neste capítulo refere Castanheda o conselho que houve em frente de Gidá e faz dizer a Lopo Soares: «Bé sabeis todos como por mandado del rey meu senhor viemos buscar a frota do soldão pera pelear coela; ... e não a achãdo em Adê, nê em Camarão, nos foy forçado chegar a esta cidade... E cuydãdo de a achar no mar a achamos varada & os rumes em terra tão fortalecidos como vedes» etc.

⁴ É verdade que um dos capítulos de Castanheda, relativos ao assunto, o 7.º, tem por epigrafe: *Da segunda armada que fez o Soldão pera mãdar á India cõtra os nossos: & a causa porque lá não foy*. Mas uma cousa é não ter esta armada do sultão do Cairo chegado à Índia e outra cousa é haver-se ela aprestado, mas não ter chegado a sair.

III

44. O comentário à palavra por que principiam os *Lusiadas* limita-se ao seguinte: «armas] latinismo por: feitos militares»¹.

¿Mas em que relação se acha esta palavra com a que se lhe segue?

¿Há uma simples coordenação, de maneira que o poeta se propõe cantar *as armas e os barões*?

¿Ou estamos em presença de uma hendiade?²

Entre os que identificaram a Taprobana com a ilha de Samatra cita o comentário a I, 1, 4, «D. João de Castro, *Rot. de Lisboa a Goa*».

Efectivamente, na edição dêste *Roteiro*, devida a Andrade Côrvo (Lisboa, 1882), lê-se o seguinte, em uma das notas da pág. 14: «Taprobana é agora chamada Samatra. *Nota do auctor*».

¿Mas a nota pertencerá realmente ao ilustre autor do *Roteiro*³, ou será um aditamento posterior?

O texto obriga-nos a admitir a segunda opinião, pois a Taprobana de que nêle se fala é manifestamente Ceilão.

Com efeito, D. João de Castro lembra ao rei D. João III «como as prayas do oriente estão sobmetidas e soieitas a seu imperio; como os moradores dos famosos rios Euphrates, Indo e Ganges lhe são obedientes e tributarios; como Taprobana, que os antigos criam ser outro mundo nouo, reconhece seu alto nome e lhe paga pareas».

Ora, em primeiro lugar, a Taprobana que os antigos criam ser outro mundo novo, era Ceilão e não Samatra. D. João de Castro tinha presentes as palavras com que Plínio começa a descrição da grande ilha que fica ao sul da Índia: «Taprobanam alterum orbem terrarum esse diu existimatum est»⁴.

¹ Indica, além disso, por esta forma a fonte de I, 1, 1: «Arma virumque cano... qui... (Verg. *En.* I, 1) (F S)».

² Do assunto me ocupei no *Instituto*, vol. 59, pág. 661. As dificuldades que qualquer das duas explicações oferece levam-me a supôr que nos *Lusiadas* se trata apenas de uma imitação da *Eneida*. Aquelas transferem-se assim para o *Arma virumque* do poeta latino. E neste, a meu vêr, só podem resolver-se admitindo que as referidas palavras não formavam o começo do poema. Veja-se, por exemplo, o *Jahresbericht* de Bursian, correspondente ao ano de 1906 (*Jahresbericht über Vergil*, 66 e 101).

³ Como se sabe, o original não é conhecido.

⁴ *Naturalis historia*, I, VI, cap. 22.

Em segundo lugar, quem *pagava páreas* a D. João III era Ceilão e não Samatra. Lá dizem os *Lusiadas*:

A nobre ilha também de Taprobana,
.....
..... agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo á lusitana
Bandeira.....
(X, 51).

E do assunto tratam também largamente Barros, D. III, l. 2, c. 2, e Castanheda, l. IV, cap. 43¹.

Em quanto às páreas pagas pela ilha de Samatra, basta lêr esta passagem de Barros: «Porque esta fortaleza de Pacem² foi a primeira q̄ até hoje temos leixada contra nossa vontade, por os combates que os da terra nos derão: será necessario primeiro maes particularmente do que temos feito, tratar dos Reys & senhores, que tinha por vizinhos: e assi as differenças que entre elles ouue, por cujo respeito a nós leixamos: & amizade que tinhamos com todos se conuerteo em odio de hum só. O qual ao presente he feito senhor de todos aquelles estados, & tão poderoso com nosso danno, que com suas armadas comete a nossa cidade Malaca» (D. III, l. 8, c. 1).

Não me parece, portanto, que D. João de Castro, pela nota do *Roteiro de Lisboa a Goa*, se deva incluir entre os que identificavam a Taprobana com Samatra. Tal nota deve provir de algum leitor do manuscrito do *Roteiro*.

A respeito do verbo *prometer* de I, 1, 6,

Mais do que prometia a força humana,

o comentário, depois de observar que não teem razão as edições que

¹ O cap. de Barros tem por epígrafe: «Como Lopo Soarez per mandado d'el-Rey dom Manuel foi á ilha de Ceilão fazer hũa fortaleza, & o que passou ante de ser feita, com o Rey da terra, o qual ficou tributario deste Reino». E o tributo foi fixado em 1:200 quintais de canela, uns tantos aneis de rubís e safiras e alguns elefantes.

² Esta fortaleza foi construida por Jorge de Albuquerque, que ia por capitão para Malaca (1521) e levava ordem para, de caminho, colocar no trono de Pacem, na ilha de Samatra, o principe herdeiro, esbulhado por um usurpador (Castanheda, l. V, cap. 54, 61-64). A fortaleza teve de ser abandonada pouco depois, em 1523. O caso vem longamente narrado em Barros (III, 8, 2-4). Cf. Castanheda, l. VI, cap. 50-51.

o substituem por *permitir* e que neste passo éle equivale a «deixava esperar de si», continua: «(Tambem na idade argentea o verbo latino *promitto* era empregado neste sentido, tendo por sujeito nomes de cousas; v. o Diccionario latino de Freund em *promitto*)».

Da maneira como esta observação está redigida pode coligir-se que, segundo Freund, o verbo *promitto* só na idade argêntea é que teve a significação de *deixar esperar de si*, e isto quando o sujeito era nome de cousa.

Ora o que aquêlé dicionarista diz é o seguinte: «PROMITTO... B) *promettre qqche a qqn., faire attendre, donner à espérer (c'est le sens dominant du mot à toutes les périodes et dans tous les styles)*». E na devida altura vem exemplos de Plínio, o naturalista, com esta observação: «*Avec un nom de chose pour sujet*».

Em um comentário a êste passo dos *Lusiadas* viriam a propósito alguns dos muitos lugares de obras anteriores ao poema, nos quais o verbo *prometer* é empregado do mesmo modo que neste. Assim, em Castanheda lê-se, por exemplo: «A apparencia da cidade prometia que ouuesse nela boa soma de gente» (L. II, c. 2). E no *Palmeirim de Inglaterra*: «Depois d'estar olhando algũ espaço a maneira do valle e as cousas cõ que antes o ameaçauã, tendo em pouco os medos dellas, porque seu parecer mais prometia deleytaçã ao corpo que temor ao coração» etc. (T. II, c. 98). Das muitas passagens do *Memorial das proezas da segunda Tavola redonda* citarei apenas duas: «Se em ti ha aquella humanidade que essas graves e honestas cãs de si prometem, danos remedio (cap. 20, pág. 116 da edição de 1867). «Desli prometendolhe seu esforçado animo todas as cousas mais difficultosas» etc. (*Ibid.*, pág. 262. Cf. pág. 22, 34, 117, 144, etc.). E João de Barros: «Maes vida do que a enfermidade prometia» (*Déc.* II, l. 10, c. 8).

45. Comentário a I, 2, 7 (*Cantando espalharei por toda parte*): «Nos *Lusiadas* encontra-se ora «toda a parte» (III 51; X 78, duas vezes), ora «toda parte» (I 2, IV 15, 25, 84; VIII 89; X 67). Como se funde, na pronuncia, o *a* final de «toda» com o artigo «a», é provavel que «toda parte» seja graphia inexacta, vulgar ainda no século XVI (por exemplo no *Esmeraldo*) e que verdadeiramente se deva escrever «todã parte».

Mas não há razão para adoptar esta grafia, pois os melhores escriptôres contemporâneos de Camões, neste caso, ora empregavam, ora omitiam o artigo, e há muitas passagens em que não pode dizer-se que êste se funde com a vogal final de *todo*.

Dois exemplos de Barros: «(Na qual cidade) habitauão Gentios &

Mouros de todas nações» (II, 3, 4). «Depois que vio ser a ilha entrada per todas partes» etc. (*Ibid.*, l. 5, c. 5). Outros dois de Ferreira de Vasconcelos: «Tomando em meyo ho acometiam per todas partes» (*Memorial*, cap. 9). «Dambas partes se pelejou igualmente» (*Ibid.*, c. 3). No *Palmeirim de Inglaterra*, a par de *todas as pessoas* (cap. 29), é freqüente encontrar-se *todas partes* (c. 99, 100, 160, etc.), *todas armas* (c. 2, 30, etc.), *todas cautelas* (c. 10). E no cap. 27, a pequena distância: *ambas mãos e ambas as mãos*¹.

A propósito de I, 61, 2², nota o comentário: «Cam. costuma dizer «todo o», antes de nomes appellativos, quando «todo» equivale a «inteiro» (v. *R Ph*); assim que parece-me que, pelo menos, deve ler-se «todà».»

Aqui a palavra *companhia* está tomada no sentido colectivo e equívale a *companheiros*. Camões podia omitir o artigo, como Francisco de Moraes, por exemplo, o omite nestas passagens: «Ajuntou todos seus vassallos» (*Palmeirim*, cap. 19). «Todos seus amigos foram presos» (cap. 42).

E mesmo quando equívale a *inteiro*, a palavra *todo* aparece às vezes sem ser seguida do artigo, quer esteja a concordar com nomes próprios, quer com apelativos. Assim Barros diz: «(O) xeque Ismael, que era Rey de toda Persia» (D. II, 2, 4). «Nas cousas dos Reys & principes se deue falar com toda reuerencia» (Déc. III, prólogo). E do *Memorial... da... Tavola redonda* transcreverei estes passos: «Mandou logo abalar ho campo com toda ordem» (c. 3). «Satisfaziase com... conversala debayxo da ley de toda honestidade» (c. 14). «Senhoreando dali toda Africa» (c. 17). «Nam foy descuydado, antes se deu toda diligencia» (c. 18). «Devia logo dar nas outras (ilhas) com toda brevidade» (c. 19). «Damasco he das mais ricas cidades de todo levante» (c. 39). «Senhor universal de toda Christandade» (c. 16).

Nem é de estranhar que, escrevendo-se freqüentemente *todas cousas*, *ambas mãos*, fôssem também consideradas legítimas as expres-

¹ No *Amadis de Gaula* nota-se a mesma cousa. *Toda la noche, todas las gentes* alternam com *toda cosa, todas partes, todas armas, todos diablos, ambas partes*, etc. Cf. introdução, l. I, cap. 1, 4, 5, 9, 12; l. II, cap. 13, etc. Refiro-me ao *Amadis*, por causa dos muitos pontos de contacto que, em quanto à linguagem, se notam entre o célebre romance e alguns dos nossos melhores escritores dos séculos xv e xvi.

² Recebe o capitão alegremente
O mouro e toda sua companhia.

sões do tipo *toda montanha*, quer com a significação de *todas as montanhas*¹, quer com a de *a montanha toda*. Pode porisso o texto primitivo de I, 35, 5, ser este:

Brama toda montanha, o som murmura.

O comentário prefere ler *toda a montanha* e observa: «Todo» seguido do substantivo appellativo sem o artigo definido só pode empregar-se no sentido de «todos»; Cam. disse pois necessariamente «toda a montanha»; a omissão do *a* é facil de explicar-se attendendo a que «toda a» se pronuncia «todà».

A regra que os textos autorizam a formular é que, no tempo de Camões, o artigo definido podia omitir-se entre *toda* e o nome comum, quer *toda* pudesse substituir-se por *todos*, quer mesmo às vezes fôsse o equivalente de *inteiro*².

O padre Vieira também empregou sem artigo a palavra *toda* na significação de *inteiro*. «Pedi mais tempo e se lhe concedeu toda janeiro» (*Cartas*, t. 4.º, pág. 76, edição de 1855). «Por todo fevereiro» (*ibid.*, pág. 129).

No *Registo philologico*, v. tomo, observa o comentário: «Tem-se dicto, inexactamente, que ao singular «todo», quando designa a classe inteira e equivale portanto ao plural «todos», os escriptores clássicos não juntam o artigo definido. Nos *Lusiadas* vem o artigo, por ex., em III 51, 105, 129; V 79, 83, 99, 100».

Em exactidão, está efectivamente esta regra a par da que o comentário a I, 35, 5, formula por estas palavras: «Todo» seguido de substantivo appellativo sem o artigo definido só pode empregar-se no sentido de «todos».

¹ Cf., por exemplo, Barros, II, 1, 2: «Quando he nobre, como era o seu, (o sangue) em toda idade se mostra».

² Meyer-Lübke, depois de dizer que o ruménio e o português só admitem a forma *totus ille homo*, rejeitando o *totus homo*, acrescenta: «Uebrigens finden sich im Altportugiesischen wenigstens Spuren des gemeinromänischen Brauches, vgl. *armado de todas armas* (Gaal 58), *a todas partes* (74), *per todas partes* (Aleixo 3, 8), *insinava a filha a leer e a toda ssabedoyra* (Rom. XI, 358)». *Grammatik der Romanischen Sprachen*, III, § 165.

Do italiano antigo cita o illustre professor, entre outras frases, estas: *la gente venia di tutte parti; domani per tutto di*. E a respeito do francês diz: «Noch im XVI. Jahrh. findet man zahlreiche Beispiele, vgl. *ainsi sont toutes femmes femmes* (Rab. 3, 32),... *toute nuit* ist bei Corneille und Molière, *en tous endroits, en tous lieux* heute gebräuchlich».

46. Dirigindo-se a D. Sebastião, diz Camões:

Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande...
(I, 6, 5-8).

¿ Quem é o sujeito de *mande*, ou, por outros termos, qual é o antecedente do *que*, que precede êste verbo?

Supõe-se geralmente que o antecedente é *maravilha fatal*, isto é, D. Sebastião, referindo-se assim o *todo o mundo*.

E como o *que* pode ser um simples relativo ou equívaler a *para que ela*, o poeta diria, neste caso: *maravilha dada ao mundo por Deus, a qual*, ou, *para que ela* veja todo o orbe terráquio submetido ao seu império.

Isto é: quer sob uma forma atenuada, quer de uma maneira mais positiva e fazendo-se, por assim dizer, o interprete do plano divino, Camões desejaria ou prometeria a D. Sebastião o império universal. E isto dirigindo-se-lhe directamente e por uma forma solene, na grandiosa dedicatória dos *Lusíadas*.

Ora ninguém tomaria a sério tal conceito, que só poderia ter origem em uma baixa lisonja, mal de que o poeta não padecia ¹.

Se era vastíssimo o *alto império* que D. Sebastião era chamado a dirigir ², se êle estava, portanto, em condições próprias

Pera do mundo a Deus dar parte grande,

não era menos verdade que no mundo, a começar pela cristandade ³, havia poderosíssimos estados, que pela mente de ninguém podia passar que ainda viriam a estar sujeitos a D. Sebastião.

Pensam alguns que o antecedente de *que é Deus* e que *mande* está em vez de *manda* ou exprime uma deprecação. O poeta diria, por-

¹ São disso prova muitas passagens dos *Lusíadas*.

² Cf. I, 8:

Vós, poderoso rei, cujo alto império
O sol, logo em nascendo vê primeiro,
Vê-o também no meio do hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro...

³ Logo na estância seguinte especifica o próprio poeta a *árvore cesária* e a *cristianíssima*.

tanto: maravilha dada ao mundo por Deus, o qual todo o (mundo) mande (= manda), ou: o qual oxalá todo o (mundo) mande ¹.

No primeiro caso teríamos uma construção gramatical inadmissível; no segundo, um conceito inconciliável com a ideia que o poeta formava da divindade, se a frase se considera destacada do último verso; ou um absurdo, se com esse verso deve ligar-se, pois absurdo seria dizer-se: oxalá que Deus mande todo o mundo, para que D. Sebastião dê a Deus grande parte desse mundo.

A dificuldade da interpretação dêste passo dos *Lusiadas* cedo deve ter começado a ser sentida. Já no *Comentário* de Manuel Correia (1613) parece que se lhe pretende escapar, lendo no v. 7 *Dado*, em vez de *Dada* ².

Se a correção é intencional, podemos crêr, embora o comentador nada diga, que êle atribue ao poeta o seguinte pensamento: D. Sebastião foi dado ao mundo por Deus, o qual oxalá todo o mande, oxalá o envie com a missão especial de dar a Deus etc. Isto é: o antecedente de *que é Deus*, e *todo o* refere-se a D. Sebastião.

É um conceito perfeitamente aceitável e corrente nos poetas da época, como logo se verá.

Mas esta emenda desliga do verso 6.º a primeira parte do verso 7.º, que é uma continuação ou antes uma explicação daquêle.

Nas *Fontes dos Lusiadas* propôs outra correção, que evita êste inconveniente. Lendo-se *toda a*, em vez de *todo o* (seria mais um ou dois erros tipográficos a juntar a tantos outros, que desfeiam as duas primeiras edições dos *Lusiadas*), desaparecem as graves dificuldades que oferecem as outras interpretações:

Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que toda a mande
Pera do mundo a Deus dar parte grande...

¹ «Parece que a Rima obrigou a dizer *o mande*, devendo ser *o manda*, referindo-se ao Mundo; mas pode passar como uma deprecação». Garcez Ferreira, *Os Lusiadas*, Napoles, 1731. «O — *que todo o mande*, do v. 7, fatalmente o errou o poeta, porque o verbo deveria estar no indicativo. Comtudo Ignacio Garcez Ferreira... acha-lhe a seguinte saída: Parece etc. Gomes de Amorim, *Os Lusiadas...* Edição crítica e anotada. Lisboa, 1889. José Agostinho de Macedo, na *Censura dos Lusiadas*, supõe também que há êrro de gramática e naturalmente por inadvertência transforma o *todo* em *tudo*.

² O mesmo faz José da Fonseca, na sua edição de 1846.

Camões exprimiria aqui, recorrendo até à mesma palavra, um conceito então muito em voga.

Assim, no *Epitáfio do príncipe D. João*, do pai de D. Sebastião, diz António Ferreira:

Príncipe João, filho de João terceiro,
De Carlos genro, a que outro igual Deus mande †.

E Andrade Caminha (*Poesias*, pág. 29; Lisboa, 1791) escreveu:

Manoel, teu avô, que muitos mande
Deus á terra como elle...

Como nestas passagens, também o sujeito do verbo *mandar* dos *Lusiadas*, I, 6, 7, deve ser *Deus* e também o complemento directo *todo o* se deve referir a uma pessoa.

O comentário diz: «que todo o mande] é oração relativa final e por isso tem o verbo no conjunctivo (*totus cui serviat orbis* na versão de Santo Agostinho de Macedo). O antecedente do relativo é «maravilha» (e não «Deos» como suppôs J. A. de Macedo, e com elle Gomes de Amorim). O pensamento contido nos dois versos é «que Deus quer que D. Sebastião impere em todas as partes do mundo, para assim dilatar o imperio da Fé christã, ainda tão resumido; cf. VII 2, 14-15».

Segundo o comentário, a letra do texto é esta: *D. Sebastião foi dado ao mundo por Deus, para que mande todo o mundo*. Da letra, porém, tira êle êste sentido: *Deus quer que D. Sebastião impere em todas as partes do mundo*.

Vê-se a diferença. Uma cousa é a letra expressa, terminante, fielmente reproduzida no *totus cui serviat orbis* da versão latina. Outra, é a frase dúbia — *impere em todas as partes do mundo*. Dúbia, porque tanto pode significar: que tenha o império *de* todas as partes do mundo, *de* todo o mundo, como: que tenha domínios, terras, *em* todas as partes do mundo.

† Cf. Ode 8.ª, l. 1.ª; carta 8.ª, l. 1.ª; carta 3.ª, l. 2.ª. Na primeira destas composições lê-se:

Quem ha que a cargo tome
As victorias de fama e eterno espanto
Dos reis passados, quaes Deus sempre mande?

E na segunda:

... O bom Sá Miranda (a quem os ceos mandem)
Cantar mil annos cá...

No primeiro caso, temos o império universal, que não podia estar na mente do poeta. No segundo, há manifesto desvio da letra, se ela é como supõe o comentário. *Ser o senhor de todo o mundo* faz muita diferença de *ser senhor de terras, de regiões, situadas em todas as partes do mundo*.

Se a letra exprime o primeiro conceito, não é permitido substituí-lo pelo segundo. Se aquêle é inaceitável, é porque a letra do texto deve ser outra.

47. Mencionando os inimigos com que D. Sebastião terá de andar em guerra, para sustentar e alargar o império português na África e no Oriente, inimigos que se espera êle submetera, diz o poeta:

Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe ismaelita cavaleiro,
Do turco oriental e do gentio
Que inda bebe o licor do santo rio...
(I, 8, 5-8)

O epíteto *oriental* explica-se naturalmente pela procedência dos turcos, à qual em mais de um passo se referem os *Lusiadas*.

Assim, em I, 60, eles

... são aquelas gentes inhumanas,
Que, os apouentos Cáspios habitando,
A conquistar as terras asianas¹
Vieram, e por ordem do destino
O império tomaram a Costantino.

É em VII, 12, Camões apela, nestes termos, para a Europa cristã:

Fazei que torne lá ás silvestres covas
Dos Cáspios montes e da Scítia fria
A turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

O comentário diz: «Oriental] i. é, que está senhor do Imperio Romano do Oriente».

48. É sabida a distinção entre turcos e rumes. Assim, João de Barros, depois de dizer que o sultão Badur galardoou Mustafá, dando-

¹ Trata-se, é claro, da Ásia ocidental, especialmente da Ásia menor e da Síria.

lhe o nome de *Rume*, explica: «O Rume lhe chamou por ser natural grego; porque os Mouros da India, como não sabiam fazer divisão destas provincias de Europa, a toda Tracia, Grecia, Esclayonia e Ilhas circumvizinhas do Mar Mediterraneo chamam Rum, e aos homens dellas Rumij, sendo este nome proprio dos naturaes daquella parte de Tracia em que está Constantinopla, que do nome que ella teve de nova Roma, tomou a Tracia o de Romania. E assi são diferentes nações Rumes e Turcos; porque estes tem sua origem da provincia Turchestan, e os Rumes da Grecia e Tracia, e como tais se tem por mais honrados que os Turcos, fazendo-lhe vantagem nos seus costumes e valor e tendo por afronta chamarem-lhes Turcos» (*Déc.* IV, 4, 16). E Diogo do Couto, tratando «da diferença que ha entre rumes e turcos» (*Déc.* IV, 8, 9), escreve também: «Os verdadeiros turcos são aquelles que decerão dos montes Caspios, & forão conquistar toda essa Natolia, toda essa Grecia, & o grande imperio de Constantinopla... Os Rumes são todos aquelles naturais da provincia de Tracia, & aquella parte de Constantinopla que se chama Romania... E não só os que se passarão a ley de Mafamede,... mas ainda os de toda Grecia que ficarão na sua antiga».

Couto diz ainda que os naturais da România se chamaram «Romanis» e que «os Turcos depois corrompendolhe o nome lhe chamarão Rumeli, & nós depois Rumes».

Mas este nome tem uma origem muito anterior à invasão turca, pois provém da adaptação que os árabes fizeram da palavra *romano*.

Eis o que sôbre o assunto se lê na *Encyclopaedia Britannica*: «ROUM (RÛM) is the name by wich the Arabs call the Romans, *i. e.*, all subjects of the Roman power. *Bilad al-Rûm*, «the lands of the Romans», accordingly means the Roman empire. The parts of the old empire conquered by the Arabs were regarded as having ceased to be Roman, but the Western Christian lands were still called lands of the Rûm, without reference to the fact that they had in great part ceased to pay any allegiance to the «king of Rûm», *i. e.*, the Byzantine emperor. In Spain a «Rûmiya» meant a «Christian slave-girl». Sometimes all Europa is included in the lands of the Rûm; at other times again the word means the Byzantine empire; and finally, the kingdom founded by the Seljûks, in lands won by them from Byzantium, is the kingdom of the Seljûks of Rûm, so that Rûm comes to take the restricted sense of Asia Minor».

Em resumo: a palavra *rume*, proveniente do vocábulo árabe que corresponde a *romano*, significava, no tempo de Camões, os descendentes, cristãos ou não cristãos, dos antigos habitantes do império

romano do Oriente, invadido pelos turcos, vindos de uma região situada a leste desse império ¹.

O comentário a X, 68, 1-2:

..... Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,

diz: «Rumes] são os mahometanos da Turquia. O nome «Rumes»... liga-se etymologicamente ao nome «Roma», sendo que o imperio Byzantino, de que os Turcos se assenhorearam no sec. xv, era de principio o imperio Romano Oriental».

Ora: 1.^o) nem todos os rumes eram maometanos e súditos do grão-turco; 2.^o) nem todos os maometanos da Turquia eram rumes; 3.^o) os turcos, nem pelo facto de se terem apoderado do império romano do Oriente, se passaram a chamar rumes.

É verdade que, às vezes, onde uns dos nossos escritores falam em *rumes*, outros fazem menção dos *turcos*.

Assim, por exemplo, historiando o segundo cerco de Diu, Damião de Goes ² e Diogo do Couto ³ só se referem aos turcos, ao passo que Camões, no lugar citado (X, 68), que se ocupa do mesmo cerco, não especifica estes últimos, mas nomeia os rumes ⁴.

A razão disto encontra-se na variadíssima proveniência da gente que, muitas vezes, se juntava para combater contra os portuguezes, no Oriente. Para designar o todo, dava-se frequentemente a preferência a êste ou aquêle elemento preponderante, o que, é claro, não exclue os outros ⁵.

¹ No concerto feito em 1535 entre Nuno da Cunha e o embaixador do rei do Guzerate há esta cláusula: «E porem avendo no estreito, ou em outra parte, armada de Rumes e turquos, poderão ir pelejar con ela e destroylla. Tombo do Estado da Índia, pág. 221-222, nos Subsídios para a historia da Índia portugueza, publicados... sob a direcção de... Lima Felner. Lisboa, 1878.

² De bello Cambaico ultimo, Lovanii, 1549. Reimpresso no t. II da Hispania illustrata.

³ Década VI, 1, 6, etc.

⁴ Em II, 50, o poeta, tratando dos dois cercos de Diu, omite qualquer alusão a turcos ou rumes, para só falar nos *mouros*, no sentido lato que esta palavra tinha nos nossos escritores, ao occuparem-se das cousas do Oriente.

⁵ Outro exemplo temo-lo no que se lê a respeito da armada de Mir Ocem, destróçada em Diu por D. Francisco de Almeida. Esta armada, que o sultão do Cairo enviou à Índia, alguns anos antes que o Egipto fôsse conquistado pelos turcos, é para Barros (*Déc.* II, 3, 3, etc.) e para Castanheda (*Hist.*, l. II, c. 76, etc.) uma armada de *rumes*. Camões, no canto X, chama-lhe a *armada de Egipto* (29, 8) e os

49. A propósito da *paç angélica dourada* de I, 17, 3, observa o comentário: «dourada] por «aurea», como também *auratus* está ás vezes por *aureus*».

A nota poderia ser ampliada com passagens de escritores nossos, em que a palavra *dourado* tem a mesma significação que aqui lhe dá o poeta. Na *Eufrosina*, por exemplo, lê-se: «Por esta causa apartou Jupiter na idade dourada a copia das cousas» (*acto I, scena 3.^a*). E nos *Sermões* de Vieira: «Aquella idade doirada, tão celebre nos primeiros tempos, quem a fez?» (t. V, pág. 244, edição de 1855) ¹.

50. «Figuratamente, *argento* e *liquido argento*, dicese l'agua molto limpida» — lê-se no dicionário da *Crusca*. E o primeiro exemplo citado é este de Alamani ²: «Rendete il puro argento alle vostre onde, Sacratì fiume» ³.

Não é de estranhar, porisso, que Camões, conhecedor como era da lingua italiana, adoptasse a palavra *argento* com aquella significação e chame assim ao mar *salso argento* (I, 18, 5; VI, 3, 6), *argento de Tetis* (IV, 49, 1-2).

Acêrca do *salso argento*, como perifrasede *mar*, diz o comentário

soldados que nela vinham são *mamelucos* (32, 8); mas em V, 45, D. Francisco de Almeida é o vencedor da *turca armada dura*.

Que do Egito partiram também turcos nessa armada, vê-se pelo que diz Barros (II, 2, 6); o seu número, porém, não é natural que fôsse muito elevado.

¹ Note-se que o *Dicionário* de Moraes não regista estas nem outras quaisquer passagens.

² «Poète florentin, vivait vers la fin du quinzième et au commencement du seizième siècle. Il est cité, pour la pureté de son style, dans le *Vocabolario della Crusca*. *Nouvelle Biographie universelle* de Didot (Paris, 1852).

³ Outro exemplo, mas posterior aos *Lusiadas*, é este do Tasso, na *Gerusalemme Liberata*:

S'alcun giammai tra frondeggianti rive
Puro vide stagnar liquido argento...

(XIII, 60).

Cf. *Lusiadas*, VIII, 73, 5:

Rompendo a força do líquido estanho,

em que *estanho*, segundo uns, é o metal, e segundo outros, a tradução do italiano *stagno*, derivado do latim *stagnum*, com que por vezes foi designado o mar. Neste sentido disse o Ariosto:

I marinari.....
Portavan lieti pei salati stagni.
Verso Selandia il Duca, etc.

(X, 15).

a I, 18, 5: «Esta periphrase foi suggerida a Cam. provavelmente pela expressão de Ovidio: *fons nitidis argenteus undis* (*Met.* III, 407)».

51. Depois de indicar os motivos que levaram Baco a hostilizar os portugueses e Venus a favorecê-los, conclue Camões:

Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, polas honras que pretende,
Debatem e na perfia permanecem.

(I, 34, 5-7)

No verso 6.^o substitue Gomes de Amorim *o outro* por *a outra* e observa: «*E o outro*, referindo-se a Venus, pôde, em rigor, permitir-se, em certas circumstancias, e a poetas de menos pulso; mas Camões deve ter escripto como eu restabeleço» (*Os Lusíadas, edição critica*, I, 208).

O comentário justifica desta maneira a lição das duas primeiras edições: «hum» (Marte) «o outro» (Venus) estão empregados substantivamente, por isso, na coordenação com «hum» tem de dizer-se «o outro» e não «a outra».

Mas não há dúvida que pode dizer-se «a outra», como propõe Gomes de Amorim.

Se, portanto, o poeta escreveu «o outro», referindo-se a Venus, a razão não pode ser a que o comentário apresenta.

Se ela fôsse aceitável, não havia motivo para se restringir só a estes pronomes (*um, o outro*); devia também ser obrigatório dizer-se, por exemplo, *este* (Marte) e *aquelle* (Venus).

Ora, neste caso, não só não é obrigatória a forma masculina do segundo pronome, mas mesmo ninguém a empregaria.

A meu vêr, se isto se pode dar com o pronome *outro*, é por influência do uso do pronome compôsto (*um e outro, um do outro*, etc.), em que a forma masculina também se refere a individuos do sexo feminino. Assim, no *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*, a propósito dos amores de Florismarte e de Almina, lê-se: «Ho prometerse *hũ a outro* eterno amor» etc. (cap. 18). E ainda no mesmo capítulo, tratando-se dos de Florisbel e Bellfloris: «Quanto mais se hiam entendendo, tanto mais punham ho seu gosto na comunicação *hum do outro*».

52. Em I, 40, 1-3, Venus diz a Júpiter:

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás...

Comentário a estas últimas palavras: «tornar por detrás» por «tornar atrás» está antiquado. A locução corresponde ao *sententia vobis | versa retro* de Verg. *En. X*, 6-7».

Eu citaria esta passagem da *Eufrosina*, aliás a única que conheço, em que aparece a referida locução: «Melhor seria, certo, lançar tudo por detrás» (*Acto III, scena 1.^a*).

Assim também, a respeito de II, 4, 7-8,

Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo,

eu não me limitaria a esta observação do comentário: «Com que] equivale a: que, com o que lebares».

Construções análogas são frequentes nos escritores contemporâneos ou anteriores a Camões e viria aqui a propósito a citação de uma ou outra passagem: «Se elle tomava a salva della a elRey seu sobrinho, era por ser tão velho com que ficava desculpado ante elle» (Barros, *Déc. I*, 3, 9). «Andava discorrendo por muitas partes, fazendo cousas tais, de que em extremo se fallava» (*Palmeirim*, cap. 46). «Mandou o Principe tornar com o corpo de D. Egas tantos dos seus e taes pessoas, com que podia ir honradamente» (Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, cap. 12).

53. Em Mombaça, Vasco da Gama manda desembarcar dois degredados e

E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa e branda.
(II, 8, 1-3).

Comentário: «O sujeito de «mostrava» é «o Rei», e o de «Tenha» é V. da Gama»; v. o com. a I 82, 1-3».

Isto é: temos aqui, segundo o comentário, um caso de mudança de sujeito.

Mas nada obriga a recorrer neste lugar a tal explicação.

¿Porque é que o sujeito de «Tenha» não há de ser o mesmo que o de «mostrava»?

Vasco da Gama envia presentes ao rei de Mombaça, para que este *tenha*, isto é, *mantenha*, *consERVE* firme etc. a boa vontade que havia mostrado, para que este não modifique as disposições em que parece estar para com os recém-chegados.

Quando há mudança de sujeito, é o conteúdo da frase que a impõe, o que aqui se não verifica. Veja-se o n.º 25, *supra*.

54. Para evitar que Vasco da Gama entrasse no porto de Mombaça, onde o esperava a traição do rei desta cidade, Venus e as nereidas, quando a armada portuguesa, de velas infunadas, se dirigia para a barra, com a capitaina à frente, forçaram esta a recuar (II, 17-29).

Ficou Vasco da Gama surpreendido com tal facto, pois nem o vento, que era favorável, nem qualquer corrente de água o podiam explicar.

Combinando, porém, este caso extraordinário com outras circunstâncias, coligiu que havia ali intervenção divina, para o livrar de cair nas mãos do dissimulado inimigo:

E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos¹ ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

«Ó caso grande, estranho e não cuidado!
Ó milagre clarissimo e evidente!» etc.

(II, 29, 5-30, 2).

Observa o comentário ao 2.º destes versos (II, 29, 6): «Em «ou» ha anacoluthia, sendo que o Poeta pôs «ou» como se houvesse de dizer simplesmente «ou corrente das aguas»; mas depois repetiu a preposição «sem» e não substituiu «ou» por «e».

Mas aqui não há anacoluthia, não há a falta de seqüência sintáctica que caracteriza esta figura².

A preposição *sem* está repetida, porque se trata de duas causas diferentes, nenhuma das quais actuava para produzir o efeito e que eram as únicas que o podiam explicar, sem recorrer ao milagre.

Vasco da Gama via que, sem que soprasse vento que impelisse para trás a sua nau, *ou sem que* houvesse corrente, da barra para o mar largo, que produzisse o mesmo efeito, aquela contudo não *passava avante*, antes *tornava pera detrás*. Isto é:

... Sem contraste e sem braveza
Dos ventos, *ou* das aguas *sem* corrente,
... a nau passar avante não podia.

¹ Hendíade, por: *sem bravos (fortes) ventos contrários*.

² «Anacoluthon, where a sentence is begun in one way and finished in another not syntactically accordant; e. g. *Deos verisimile est ut alios indulgentius tractent for deos... alios tractare or Di... ut... tractent*». Roby, *A Latin grammar for schools*, pág. 367. Londres, 1894.

É uma construção semelhante a esta: *Sem dinheiro ou sem crédito não há negócio que prospere.*

Tanto se pode dizer: *sem dinheiro ou sem crédito*, como: *sem dinheiro ou crédito*. *Sem dinheiro e sem crédito* — já exprimiria um conceito diferente.

Se o poeta quisesse dizer que a nau de Vasco da Gama não podia entrar no pôrto, sem que houvesse vento e corrente que a fizessem avançar, é que haveria o anacoluto a que o comentário se refere.

A construção normal seria, com efeito, nesse caso:

E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos e das aguas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia...

Ou melhor: não haveria um anacoluto, com a repetição do *sem*. Haveria um pensamento diferente do que, na hipótese de se tratar dos agentes que poderiam fazer entrar a capitaina para dentro da barra, seria expresso pelas palavras: *ou das aguas sem corrente*.

No primeiro caso, eram precisos os dois propulsores; no segundo, bastava um deles.

Mas, como se vê por toda a passagem, não se trata das duas forças que, isolada ou simultâneamente, podiam fazer entrar a armada de Vasco da Gama no pôrto de Mombaça: trata-se da ausência das mesmas forças, que não actuavam em sentido contrário ao da entrada, o que tornava incompreensível o retrocesso da capitaina.

A referência ao anacoluto ¹ leva-me a crêr que o comentário deu às palavras do poeta um sentido que elas, em outro contexto, poderiam ter ², mas que no caso presente é inadmissível.

A Vasco da Gama não faltava vento para poder entrar a barra:

Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam pera a práia abalisada.

(18, 3-4)

¹ As palavras que precedem esta referência, são aplicáveis a qualquer das interpretações supramencionadas: «sem contraste — sem corrente] (= sem que houvesse contraste, etc.) pertence para «a nao passar avante não podia» (v. *R Ph* em «Transposição»).

² Salvo a expressão *contraste... dos ventos*, que indica os ventos opostos à marcha do navio. Cf. III, 88:

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento àquela parte...

E então que Venus e as nereidas

Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

(21, 5-8)

E, pondo *no duro madeiro o brando peito*, fecham à capitaina o caminho da barra, de modo

Que em vão assopra o vento, a vela inchando.

(22, 4)

O resultado é que

Torna pera detrás a nau forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas...

(24, 1-3)

É então que Vasco da Gama, vendo que a nau não passava avante,

... sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,

nota que deve nisto haver um milagre.

Faltar vento ou corrente que fizessem entrar as naus, não era motivo para estranheza. Era-o, pelo contrário, o facto de a nau, que marchava impelida pelo vento, começar a retroceder sem vento contrário *ou* sem corrente de água, que a isso a forçassem.

55. A fala de Júpiter a Venus em II, 44 e segg. começa pelas palavras *Fermosa filha minha*, a propósito das quais o comentário observa: «filha minha] é expressão de carinho; para Cam., Venus brotou da espuma do mar, v. II 19, 3».

Esta razão não é suficiente, pois não é raro que sobre o mesmo assunto adopte Camões mais de uma opinião, quer para se mostrar conhecedor das divergências existentes, quer por isso convir à narrativa.

Assim, por exemplo, em I, 7, 7-8, os cinco escudetes das armas portuguesas representam as cinco chagas de Cristo. Pelo contrário, em III, 53, 7-8, estes escudetes simbolizam os cinco reis mouros vencidos em Ourique.

Em III, 7, 7, como se vê pela expressão *Tróia triunfante*, admite Camões a opinião de que, no cerco de Tróia, a vitória pertenceu aos sitiados. Mas a opinião contrária acha-se expressa em III, 57, VI, 19, e VIII, 5 (cf. *supra* o n.º 5).

Em I, 39, as relações entre Baco e Luso são indicadas pelas

palavras: *seu tão privado*. Em III, 21, a palavra *Lusitânia* deriva de Luso ou Lisa, que, *parece, fôram filhos ou companheiros de Baco*. Em VI, 30, Baco diz que Luso foi *seu vassalo*. Finalmente, em VIII, 3 e 4, Luso é *filho e companheiro, companheiro e filho amado* de Baco ¹.

Em III, 72, 7-8, e IV, 64, 3-4, o paraíso terreal é localizado na Arménia; em IV, 74, 1-2, e VII, 1, 4, fica na região onde nasce o Ganges. É escusado observar que, no tempo do poeta, não podia subsistir a opinião que considerava o Ganges como sendo um dos rios que, juntamente com o Tigre e com Eufrates, saíam do paraíso. Porisso êle não fala nos três rios ao mesmo tempo, como tendo origem comum, mas não deixa de lha dar em lugares diferentes.

Em X, 93, adopta o poeta a opinião de João de Barros (*Déc. I, 10, 1*), que faz nascer no mesmo lago os três grandes rios da África, Nilo, Zaire e Cuama (Zambeze):

Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

Apesar disso, não logo na estância seguinte, mas na imediata a esta, reproduz a opinião de Ptolemeu, muito mais próxima da verdade ²:

Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos ³.

(X, 95).

¹ Estas opiniões divergentes encontrava-as o poeta referidas em uma nota ao *Vincentius* (II, 84) de Resende, publicado em 1545. Nela se comenta a conhecida passagem de Plínio, III, 8, por esta forma: «Lusum, Liberi patris filium, non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretantur, una cum Lysa, nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse».

O comentário a III, 21, 5-8, conjectura que, neste passo, se guiou o poeta por uma edição de Plínio, como a de Paris, 1532, e que no intervalo entre a composição do canto III e a do VIII, leu o *Vincentius*, em que Luso é apresentado como filho de Baco, e não apenas como seu companheiro.

Mas não é preciso recorrer a esta explicação, como o mostram os outros exemplos citados no texto. O *Vincentius* devia tê-lo lido o poeta pelo menos logo que começou a preparar-se para escrever os *Lusiadas*. Note-se ainda: 1.º Que no canto VI, 30, Luso volta a ser um vassalo de Baco, portanto a leitura do *Vincentius* deveria colocar-se mais precisamente entre êste canto e o VIII; 2.º Que, qualquer que fôsse a data em que Camões leu o poemeto de Resende, o que é certo é que nos *Lusiadas* há divergência de opiniões a respeito dos laços que ligavam Luso a Baco.

² Eis o que sôbre o assunto diz Bunbury, *A History of ancient Geography*, II, 615 (Londres, 1883): «There seems no reason to doubt that authentic intelligence of the great lakes in the equatorial regions of Africa, from wick the Nile really derives its waters, had reached the ears of the Greeck traders at Rhapta, and passed through them to the knowledge of the Alexandrian geographer».

³ Cf. Ovídio, *Metam.*, II, 254-255:

Nilus in extremum fugit perterritus orbem,
Occulitque caput, quod adhuc latet...

Mais outro exemplo, que pode parecer bem singular, é o que nos oferece a narrativa da viagem de Vasco da Gama desde o Restelo até os mares da Guiné (V, 3-12).

Basta comparar o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* ou o respectivo capítulo de Castanheda (I, 2) com o que se lê nos *Lusiadas*, para se vêr que aqui, a par da derrota de Vasco da Gama, há outra diferente, talvez a da nau em que o poeta foi para Índia¹.

O comentário nem mesmo menciona as dificuldades que sugerem os três últimos casos. E não é com o critério a que obedece a nota a II, 44, 1, que elas poderão ser resolvidas.

56. Prognosticando as futuras proezas dos portugueses no Oriente, Júpiter diz a Venus, em II, 53-54:

Nunca com Marte instructo e furioso
Se viu ferver Leucate,

Como vereis o mar fervendo aceso
Cos incendios dos vossos

¿ Que significa, neste passo, a palavra *incendios*?

Há nos *Lusiadas* outro lugar que pode comparar-se com este. É o que refere a segunda vitória naval do lendário D. Fuas Roupinho,

..... que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeu, junto da serra
De Abila, nas galés da maura gente.

(VIII, 17)

O sentido óbvio destas palavras seria que D. Fuas incendiou as galés dos mouros.

Mas a fonte do poeta — a *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão — obriga-nos a outra interpretação. O que nela se diz, com efeito, é que os portugueses, com D. Fuas por almirante, «acordaram ser bem ir sobre o porto de Cepta, e hi acharam Fustas de Armada de Mouros, e tomaram-nas, e assi outros Navios grandes

¹ Vasco da Gama, por exemplo, não passou pela Madeira, mas foi por entre as Canárias e a costa de Africa. Todavia, em V, 5, 1, diz:

Passamos a grande ilha da Madeira.

A passagem pelas Canárias é mencionada na est. 8.^a, depois de na est. 7.^a se ter transpôsto o trópico de cancer, ao norte do qual ficam aquelas ilhas, à distância de alguns graus, etc.

com elles, e depois de estarem dous dias ante Cepta, tornáram para Lisboa, trazendo os Navios tomados consigo» (cap. 56, edição de 1906).

O fogo que D. Fuas acendeu é, portanto, a vitória que êle alcançou, pois os navios não fôram destruidos pelo fogo, mas trazidos para Lisboa.

¿ Não deverá a palavra *incendios* de II, 54, 2, ser entendida da mesma maneira? É o que me parece.

O comentário explica: «os incendios] i. é., o fogo da artilharia; Plinio diz: *mons Aetna nocturnis mirus incendiis* (N. H. III § 88)».

E quando chega a VIII, 17, limita-se a transcrevêr o que diz Galvão, não explicando o sentido das espressões do poeta.

57. Nota do comentário a II, 64, 7: «(e)sprito» é forma antigamente popular, que o Poeta só por necessidade metrica emprega. Segundo G. Paris... na versificação *rhythmica latina* ha vestigios de *spiritus* com *accento* na penultima *syllaba*».

A forma *esprito* ou *sprito* não é empregada só pelos poetas do século XVI¹, para os quais poderia valer a razão da necessidade métrica.

Sem estarem obrigados a esta, também a usaram prosadores e dos melhores. Basta citar Francisco de Moraes (*Palmeirim*, cap. 99, 169, etc.), Ferreira de Vasconcelos (*Eufrosina*, acto I, scena 3.^a; acto III, scena 2.^a, etc.), Castanheda (*Historia*, l. II, cap. 26, etc.).

59. Em II, 81, 5-7, o emissário de Vasco da Gama pergunta ao rei de Melinde²:

Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

Isto é: que maus intuitos se descobrirão em nós, para que se tenha receio de tão pouca gente, para que se trate de a aniquilar à falsa fé?³

¹ Além de Camões, veja-se, por exemplo, António Ferreira (*Carta XII* do l. I, *carta IX* do l. II, etc.) e Jorge Ferreira de Vasconcelos, nas trovas *Neste dia dos finados* (*Ulyssippo*, acto III, scena 6.^a).

² Trata-se apenas, é claro, de um artifício retórico, que obedece ao desejo de imitar uma passagem do discurso de Ilioneu a Dido (*Eneida*, I, 522 e segg.).

³ Gramaticalmente, o *que* dos versos 6 e 7 pode ser consecutivo (*de modo que*) ou correlativo (*que tão má tenção... que*). *Se arreceia* é o mesmo que: *se tem receio*.

O comentário põe interrogação no fim do verso 5.^o (*se sente?*) e diz em nota: «O «Que» do 6.^o verso é pronome interrogativo (=que cousa?); o do 7.^o verso é conjuncção final (e no português moderno dir-se-hia «para que»»).

Mas basta ler os quatro versos com atenção, para se vêr que os conceitos expressos no 2.^o e no 3.^o e 4.^o estão coordenados e dependem do que se diz no 1.^o: ¿Que se suspeita de nós, para nos terem medo e para nos quererem matar?

Note-se ainda a estranha construção gramatical do 2.^o verso, se o *que* deve ser pronome interrogativo. Nêste caso, êle devia preceder imediatamente o *se arreceia*.

60. Terminada a resposta de Vasco da Gama ao rei de Melinde, nas vistas que se efectuaram no batel do primeiro, prossegue a narrativa do poeta:

Isto dizendo, os barcos vão remando
Pera a frota, que o mouro ver deseja;
Vão as naus ùa e ùa rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.

(II, 106).

Como o sujeito de *dizendo* é Vasco da Gama, occorre perguntar qual é o de *vão remando*.

O comentário responde: «os barcos] deve considerar-se compl. objectivo de «remando», cf. «não tendo quem lhe remasse os navios (Barros, III 10, 2)».

Mas a dúvida subsiste, pois em Fernão Lopes, por exemplo, além de outras passagens, leu o poeta estas: «As gallees de Castella... com grande receo e medo que trariam... fezerom muito por atravessar o rio; Joham Foçim, quando vio que as gallees remavom pera terra, ... terreou tanto etc.... As naaos e gallees (dos portugueses)... remarom pera a outra parte daalem» (*Crónica de D. Fernando*, cap. 74).

Pode porisso ser *barcos* o sujeito tanto de *remando*, como de *rodeando*. E a construção fica assim mais natural, do que rebuscando uma palavra que não está no contexto.

61. Em II, 112, 3-4, diz o poeta:

Tentou Perito e Teseu, de ignorantes,
O reino de Plutão.

Comentário: «Ligando um apposto do plural («de ignorantes») a

dois sujeitos que têm o verbo no singular, syntaxe tão estranha presentemente, Cam. teve exemplos nos escriptores latinos» (Cita-se depois um passo de Cicero, *Verr.* IV 42).

E também os teve em escriptores portuguezes. Assim no cap. 150 do *Palmeirim* leu êle: «Foi dom Duardos e Flerida aposentados no proprio aposento que ainda tinha seu nome». E no cap. 95: «Vernao co'a emperatriz Vasilia sua molher, acompanhados de todos os principes e caualleiros, que na corte estauã, se pos ao caminho». E no cap. 67 da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Galvão: «Ao quinto dia foi o Infante e os seus tão afincados dos Mouros, e postos em tanto aperto, que o palanque foi roto por algumas partes».

62. Demarcando a Ásia pelo lado da Europa, escreve João de Barros: «A terra de Asia... apartasse da Europa per o rio Tanais a que agora os naturaes della chamão Dom, & per o mar negro onde se elle vem meter, continuado ao de Grecia pelo estreito de Constantinopla» (*Déc.* I, 9, 1).

Em III, 7, falando da Europa, o poeta adopta, como é de supôr, estes mesmos limites, mas, não especificando o mar Negro, substitue o *aparta-se* de Barros por *avizinha-se* e menciona só o Tánais e o mar Egeu (o mar de Grécia, de Barros), na região onde foi Tróia, isto é, desde a entrada dos Dardanelos até o Bósforo.

É efectivamente aqui e nas margens do Tánais que as duas partes do mundo se aproximam uma da outra. O mar Negro não as avizinha, afasta-as.

Vejamos, pois, o que diz a estância citada:

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha; mas o rio
Que dos montes Rifeios vai correndo
Na ¹ alagôa Meotis, curvo ² e frio,

¹ Em quanto ao emprego da preposição, cf. *sair na praia* (V, 52, 6), *trazer no porto* (V, 85, 1-4) etc. Dos muitos casos análogos que se encontram nos escriptores que o poeta leu, basta citar este do *Palmeirim*: «O muito alto soldam de Persia... o poderoso gran turco... estiverõ muitas vezes mouidos pera vir nella (i. é.: *Constantinopla*) cõ grandes frotas» (Cap. 93). É o *in* latino com acusativo, complemento dos verbos de movimento.

² Este epíteto, diz o comentário, «talvez fosse suggerido pelo passo de Lucano... [*Tanais*] *Nunc huc, nunc illuc, qua flectitur, ampliat orbem* (III 276)». Para o que diz do Tanais tinha o poeta presente esta passagem do *De montibus* etc. de Boccaccio: «Ex Riphæis montibus... prorumpens, ... tendit in Orientem et postquam diu oberravit, velocitate sua pugnans ne frigoribus cogatur in glaciem, in occidentum

As divide e o mar que, fero e horrendo,
Viú dos gregos o irado senhorio,
Onde¹ agora de Tróia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante,

A respeito do mar indicado pela perífrase dos versos 5-6, o mar Egeu, o mar de Grécia (Barros), o mar do Arquipélago, diz o comentário: «Este mar é a parte do Mediterraneo, chamada mar Egeu, o qual, segundo a geographia antiga, formando o estreito dos Dardanellos, o mar de Marmara, o mar Negro e o mar de Azof, separa a Europa da Asia: *Nostrum mare* (o Mediterraneo) *ubi primum se artat Hellespontus vocatur, Propontis ubi expandit, ubi iterum pressit Thracius Bosphorus, ubi iterum effudit Pontus Euxinus, qua paludi committitur Cimmerius Bosphorus, palus ipsa Maeotis* (Pomponio Mela I § 7; cf. § 15)».

Como é sabido, nem segundo a geografia antiga², nem segundo a geografia moderna, o mar Egeu compreende o mar Negro e o de Azof.

E nada prova o passo citado de Pomponio Mela, pois que se refere ao Mediterrâneo em geral, cuja descrição êle começa um pouco antes³.

Se o *Nostrum mare* vai do *Fretum*, do moderno estreito de Gibraltár, até a *palus Maeotis*, se é o Mediterrâneo em toda a sua extensão, como é que o comentário cita uma parte dessa descrição, applicando-a

vertitur, . . . nec diu ante in meridiem mergitur quam a palude suscipiatur Meotides». A origem do rio, o seu termo, os epítetos *curvo e frio*, tudo mostra que a fonte do poeta foi o dicionário geográfico apenso à *Genealogia dos deuses*.

¹ Complemento de *divide* e não de *viu*. Pela mesma razão por que o poeta não fala no mar Negro, por essa também se não refere aqui a todo o mar Egeu, mas só ao braço que, apertado entre a Europa e a Asia, comunica com o mar Negro. Se outros não incluem no Egeu esta parte do Mediterrâneo, Camões segue a opinião de Barros.

² O mar Egeu era, para os antigos, o mar que ficava entre a Grécia, Trácia e Asia menor. Sôbre os limites para o sul e sudoeste é que havia hesitações. ¿ Chegava até Creta? ¿ Estendia-se mesmo para o sul desta ilha? ¿ Banhava a costa oriental do Peloponeso? Veja-se o artigo *Αἰγαῖον πῆλαγος* na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa.

Para os modernos, o mar Egeu é o mesmo que para os antigos: é o mar do Arquipélago.

³ «Hoc primum angustum, nec amplius decem milibus passuum patens, terras aperit atque intrat. Tum longe lateque diffusum, abigit vaste cedentia litora. . . Id omne qua venit, quaque dispergitur, uno vocabulo *Nostrum mare* dicitur. Angustias introitumque venientis nos *Fretum*, Graeci *Πορθμόν* appellant. Qua diffunditur, alia aliis locis cognomina acceptat. Ubi primum» etc. (Segue o passo que o comentário o reproduz).

ao mar Egeu e atribuindo assim a êste mar uma área que Mela lhe não dá?

É certo que a passagem do geógrafo hispano é transcrita traduzindo-se *Nostrum mare* por *Mediterraneo*, mas também não é menos certo que o que com ela se pretende provar é que o mar Egeu se estende até o mar de Azof. Releia-se o que diz o comentário.

Se Camões, em III, 7, não fala no mar Negro, nem por isso há o direito de incluir êste mar no Egeu, sob a responsabilidade de Pompónio Mela.

A tal respeito é êste geógrafo bem claro e bem expresso em mais de um lugar. «Inde (ab Hellesponto) ad Fretum (Nostrum mare)... três maximos sinus efficit... Mare, quod primo sinu accipit, Aegaeum dicitur; quod sequenti in ore Jonium» etc. (L. I, c. 3). «Est Eleus, quae finit Hellespontum. Aegaeum statim pelagus vaste longum litus impellit summotasque terras hinc ad promontorium quod Sunium vocatur,... circumagit» (L. II, c. 2). Isto é: o Egeu vai desde o Helesponto até a Ática.

Intendeu o poeta que lhe bastava dizer onde a Europa *com Asia se avizinha* e o que é que nestes pontos as divide. Ora, vindo de leste, temos o Tánais e depois o mar Egeu, não todo, mas só na parte onde êle se liga com o mar Negro¹, isto é,

Onde² agora de Tróia triunfante
Não vê mais que a memoria o navegante.

E a êste mar Camões, em vez de lhe dar simplesmente o nome por que era conhecido na antiguidade, ou de lhe chamar, como Barros, *o mar de Grécia*, designa-o pela perífrase de

... mar que, fero e horrendo,
Viu dos gregos o irado senhorio,

isto é, mar que, apesar de fero e horrendo³, foi dominado pelos gregos⁴, mar de que os gregos fôram senhores.

¹ Em Barros, como fica dito, leu Camões que o mar Negro é «continuado ao de Grecia pelo estreito de Constantinopla».

² Onde está aqui usado como em VII, 34, 4, e 68, 8, isto é, *nas partes onde*. Cf. *supra* o n.º 38. Não se trata de um ponto preciso da costa da Tróada, mas do braço de mar que daí vai até o estreito de Constantinopla.

³ Para justificar os dois epítetos, cita o comentário as conhecidas passagens de Horácio, *Odes*, I, II, 16, 2, e I, III, 29, 63. Viriam também a propósito a *Eneida*, XII, 365-367, e as *Metamorfoses*, XI, 663-666, por serem lugares que o poeta igualmente conhecia.

⁴ O epíteto *irado* explicar-se há pelos outros dois — *fero e horrendo* — ? Ou haverá um erro de imprensa — *irado* por *ousado*? Este último epíteto

Que não há aqui alusão à destruição de Tróia mostra-o o epíteto *triumfante* do verso 7.^o (Vide *supra* o n.^o 5).

Apesar disso, diz o comentário a êste verso: «dos Gregos] que foram vingar o rapto de Helena (v. o com. III 140)».

Em III, 140, já o poeta adopta outra opinião, pois fala no castigo que tiveram

Os que foram roubar a bela Helena.

Não segue porém ainda plenamente a versão tradicional, pois esta maneira de dizer filia-se na opinião de que o rapto de Helena foi devido, não à paixão amorosa de Paris, mas a um desfôrço que Priamo mandou tirar, por causa de Hesiona.

Eis o que a êste respeito Camões leu nas *Enneades* de Sabélico (tradução de D. Leonor de Noronha, Coimbra, 1550, t. I, pág. 245): «Elrey priamo tinha mādado (Paris) a Grecia, dizendolhe que, se Telamon lhe nã quisesse entregar sua hirmã Hesiona, mandandolhe pedir por embaixadores, que fizesse algũa injuria aos Gregos»¹.

Foi daqui que resultou o rapto de Helena. E é porisso que o poeta fala *nos que foram roubar a bela Helena*.

O comentário a êste passo limita-se a dizer que se trata dos troianos e que Paris raptou a mulher de Menelau, o que deu origem ao cerco e destruição de Tróia.

63. Os escritores clássicos divergiam muito a respeito da região habitada pelas amazonas. Mas a maioria collocava-as ou a nordeste

fácilmente se justificaria com várias passagens de Horácio, para não falar em outros clássicos. Na ode III do l. 1.^o, diz êle, por exemplo:

Illi robur et aes triplex
Circa pectus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ratem
Primus.....

E um comentador a êste passo, entre outras citações, adús a Antígona de Sófocles, em que êste «ait multa quidem cerni stupenda, at nihil magis quam quod homo fluctus tumidos navicula tamen subire non formidet».

¹ Quando Hércules tomou Tróia, Hesiona, irmã de Priamo, foi dada por aquêle a Télamon, rei da Silamina, por ter sido o primeiro a entrar a cidade. Posteriormente Priamo mandou pedi-la por meio duma embaixada. Esta porém nada conseguiu, pelo que foi raptada a mulher de Menelau.

Na versão da *Tróia triunfante*, Helena não foi raptada, mas rejeitou a mão dos pretendentes gregos, para casar com Paris, o que aqueles não levaram a bem. Daí a guerra e o subsequente desbarato dos gregos, que não tinham motivo justo para a fazer.

da Ásia menor, no Ponto, nas margens do Termodonte, ou a sudeste da Europa, na Trácia ¹.

Há porêem na *Eneida* uma curiosa fusão destas duas sédes das fabulosas guerreiras. No canto xi, v. 659 e segg. diz, com efeito, o poeta latino:

Quales Threiciae cum flumina Thermodontis
pulsant et pictis bellantur Amazones armis,
seu circum Hippolyten seu cum se Martia curru
Penthesilea refert etc.

¿ Se as amazonas são *trácias*, como é que vivem nas margens do Termodonte, rio do Ponto? ²

Para resolver a dificuldade tem-se recorrido a vários processos.

Assim, o comentador Sérvio passa erradamente o Termodonte para a Trácia. «Tanais fluius est qui separat Asiam ab Europa, circa quem antea Amazones habitauerunt; unde se postea ad Thermodonta fluium Thraciae transtulerunt».

Outros supoem que a palavra *Threiciae* não está tomada no sentido próprio, tendo Vergílio usado de uma liberdade poética. «Pro Scythicis vel Sarmaticis dixit, . . . quod, tanquam poeta, suo jure fecit» ³.

Mas, a meu vêr, a melhor solução é a que se encontra no comentário de Ladwig-Schaper-Deuticke ⁴, isto é, Vergílio confundiu as

¹ «Ihr gefeiertster Sitz ist Themiskyra am Thermodon im späteren Pontus . . . Andere Sagen gehen westlich. Wie nach Arktinos Penthesilea von thrakischem Stamme war, so sprechen auch andere Epiker von Amazonen in Thrakien, vgl. Vergil Aen. 11, 659 ff. Q. Smyrn. 1, 168». A. *Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, v. *Amazonen*. Cf. Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie*, 2^a edic., v. *Amazonen*.

² Note-se ainda que Penthesilea era a rainha das amazonas que vieram da Trácia em auxílio de Tróia, cercada pelos gregos, e que Hipólita era naturalmente a rainha das amazonas das margens do Termodonte, que foi vencida por Hércules. Vejam-se as obras citadas na nota precedente.

³ Heyne, *P. Virgilius Maro. . . perpetua annotatione illustratus* . . . Londini 1821. Cf. Benoist, nas *Oeuvres de Virgile*, t. 3: «Les poètes, sous le nom de Thrace et de Scythie, comprennent les régions septentrionales en général».

⁴ *Vergils Gedichte*. Berlin 1904. No seu tão desenvolvido comentário, o padre Lacerda adopta um curioso expediente. Em uma observação a todo o passo diz: «Comparatio aptissima sumpta ab Amazonibus, quae degunt ad Termodoontem Asiae fluium». E depois no comentário especial à palavra *Threiciae* começa por citar estes versos de Silio Itálico (ii, 73 e segg.):

Quales Threiciae Rhodopen Pangaeaque lustrant
Saxosis nemora alta iugis, cursuque fatigant
Hebrum innupta manus.

Resulta da combinação dêstes lugares que as amazonas da Trácia vivem nas margens do Termodonte, rio da Ásia menor.

duas regiões. «Die römischen Dichter vermengen oft die Völker im äussersten Nordosten. Daher lässt Verg. hier die Amazonas über die Fluten (*flumina*, vgl. XII 331) des pontischen Flusses Thermodon traben (*pulsant*), wie bei Prop. IV 4, 71 auch *celerem prope Thermodonta Strymonis fertur*».

Foi naturalmente para evitar esta confusão que o nosso épico, em III, 44, 6-8, distinguiu as amazonas que beberam a água do Termódonte, da *fermosa e forte dama* que veio ajudar os troianos, isto é, de Pentesileia, rainha das amazonas da Trácia.

Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte dama
De quem tanto os troianos se ajudaram,
E as que o Termódonte já gostaram.

O comentário deixa subsistir a confusão que nos *Lusiadas* não existe. Com efeito, a propósito dos versos 6-7 diz: «Falla-se de Penthesilêa, rainha das Amazonas, notavel pela formosura e valentia, e que depois da morte de Heitor veio em auxilio dos Troianos (Verg. *En.* I 490-493; Bocc. *De cl. mulieribus*, 30)». E anotando o verso 8: «É periphraise, por: Amazonas. O Thermodonte (Thermodon) é um rio do Ponto, na Asia menor, na região onde habitaram as Amazonas (Verg. *En.* XI 659-660; F S)».

Do confronto destas duas notas infere-se que Pentesileia veio do Ponto, em auxilio dos Troianos, pois era rainha das amazonas e estas habitaram naquela região.

Cita-se também, na segunda nota, a *Eneida*, XI, 659-660, por forma que se fica supondo que, segundo Vergilio, o Termódonte é um rio do Ponto, na Ásia menor. Ora tal cousa não diz o poeta latino. Para elle, as amazonas que residem nas margens d'este rio são *Threiciae*, vivem na Trácia.

64. As edições dos *Lusiadas* anteriores à de 1612 trazem a palavra *serra* em III, 65, 5:

Com estas subjugada foi Palmela
E a piscosa Cizimbra ¹, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente:
Sentiu-o a vila e viu-o a *serra* dela,
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

¹ O comentário emenda para *Cezimbra* e observa: «Creio que (Cizimbra) re-

Na edição de 1612 e em outras posteriores — mas não todas — a lição primitiva foi substituída por *o senhor*, com o intuito de dar ao texto um sentido aceitável.

No opúsculo *Dois versos dos Lusíadas*¹ creio ter demonstrado, servindo-me da fonte do poeta², que foi esta a primitiva redacção de III, 65, 5:

(Sentiu-o o Palmela e viu-o a serra dela).

D. Afonso Henriques, que tinha tomado Cezimbra aos mouros, desbaratou em uma serra, nas proximidades de Palmela (que ainda estava em poder daqueles), um poderoso exército, com que o rei de Badajoz vinha socorrer Cezimbra, que não supunha tivesse já sido conquistada pelos cristãos.

É o que diz Duarte Galvão e o que Camões repete, admitindo-se que o verso 5.^o deve ser lido como eu proponho e que, portanto, o antecedente do *Que* do verso 6.^o é o *exército potente* do verso 4.^o.

O comentário adopta a emenda *o senhor*, observando: «a serra (em vez de «o senhor» é certamente devido a estar «senhor» escripto em breve «sñr»; a corr. é já antiga)». E em nota ao verso 5.^o diz: «A villa é Palmella; o senhor della é, como se diz na est. immediata, o rei de Badajoz».

¿ Mas porque razão deve ser Palmela e não Cezimbra a vila do verso 5.^o? ¿ Pois não é esta a que é mencionada em segundo lugar?

Se o poeta realmente tivesse escrito *vila*, não poderia exigir que o leitor ficasse intendendo que se tratava de Palmela. É porisso que eu suponho ter êle designado esta povoação pelo seu nome próprio: *Sentiu-o Palmela*.

Mais ainda. Admitida a interpretação do comentário, o poeta diria que o rei de Badajoz vinha socorrer Palmela:

Sentiu-o a vila e viu-o o senhor dela,
Que a socorrê-la vinha diligente.

presenta a pronuncia do compositor; cf. «Sivilha» em IV 46). Mas podia também o poeta ter adoptado a pronúncia que talvez fosse ainda corrente no seu tempo. «Sehr verbreitet war im Altportuguesischen die Assimilation von e-i zu i-i: *firir, pidir, ... vilhice, vistir, misquinho*». J. Cornu, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, § 84 (Strassburg, 1906). Para a adopção da grafia *Ciçimbra* devia contribuir naturalmente a das palavras *minino* (II, 36,6; IX, 30, 1, etc), *misilhões* (IV, 17, 6, etc.). Em Barros e Castanheda, por exemplo, leu o poeta *difirir, desfirir, cirimonia, mangiricões, perigrino*, etc.

¹ Separata do *Boletim da Segunda classe* da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, 1911.

² *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, cap. 39 ou 43.

É evidente que, nesta hipótese, o *-la de socorré-la* não pode referir-se senão a *vila*, isto é, a Palmela.

Ora isto está em manifesta contradição com o passo da fonte do poeta, transcrito no próprio comentário: «Ha esta nova partio loguo El Rey... e... filhou-a [Cezimbra] por força, e... determinou de hir ver Palmella... levando consigo sessenta bons Cavalleiros, e alguma gente de pé e besteiros, e chegando ha Palmella, e estando vendo a assomou el Rey de Badalhouse com muita Mourama das frontarias daredor... e vinhão... ha gram pressa para socorrer Cezimbra, descuidados de verem nem acharem aly Christãos» etc.

Os mouros vinham socorrer Cezimbra e não Palmela, como o comentário faz dizer ao poeta. É que a pretendida correcção *senhor* é inadmissível.

O emprêgo da palavra *serra* foi sugerido ao poeta por estas palavras de Duarte Galvão, intercaladas no trecho transcrito pelo comentário: «Teuesse ElRey (dom affonso) tras huũ cabeço. E vendo os que eram com elle tâta gente, começaaram aver grande receo. E todos aconselhauam elRey, que se acolhesse asseu arrayal, ho melhor que podesse. Delles deziam que sse possesse em hũa alta serra que per ahi vay, que sse chama asserra dazeitam».

Foi esta serra a que viu o desbarato do exército mouro ¹, desbarato que Palmela também sentiu, a ponto de os seus moradores, diz Duarte Galvão, se preitearem «com elRey, que os leixasse sahir em saluo, & lhe dariam a uilla. E a elRey aprouve dello, e assi ouue a uilla de palmella».

Mantendo-se em III, 65, 5, a lição primitiva *a serra*, substituindo *vila* por *Palmela* ² e incluindo o verso entre parêntesis, ligando-se

¹ A personificação dos seres inanimados encontra-se em vários passos dos *Lusiadas*. Cf. III, 84, 1-4; X, 33, 7-8; X, 118, 1-2.

² Desta substituição, da causa dela, do seu provável autor e dos motivos que teria o poeta para lhe dar carta branca, me ocupo no opúsculo *Dois versos das Lusiadas*, pág. 11-12.

Nunca eu disse que Camões tivesse conhecimento das *emendas* feitas no manuscrito antes de impressos os *Lusiadas*, pois estou convencido de que elle não reviu as provas. É o que afirmo neste opúsculo e o que já anteriormente tinha declarado em uma nota do cap. V das *Fontes dos Lusiadas*.

Apesar disso, o comentário (introdução, pág. xxv) attribue-me «a ideia de que numerosissimos versos do Poema não apresentam a redacção primitiva, ... mas sim uma segunda redacção que o Poeta, infelizmente, acceitou de censores amigos». E prossegue: «No tocante aos bons costumes e pontos de religião ainda se comprehende que o Poeta não cerrasse os ouvidos a conselhos de pessoas amigas; que porêm tratando-se de cousas puramente litterarias elle levasse a sua condescenden-

assim imediatamente o 4.^o verso com o 6.^o, a estância não oferece nenhuma dificuldade e é, por assim dizer, uma reprodução da respectiva fonte.

65. Em IV, 54, 1, o poeta começa a ocupar-se do reinado de D. Afonso V, por estas palavras:

Mas Afonso, do reino único herdeiro...

Único herdeiro não ofereceria dificuldade, se D. Duarte não deixasse mais filhos legítimos; mas na *Crónica* deste rei, devida a Rui de Pina, leu Camões: «Per falecimento d'ElRey ficárom legitimos dous filhos, e quatro filhas, a saber, o Principe Dom Affonso primogenito herdeyro, que logo foy por Rei alevantado, e obedecido em idade de seis annos, ... e o Ifante Dom Fernando, que logo foy jurado por Principe herdeiro, quando d'ElRey seu Irmaom ao tempo de seu fallecimento nom ficasse filho legitimo socessor»¹. E na *Crónica de D. Afonso I*, do mesmo autor, estão repetidas e desenvolvidas estas palavras. D. Afonso é o *filho maior, primogenito herdeiro*, e D. Fernando foi jurado herdeiro do irmão, em quanto este não tivesse filho que lhe sucedesse².

Sendo assim, como é que o poeta podia chamar a D. Afonso V *único herdeiro* de D. Duarte?

Creio que a palavra *primogênito* do cronista sugeriu ao poeta o emprêgo do epíteto *primo* (*primeiro*), que elle já tinha encontrado no *Palmeirim de Inglaterra*, unido também à palavra *herdeiro*³, e que o verso foi assim escrito:

Mas Afonso, do reino *primo* herdeiro...

cia ao extremo que o Dr. José Maria Rodrigues imagina, ... é suppor o mal aventurado Luis de Camões cahido em completa demencia».

O que eu escrevi foi: «Em uma comunicação apresentada ha tempos á Academia Real das Sciencias formulei a conjectura de que foi o proprio revedor do Santo Officio, Fr. Bartholomeu Ferreira, quem, a pedido de Camões, substituiu varias palavras do poema, na melhor das intenções, mas com pouca felicidade. E o peor é que as *emendas* ficaram, porque o poeta não reviu as provas». *Instituto* de 1927, pág. 310.

¹ Cap. 45. *Inéditos da Academia*, 1, pág. 189.

² Cap. 1.^o *Ibid.*, pág. 204. Cf. pág. 85 (*Crónica de D. Duarte*). «O Ifante Dom Affonso filho primogenito, legitimo herdeiro d'ElRey... foy ho primeiro... que se chamou Principe, porque atee elle, todoloos outros se chamaram Ifantes primogenitos herdeiros» (cap. 5).

³ «Senhora, aquelles tres caualheiros estranhos... determinã nam casar se nã com damas, que, enfastiadas de seus seruidores, se queiram contentar delles...»

A desastrada modificação seria devida à mesma pessoa que no manuscrito dos *Lusíadas* teria feito a alteração há pouco mencionada (n.º 64) e outras mais.

O comentário explica: «único] i. é, que tem a primazia (como filho primogenito; D. Duarte deixou, legítimos, dois filhos e duas filhas)».

É claro que *único* não é o que tem a primazia, é o que é só. A primazia supõe a pluralidade e a unidade exclue-a.

Para justificar a sua interpretação, acrescenta o comentário: «cf. «único herdeiro» (iv 2, 7) applicado a D. João I, e com. a v 55, 4».

Em iv, 2, 7, o poeta não chama, nem podia chamar, ao mestre de Avis simplesmente *único herdeiro* de D. Fernando, pois eram quatro os pretendentes à corôa⁴. Chama-lhe *único herdeiro verdadeiro*, o que é muito diferente:

Joane, sempre illustre, alevantando
Por rei, como de Pedro unico herdeiro,
Ainda que bastardo, verdadeiro.

Em v, 55, o gigante Adamastor diz a Vasco da Gama que uma noite lhe apareceu o lindo gesto

Da branca Thetis, unica, despida.

O comentário a êste verso observa: «única] = sem par (*unicus*)».

Admitindo mesmo que *única* não significa neste passo *só, desacompanhada*, mas *sem par*, isto não justifica o epíteto *único* de iv, 54, 1. *Único herdeiro* só o seria D. Afonso V, se D. Duarte não tivesse deixado mais filhos que lhe pudessem suceder. *Único herdeiro*, na significação de *herdeiro único, herdeiro sem par, herdeiro sui generis, herdeiro como não havia outro*, não tem razão de ser, não se justifica.

O comentário a iv, 54, 1, termina por estas palavras: «O Dr. J. M. Rodrigues imagina que «único herdeiro» é «inexactidão que... se deve attribuir, não a Camões, mas a quem pretendeu melhorar o poema» e supõe que o Poeta escrevera «Mas Affonso, do reino primo herdeiro»! (*O Instituto*, 1907)».

Todos tres sam primos erdeiros de estados nobres, hũ se chama Lustramar, filho mayor do marques Astramor, o outro Arpiã, erdeiro do ducado de Archeste, o terceiro Gradiante senhor do condado de Artasia» (cap. 129; t. II, pág. 524-525 da edição de 1786).

⁴ Veja-se a *Primeira parte da Cronica delRei dom Joham da boa memoria*, cap. 183 e segg. O cap. 183 tem por epigrafe: «Como o doutor Joham das Regras propos em nas Cortes, mostrando que avia quatro herdeiros do rreino».

Recorde-se o leitor do *primogénito herdeiro das Crónicas de D. Duarte e de D. Afonso V* e dos *primos herdeiros do Palmeirim de Inglaterra* e decida sôbre o apropósito da exclamação do comentário.

66. Em VIII, 21, refere-se Camões a tomada de Évora por Giraldo Sem-pavor:

Olha aquele que dece pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde com que alcança
A cidade por manhas e ousadias, etc.

A fonte desta estância é o capítulo XIV do opúsculo de André de Resende, intitulado *Historia da antiguidade da cidade Euora* e publicado em 1553.

Eis o que ai deixou exarado a fantasia¹ do notável eborense: «Quomo Euora sta situada en esta planura eminête & descoberta que de nenhũa parte se lhe pode encobrir cilada, se nõ detras do oteeiro de sanct Bêeto, para obuiar a isto, fezeran hos mouros alli haquella torre, onde tinham sua perpetua attalaia, que a outra da cijdade continuamête fazia suas almenaras & signaes entre si cognescidos. Esta attalaia determinou Giraldo primeiramête tomar. Et sabendo que en ella staua hũo mouro com hũa moça sua filha e nõ mais, partiu de nocte com seus caualleiros a grand secreto, & foi se lâçar detras do dicto oteeiro, e mãdando lhes que steuessem prestes para sua tornada, ou hũo certo signal que lhes faria, elle soo sen hauer temor dos casos incertos, conforme a seu nome, se foi contra ha torre, leuando stacas que mettesse per hũos buracos, para subir hacte ha janella, que de outra maneira nõ se sobia sen scala lâçada de cima. Et para poder enganhar ha vista de quem veelasse, cercouse todo de rama. Chegou aa torre furtado da frontaria da janella, a horas de meia nocte, e ordenou Deus que fosse em tal asseio, que ho Mouro que hacte entam veelara, se foora a dormir, & encômêdara ha veela

¹ O que não quer dizer que não seja verdadeiro o facto da tomada de Évora por Giraldo Sem-pavor, também por meio de alguma surpresa ou de alguma cilada. São interessantíssimas as notícias sôbre o assunto, extraídas de autores muçulmanos e publicadas pelo distinto arabista, Sr. David de Melo Lopes, na sua memória *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1911, pág. 121 e segg. O cão do Giraldo, o pífido galego, era um inimigo terrível pela sua valentia e pela audácia em escalar cidades, de surpresa, aproveitando-se das noites escuras e tempestuosas. Trujillo, Évora, Cáceres, Montánchez, Serpa, Juromenha, Badajoz caíram assim em seu poder.

aa filha. Ha qual quomo moça & pouco cuidosa de tal cuidado, se soccornou na janella, e addormesceo. Alegre o caualleiro de tã bõa conjunçam, desattandose da rama, trepou, & lançando mão aa moça, deu con ella abaxo: de modo que nunca mais falou, nem fez rumor algõ. & entrando na torre cortou ha cabeça ao Mouro que achou seguramente dormijndo, & entreghe a ho primeiro somno. E por ver que ha hora da nocte era inda tal, que tinha bõe spaço para sen fazer signal elle per si tornar a hos caualleiros, cortou tambõe ha cabeça da moça, & com ellas ambas nas mãos se tornou a elles, animando hos e dando lhes bõo agoiro, com ha cõmoda oportunidade que achara. De alli moueron para ha torre, e sendo inda muito de madrugada, fez na attalaia hũo fogo aa outra attalaia da cidade: dando a intender que per ho campo onde hora é ha casa de nossa senhora do Spinheiro, passauan algõs Christãos» etc.¹.

Procurando interpretar o passo do poeta por meio da respectiva fonte, escrevi no *Instituto* de 1905: «A relação de Resende... suggeriu ao poeta a ideia de um triptyco, rapidamente esboçado. a) *Olha onde esconde a cilada*. Corresponde às palavras de Resende: *de nenhũa parte se lhe pode encobrir cilada, se nõ detras do oteeiro de sanct Bêto*, etc. b) *Aquelle que dece pela lança*. Outra parte do quadro, figurando Giraldo, não a subir á torre por estacas mettidas na parede, á semelhança de qualquer salteador, mas descendo, como esforçado guerreiro, com o auxilio da lança². c) *Com as duas cabeças dos vigias*. É a terceira parte do triptyco. Giraldo Sem Pavor é representado, não a descer pela lança com as duas cabeças dos vigias, — pois, além da difficuldade e inutilidade que nisso haveria, uma das cabeças, a da filha do guarda, estava ainda por decepar, — mas dirigindo-se com os sangrentos despojos para o local onde tinha deixado os companheiros. São as palavras de Resende: *e com ellas ambas nas mãos se tornou a elles...* Não ha duvida que o sentido obvio dos primeiros dous versos desta estancia parece ser o que geralmente se lhe dá: Giraldo Sem Pavor desce da torre da vigia por uma lança, trazendo

¹ A ataláia da cidade, enganada por este sinal, apelidou logo os moradores, que saíram á pressa, deixando abertas as portas, por onde Geraldo entrou.

² Acrescento agora que em Castanheda, por exemplo, leu o poeta passagens, como estas: «Ho cõtramestre... não podendo sobir pela escada por a gente ser muyta, sobio pela lança q̄ leuaua ate que lâçou a mão ezquerda ao muro, & se pegou» (Livro VIII, cap. 3o). «E por ser ho muro baixo sobião pelas lâças, Manoel de Lacerda foi dos primeyros que subio» (L. III, c. 27).

Note-se que, se á torre da ataláia se não podia subir «sen scala lançada de cima», é porque ela naturalmente não tinha porta. Daí a descida de Giraldo pela lança.

na mão a cabeça do guarda e a da filha. Mas a fonte de que o poeta se serviu, por um lado, e por outro, a impossibilidade de descer por uma lança, de uma torre elevada, com duas cabeças humanas na mão, e o ser isto uma perfeita inutilidade, pois o caudilho cristão as podia lançar da janella da torre abaixo, como, segundo a exposição de Resende, fez á filha do vigia, — tudo isto mostra que deve ser outra a interpretação daquelles versos» (pág. 187-192).

Para o comentário o quadro é só um. O poeta representa Giraldo Sem-pavor descendo o outeiro com o auxilio da lança e trazendo as duas cabeças dos vigias, conseguindo com a morte destes que a sua cilada não seja conhecida. «Cam., querendo memorar unicamente em quatro versos o feito, que tambem nas pinturas das bandeiras, onde tantas façanhas tinham de ter entrada, havia de occupar limitado espaço, como era de todo indifferente para o resultado final, que Giraldo degolasse a filha do mouro logo na torre ou primeiro a deitasse da torre abaixo e depois lhe cortasse a cabeça, afasta-se um pouco de Resende, simplificando e tornando mais rapida a narrativa, e, com summa arte, faz convergir desde logo a atenção para o acto preliminar, de importancia capital, o sellar Giraldo para sempre os labios aos vigias. Põe-nos pois diante dos olhos — *in medias res auditorem rapit* — Giraldo já a descer o outeiro ¹, com o auxilio da lança que lhe servira tambem á subida (lembremo-nos das estacas de que fala Resende), levando aos seus cavalleiros a prova de que já os vigias não podiam atravessar-lhe o estratagema que havia de abrir ao ardiloso e ousado caudilho as portas da cidade... «Onde» equivale a «com o que» (como em VII, 87, 3), i. é, com a morte dos vigias. «a cilada» (*insidiae*) é o estratagema que Resende refere. «esconde» equivale a «consegue que (a cilada) não seja reconhecida como tal». O Dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto* de 1905, pág. 187-192), não entendendo a contextura do periodo, por desconhecer a significação do adverbio «onde», que... não vem registada nos dictionários, cuida que a relação de Resende «suggeriu ao poeta a ideia de um triptyco rapidamente esboçado» (segue-se a transcrição que acima fiz).

Uma das partes do triptico fá-la desaparecer o comentário, supondo que no verso 1.º,

Olha aquele que dece pela lança,

¹ Ao resumir a narrativa de Resende, o comentário diz tambem: «entrado na torre (Giraldo) cortou a cabeça ao mouro que dormia; depois, descendo o outeiro, corta igualmente a cabeça á filha do vigia «e com elas ambas nas mãos se tornou» aos seus cavalleiros». Note-se a confusão da *torre* com o *outeiro*.

o poeta figura Giraldo Sem-pavor a descer, não da torre da vigia, mas o outeiro de S. Bento.

Ora êste não era necessário descê-lo *pela lança*, pois nesse caso já não seria um outeiro, seria um precipício ¹.

Pela lança tem uma significação mais precisa do que «com o auxílio da lança». Giraldo Sem-pavor podia apoiar-se na lança, quer para subir quer para descer o outeiro ², mas não o subiria, nem desceria *pela lança*. Esta maneira de dizer só pode referir-se à torre.

Outra parte do tríptico — o sitio onde Giraldo escondeu a cilada ³ — elimina-a o comentário com a interpretação que dá a palavra *onde*, por que começa o verso 3.^o.

Mas o texto do poeta e o seu confronto com Rêsende não permitem hesitações. *Onde* é o local em que Giraldo *se foi lançar* e não o equivalente de *com o que*, que neste caso seria, não propriamente a *morte dos vigias*, mas o *descer pela lança*.

Para a interpretação que o comentário quer dar à palavra *onde* nada prova o passo citado de VII, 87:

Aqueles sós direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em lama a dilataram.

Onde não é, como pretende o comentário, igual a: «com o que, i. é, com aventurar a vida»; é o complemento de lugar de *aventuraram* e equivale a: *em empresas, nas quais*. Cf. *Palmeirim*, cap. 139 (pág. 104, t. 3.^o, da edic. de 1786): «Despendi o tempo e aventurey a vida, onde mo nã souberá agradecer».

67. Quando os portugueses voltavam do descobrimento da India, Venus, para que êles repousassem e recebessem o prémio das fadigas

¹ O outeiro de S. Bento, que aliás o poeta podia não conhecer, é pouco elevado e tem um pequeníssimo declive.

² Releiam-se as palavras do comentário: «Põe-nos (o poeta) diante dos olhos... Giraldo já a descer o outeiro, com o auxílio da lança que lhe servira também á subida». E mais abaixo: «pela lança» quer dizer «por meio da lança, valendo-se da lança». Rêsende diz que Giraldo tornou para junto dos seus «com [as cabeças] ambas nas mãos». ? Como é que assim podia *descer pela lança*?

³ Recorde-se o que diz Rêsende: «(Giraldo) partiu de nocte com seus caualleros a grand secreto, & foi se lâçar detras do dicto oteiro». *Lançar* é o termo técnico, tratando-se de ciladas. Basta uma citação. «O Conde... partindo á noite de Alcacer se foi lançar ácerca da cidade (de Tanger) quanto seria meia legoa, onde se chama a cilada das Figueiras». Azurara, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, cap. 143.

passadas, resolveu preparar-lhes, no meio do mar, uma ilha divina, pois que

... muitas tem no reino que confina
Da primeira co terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Pera dentro das portas Herculanias.

(IX, 21, 5-8).

É fácil de vêr que o 6.º verso desta estância, tal como fica reproduzido e se lê nas quatro primeiras edições do poema, além de deficiente quanto à métrica, não pode ter uma interpretação que seja aceitável.

Na tradução castelhana de Caldera, publicada em 1580, procurou remediar-se o inconveniente com a introdução da palavra *mãe*:

de la primera madre con el seno.

Parte dos exemplares da quinta edição (1597) adoptaram êste aditamento, ficando o verso, em português:

Da mãe primeira co terreno seio.

Das edições posteriores, umas reproduzem assim o verso, outras mantêm a lição primitiva ¹.

Mas se esta não diz cousa que se perceba, a *mãe primeira* também não adianta mais.

¿ Que deve dizer o poeta nos versos 5 a 8 de IX, 21 ?

Que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo ², tem muitas também na parte do mar das Índias que os portugueses vinham atravessando, isto é, na parte dêste mar que fica entre a Índia e a costa oriental da Africa.

E que o poeta localiza neste mar, e não no Atlântico, a *ilha dos amores*, é o que resulta do confronto de vários passos dos cantos IX e X.

Em primeiro lugar, a ilha appareceu aos portugueses, quando êles já desejavam provêr-se de água fria, isto é, quando já se achavam há

¹ Nos séculos XVII e XVIII aparece também em várias edições (1631, 1633, etc.) a correcção:

Có a primeira do terreno seio.

² Tais eram Chipre e Citera. Cf. V, 5-8. Daí as designações de *Deusa Cítiria* e de *Citêria*, dadas a Venus, por exemplo, em IX, 18, 1; 53, 8; 57, 5.

muito afastados da costa da Índia ¹, mas tinham ainda diante de si a *grande viagem prolongada* (IX, 51):

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada.

E com mais precisão, excluindo o Atlântico, diz a *bela ninfa*, que na *ilha dos amores* estava profetizando os feitos dos portugueses no Oriente:

Virá depois Meneses, cujo ferro
Mais na África que cá terá provado.

(X, 53, 1-2)

A palavra *cá*, contraposta a *África*, isto é, a Marrocos, onde D. Duarte de Meneses *tinha acabado honrados feitos*, como capitão de Tanger ², mostra que a ninfa está falando em um sítio que fica para lá do Cabo da Boa-Esperança, isto é, no Oceano Índico ³.

Mas em IX, 21, devia encontrar-se uma determinação ainda mais precisa, como o mostra o verbo *confinar* do 5.º verso e o *terreno seio* do 6.º.

A *ilha dos amores* fica no mar que *confina... co terreno seio*, isto

¹ Vasco da Gama gastou quatro meses para chegar à vista da costa *africana*, nas alturas de Magadoxo. Veja-se, por exemplo, Castanheda, *História do descobrimento* etc., l. I, cap. 27.

² Barros, *Década III*, 7, 1.

³ O *Id* de X, 39, 3:

Mas ó que luz tamanha que abrir sinto,
.....
Lá no mar de Melinde...

mostra que a *ilha dos amores* se achava muito para leste da costa (oriental) da África, em pleno mar, entre esta e a Índia.

O *cá* de X, 96, 5,

Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro,

não pode ser aduzido a propósito da localização da *ilha dos amores*, pois pertence às estâncias em que Tethys está ministrando a Vasco da Gama uma lição de geografia, servindo-se de um globo, para o qual vai apontando: *olha lá essa terra de Africa* (X, 92, 7); *olha lá as alagoas donde o Nilo nasce* (X, 95, 1-2); *nê cá a costa do mar de Melinde* (X, 96, 5-6); *cá dest'outra banda de Roçalgate começa o reino Ormuz* (X, 101, 3-5), etc.

é, com uma *enseada*, que a palavra ou palavras que primitivamente estavam onde hoje se lê o enigmático *primeira* especificavam.

Que *terreno seio* é uma enseada, uma curva feita pela costa, dizem-no expressamente as duas palavras.

O *sinus* latino e o *seio* ou *enseada* português significam, quer a curva feita pela terra, quer a que faz o mar, isto é, o *seio* pode ser terreno ou marítimo ¹.

Um *terreno seio*, uma *enseada, feita pela costa*, havia-a na própria *ilha dos amores* (IX, 53, 5-8):

Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia ãa enseada,
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.

De outro *terreno seio*, de outra *enseada, feita pela costa*, se faz menção em V, 73, 3-8:

Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando pera o pego toda a armada,
Porque, ventando Noto manso e frio,
Nos não apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz ali daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda ².

¿ Qual é, pois, o *terreno seio* de IX, 21, 6?

Reparando na configuração das costas banhadas pelos mares em que a *ilha dos amores* podia aparecer aos portugueses que vinham da Índia, dous grandes *terrenos seios* se destacam logo.

¹ A significação primitiva de *sinus* é a de *terreno seio*, «in ora maris terra curvata et recedens, ac velut sinum praebens aquis incurrentibus». Forcellini-De Vit, *Totius latinitatis lexicon*, Prati 1871. Mas também no latim há o *sinus maritimus* (cf. *Verrina* 5.^a, § 56). Moraes define *enseada* o «arco á borda do mar, formado a modo de sino ou seio». Á *enseada*, ao *terreno seio*, corresponde assim o *golfo* ou *bata*. No francês também a palavra *sein* pode significar *sinuosité du rivage* (*Dictionnaire général* de Thomas).

² De um *seio do mar*, de um *marítimo seio*, fala o poeta em X, 106, 5-6:

A terra de Cambáia vê, riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada.

Empregados sem qualquer qualificativo, *seio* e *enseada* encontram-se em vários passos dos *Lusíadas*. Cf. II, 45, 3; X, 35, 1; 106, 2; 129, 4; etc. Em X, 125, 3-4, o golfo de Sião é indicado apenas pela curvatura da costa, isto é, pelo *terreno seio*.

Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.

Um é o que corresponde ao golfo da Guiné, por fora do qual passou Vasco da Gama, e que porisso Camões não escolheria, para nele colocar aquela ilha.

Outro é a enorme curva, delimitada nos seus extremos pela costa ocidental da Índia e pela oriental da África, curva a que Lopes de Castanheda, uma das fontes do poeta, chama *hũa muyto grande enseada que ali faz a terra*¹; a terra de África é a terra de Ásia, é claro.

É esta, pois, a indicação que falta em IX, 21, 6, e que foi substituída pela palavra *primeira*.

Leia-se agora toda a estância:

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das águas algũa insula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio,
Que muitas tem no reino que confina
De Africa e de Asia co terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Pera dentro das portas Herculanas.

As palavras do poeta teriam sido riscadas no manuscrito pela mesma pessoa a que me refiro no n.º 64, a qual teria escrito ao lado a nota: *da primeira*, para que o verso fosse modificado, fazendo-se referência só à África², e depois o compositor teria feito a alteração, supondo que a nota era destinada a substituir o texto³.

O comentário aceita a lição «mãe primeira», que julga «seguríssima», e supõe que a introdução da palavra *mãe* no texto «proveio de nota marginal posta pelo proprio Poeta ou por quem directa ou indirectamente d'elle a houvesse recebido».

¹ «Provido Vasco da Gama de todo o necessario pera sua viagem, partiosse de Melinde pera Calicut. . . e dali começou logo datrauessar hum gollão de setecentas e cincoenta legoas, porque faz ali a terra hũa muyto grande enseada» (*História do descobrimento* etc., l. I, cap. 13). A fonte de Castanheda, o *Roteiro de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*, diz também: «E aquy (*entre Melinde e Calecut*) he a costa de norte e sull, porquanto a terra aquy faz huuma muito grande emseada e estreito, em a qual emseada. . . ha muitas cidades de christãos e mouros» (pág. 49 da 2.ª edição)

² As razões seriam as mesmas que, séculos depois, levaram Gomes Monteiro a identificar a *ilha dos amores* com a ilha de Zanzibar; seriam os advérbios *cá* de X, 96, 5, *lá* de X, 95, 1, etc. Cf. o que fica dito a êste respeito.

³ Dêste assunto me ocupo no opúsculo, já citado, *Dois versos dos Lusíadas*. A proposta de correcção, porém, já tinha sido sumariamente indicada no *Instituto* de 1905.

Emquanto à interpretação, diz: a) «o reino que confina [Da mãe primeira co terreno seio] é o reino do Padre Oceano que rodeia o mundo universal» (v. VI, 27)... Cam., querendo justificar a sua ficção da «insula divina», diz-nos que Venus, além das ilhas do mar Mediterraneo, ... celebradas pela litteratura greco-romana, ... possui muitas outras na vastidão do mar que circumda a parte solida do globo»¹. b) «A «mãe primeira» é a Terra, a *Tellus mater*, *Terra mater* da religião romana... Demais este conceito ocorre frequentemente nas litteraturas modernas». c) «Em «o terreno seio da mãe primeira» o pleonasma é ainda menos estranho que em «Se lá dos Ceos não vem celeste aviso» (II, 5g), em «a sede dura... Do peito cobiçoso e sitibundo (IV, 44)»...

Mas a êste respeito cumpre observar o seguinte:

a) Em VI, 27, 5-8,

E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assi permites
Que dentro vivam só de seus limites,²

há uma reminiscência da velha doutrina de Homero e de outros poetas gregos, que consideravam a terra como um disco, rodeado pelo rio Oceano³.

Ora não é o Oceano tomado nesta acepção, nem mesmo o mar,

¹ O comentário continua: «O Dr. J. M. Rodrigues, amesquinhando a concepção de Camões, tem para si que o 6.º verso «saiu assim das mãos do poeta: De Africa e de Asia co terreno seio» (*O Instituto*, de 1905)».

² Quem isto diz é Baco, falando no concilio dos *deuses da água fria* (VI, 16, 3), que Neptuno mandara convocar e onde também compareceu

... o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara.
(VI, 20, 1-2).

O «padre Oceano» (*Oceanum patrem rerum*, Vergilio, *Georgicas*, IV, 382; cf. *Iliada*, XIV, 201, 246) tinha sido substituído por Neptuno, a quem Baco se dirige em primeiro lugar:

Príncipe, que de juro senhoreias
De um polo ao outro polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado...
(VI, 27, 1-4).

³ Veja-se, por exemplo, Forbiger, *Handbuch der alten Geographie*, t. I, pág. 4-5 (Homero), 22 (Hesíodo), 27 (Ésquilo).

no sentido geral, que o poeta, em IX, 21, contrapõe ao Mediterrâneo.

O *reino*, o mar, de que neste passo se fala, deve ser o mar, ou melhor, um dos mares por onde os portugueses navegaram para chegar à Índia: é o mar das Índias ou o Atlântico.

Com efeito, Venus,

Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deus nascido
Nas Amfioneias Tebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Pera prémio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de cristal, liquido e manso.

(IX, 19).

É claro que a situação da *ilha dos amores* não ficaria determinada, se Camões dissesse que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo, tem muitas *no reino do Padre Oceano, que rodeia o mundo universal*.

¿ De que servia esta indicação vaga de que a ilha ficava na vastidão do mar que circunda a parte sólida do globo, indicação complicada ainda com o primitivo conceito dos gregos acerca do Oceano?

Mas o pensamento do poeta fica perfeitamente claro e proporcionado, se elle disse que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo, tem muitas no mar que Vasco da Gama navegou para chegar à Índia, ou, ainda com mais precisão, no Oceano Índico ou no Atlântico.

E a esta condição satisfaz plenamente a emenda que propôs.

b) Não há dúvida que é frequente a designação de *mãe*, dada a terra. ¿ Mas que quer dizer a frase: *o mar que confina com o seio da terra*? Não quer dizer nada.

Ainda se compreenderia a proposição — a terra, isto é, a parte sólida da superfície do globo fica no seio do mar, acha-se envolvida por este —; mas dizer que o mar confina com o seio da terra é empregar palavras a que não correspondem ideias.

¿ Que é o seio da terra, se por esta expressão se não entender o interior do globo? Ora ninguem suporá que o poeta quis afirmar que Venus, além das ilhas que possui no Mediterrâneo, tem muitas no mar que confina com o interior da terra.

c) «Terreno seio» e «marítimo seio» são termos que pertencem à nomenclatura geográfica e tem portanto uma significação precisa e determinada. São as curvas reítrantes formadas pela costa, as en-

seadas no sentido primitivo, e são as curvas salientes do mar que àquelas correspondem, isto é, os golfos e baías ¹.

«Terreno seio da mãe primeira» é cousa que não há. O que há são muitos *terrenos seios* nas costas dos continentes e das ilhas. E um dêles é o que fica entre a costa ocidental da Índia e a oriental da África e que Castanheda chama, como fica dito, «hũa muyto grande enseada» que «faz ali a terra» ².

¹ No aditamento à palavra *enseada* no Dicionário de Moraes (edição de 1858) diz-se: «(a enseada) refere-se propriamente à curvatura das praias ou ribeiras do mar, a qual faz uma espécie de arco ou seio em que entram as águas; o *golpho* refere-se mais propriamente à grande massa das águas do mar que entram na enseada e enchem aquelle seio que lhe abrem as terras». E Moraes tinha citado este passo de Lucena: «fazendo a costa hum grande arco, a que chamamos enseada».

² Para João de Barros, esta enseada é «aquelle grande golfão que ha da costa da Índia a estoutra de Melinde na terra de Africa» (*Década* I, 4, 11).

REGISTO

CANTO I

	Pág.
1, 1	78
1, 4	"
1, 6	79
2, 7	80
6, 5-8	83
7, 7-8	94
8, 7	86
11, 7	1
12, 1-4	30
17, 3	89
18, 1-2	31
18, 5	89
25, 7-8	33
34, 5-7	90
35, 5	82
39	94
40, 1-3	99
42, 3-6	34
51, 1-2	2
57, 5-6	35
61, 2	81
69, 5	36
82, 1-4	40
91, 5	36
95, 1-6	37

CANTO II

4, 7-8	91
8, 1-3	"
27	43
29, 5-8	92
32, 5-6	40
39, 6	41
44, 1	94
48, 1-2	45
53-54	96
54, 2	97
55, 5-6	3

	Pág.
64, 7	97
81, 5-7	"
103, 1-2	47
106, 1-4	98
111, 3-4	49
112, 3-4	98

CANTO III

1, 5-6	5
7	99
7, 7	6
16, 6-8	7
21	95
31, 6	41
44, 6-8	104
53, 7-8	94
57, 3-4	7, 94
61, 5-8	49
63, 5	8
65, 5	104
72, 7-8	95
73, 1	58
77	55
77, 3-4	50
77, 5	58
105, 7-8	49
140	102
143, 5-8	51

CANTO IV

2, 7-8	108
25, 6	9
36, 8	10
49, 1-2	89
49, 5-6	56
54, 1	107
64, 3-4	95

67, 6-8	Pág. 60
74, 1-2	95
75	62

CANTO V

3-12	96
6, 1.	11
11	12
52, 1	64
55, 4	108
95, 7-8	14

CANTO VI

3, 6.	89
14, 1-7	39
19, 8	7, 94
22, 5-6	5 n. 6
27, 5-8	117
30	95
47, 7-8	46
93	66

CANTO VII

1, 4.	95
4, 8.	67
27, 1-2	32
34, 3-4	68
68, 8	69
75, 7-8	16
87, 3	112

CANTO VIII

3-4.	Pág. 95
5, 3.	7, 94
11, 1-2	17
13	72
17, 4	55
21	109
24	69
28, 5-6	46
32	71
35	18
71, 4	56
73, 5	89 n. 3

CANTO IX

16-17.	44
21, 5-8	112
30	73
34, 5-8.	21

CANTO X

13	75
14, 7	23
50	77
53, 1-2	114
64, 5-8	27
68, 1-2	88
93	95
95	»

